



RESSONÂNCIAS ÉPICAS EM YACALA, DE ALBERTO DA CUNHA MELO
ERICA ROBERTA DOURADO

2015

ERICA ROBERTA DOURADO

**RESSONÂNCIAS ÉPICAS
EM YACALA, DE ALBERTO
DA CUNHA MELO**

TRÊS LAGOAS - MS
2015

ERICA ROBERTA DOURADO

**RESSOÂNCIAS ÉPICAS EM *YACALA*, DE
ALBERTO DA CUNHA MELO**

**TRÊS LAGOAS – MS
ABRIL/2015**

ERICA ROBERTA DOURADO

**RESSONÂNCIAS ÉPICAS EM *YACALA*, DE
ALBERTO DA CUNHA MELO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários ou Estudos do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Batista de Sales

**TRÊS LAGOAS – MS
ABRIL/2015**

ERICA ROBERTA DOURADO

**RESSONÂNCIAS ÉPICAS EM YACALA, DE ALBERTO DA
CUNHA MELO**

Dissertação apresentada como exigência final para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas, pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em: 24/04/2015

Prof. Dr. José Batista de Sales

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Orientador / Presidente)

Prof. Dr. Arnaldo Franco Junior
UNESP/IBILCE (Titular)

Profa. Dra. Kelcilene Grácia-Rodrigues
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Titular)

*Aos meus pais, maiores incentivadores
Meus irmãos, companheiros presentes
a vó Maria e tia Fátima, pelo carinho
Cris e Pedrinho, por toda alegria
e ao vô Francisco (in memoriam)*

MEUS AGRADEIMENTOS

A todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte desse processo tão importante para minha formação enquanto ser-aprendiz.

Aos amigos de agora e de tempos atrás, que se fizeram presentes ou que entenderam as minhas ausências.

Aos amigos da turma de mestrado/2013, e aos agregados, companheiros de trabalhos, angústias, longas discussões, viagens e intensas risadas.

Aos professores que fizeram parte do meu processo educacional, incentivando e mostrando que a educação ainda é o melhor caminho para a formação sócio-cultural do ser humano.

À Prof^a Dr.^a Clara Ávilla Ornelas, grande mestre e maior incentivadora em conhecer o arquivo pessoal de Alberto da Cunha Melo.

À Claudia Cordeiro, musa do poeta, e ser humano singular. Obrigada pela receptividade e carinho.

À CAPES, pela apoio institucional e financeiro concedido, o que, de certa forma, foi imprescindível para a plena realização deste trabalho.

A todos os funcionários do Programa de Mestrado em Letras da UFMS/CPTL.

Em especial, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. José Batista de Sales, pela excelente orientação e pela amizade e toda a compreensão para comigo. Obrigada por ter despertado o gosto pela poesia e, principalmente, por me encorajar a prosseguir na jornada acadêmica.

*É preciso ser companheiro
do Tempo e mergulhar na Terra,
e segurar a minha mão
e não ter medo de perder.*

*Nada será fácil: as escadas
não serão o fim da viagem:
mas darão o duro direito
de, subindo-as, permanecermos.
(Cartão de visita – Alberto da Cunha Melo)*

RESUMO

DOURADO, Erica Roberta. *Ressonâncias épicas em Yacala, de Alberto da Cunha Melo*. Três Lagoas, 2015. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos Literários) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS.

A pesquisa sobre o poema longo ou poema narrativo é ainda bastante incipiente, consequência de uma tendência da crítica contemporânea que, erroneamente, leva o estudioso interessado a acreditar que “desapareceram” completamente do universo literário nacional os traços da literatura épica clássica e que, portanto, não existem autores modernos e contemporâneos a produzir e publicar o chamado poema longo. Com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o poema narrativo contemporâneo e refletir sobre as razões do seu “desaparecimento” pretende-se compreender criticamente o poema *Yacala* (1999), de Alberto da Cunha Melo, e estabelecer configuração das inter-relações épicas e líricas, enquanto gêneros literários no contexto contemporâneo, marcado pela ruptura de fronteiras conceituais, como elementos estruturais e temáticos para a realização desse poema. Diante de tal quadro lacunar, os resultados de um estudo sobre um poema narrativo de autor contemporâneo deverão trazer um aporte significativo de informações, questionamentos e outros desdobramentos relevantes para compreensão do processo de formação/elaboração da tradição literária e cultural brasileiro. A compreensão das peculiaridades formais e temáticas desta composição como poema narrativo, detectando suas ramificações formais e temáticas, bem como ampliar o conhecimento sobre a realização artístico-literária de seu autor, ainda muito restrito ao círculo cultural nordestino. Para isso, o trabalho foi dividido em três capítulos e uma estruturação dos apêndices para apresentar e detalhar o material estudo na fortuna crítica. O aporte teórico surge entrelaçado aos capítulos, de modo que as reflexões apareçam ao longo do texto e vão se desenvolvendo com o decorrer da pesquisa.

Palavras-chave: Poema narrativo longo; Poesia brasileira contemporânea; Retranca.

ABSTRACT

DOURADO, Erica Roberta. Epic resonances in Yacala, Alberto da Cunha Melo. Três Lagoas, 2015. Dissertation (Master of Arts, Literary Studies) - Federal University of Mato Grosso do Sul - UFMS.

The research on the long poem or narrative poem is still incipient, consequence of a trend of contemporary criticism that mistakenly takes the interested scholar to believe that the traces of classical epic literature completely disappeared from the national literary universe and, therefore, there are no modern and contemporary authors who produce and publish the long poem. In order to increase the knowledge about the contemporary narrative poem and reflect on the reasons for its "disappearance", it is intended to critically understand the poem Yacala (1999), by Alberto da Cunha Melo, and establish a configuration of the epic and lyrical interrelations, as literary genres in the contemporary context, marked by the breaking of conceptual boundaries, such as structural and thematic elements to the completion of this poem. Facing such incomplete picture, the results of a study on a narrative poem by a contemporary author should bring a significant contributing information, questioning and other relevant developments for understanding the process of formation / development of the Brazilian literary and cultural tradition. Understanding the formal and thematic peculiarities of this composition as a narrative poem, by detecting its formal and thematic branches, as well as increasing the knowledge about the artistic-literary achievement of its author, still very restricted to northeastern cultural circle. To do such thing, the work was divided into three chapters and a structuring of the appendices to present and detail the study material in the critical fortune. The theoretical contribution comes interwoven into chapters, so that the reflections appear in the text and develop themselves over the course of the research.

Keywords: long narrative poem; Brazilian contemporary poetry; Retranca.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. FORTUNA CRÍTICA DE ALBERTO DA CUNHA MELO.....	14
1.1 Descrição do material	15
1.2 A poética de Alberto Cunha Melo: entre o velho e o novo	26
1.3 Considerações sobre a fortuna crítica do autor	31
2. A CONSTITUIÇÃO DA OBRA ENQUANTO POEMA NARRATIVO.....	32
2.1 Yacala: descrição da obra e seus aspectos narrativos	32
2.1.1 O narrador.....	34
2.1.2 As personagens.....	39
2.1.3 O espaço	48
2.1.4 O tempo	55
3. OS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO TEXTO	59
3.1 A métrica: o uso da retranca	59
3.2 Rimas alternadas e emparelhadas: as variações.....	61
3.3 As figuras de linguagem	67
3.4 O enjambement e o encadeamento de ideias	71
3.5 As conjunções	73
3.6 Os recursos usados como elementos explicativos no texto	74
BREVES CONSIDERAÇÕES.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
APÊNDICE 1. CATEGORIZAÇÃO DOS TEXTOS	85
APÊNDICE 2. TABELA DE CATEGORIZAÇÃO	95
APÊNDICE 3. BIBLIOGRAFIA COMENTADA.....	103
APÊNDICE 4. LEVANTAMENTO NUMÉRICO DE TEXTOS POR CATEGORIA	125
4.1 Levantamento numérico dos textos ano a ano	126
APÊNDICE 5. ÍNDICES.....	127
5.1 Índice alfabético pela internet.....	127
5.2 Índice alfabético de autores	131
APÊNDICE 6. Memorial.....	134

INTRODUÇÃO

A obra poética de Alberto da Cunha Melo (Jaboatão dos Guararapes, 08 de abril de 1942 — Recife, 13 de outubro de 2007) possui traços estilísticos e estruturais que configuram a renovação na literatura brasileira. O autor pernambucano, pouco conhecido fora do nordeste, produziu obras bastante significativas para o contexto literário nacional.

A poética do autor volta-se para a complexidade do homem e sua relação com o mundo. As angústias e inquietações do ser humano são o que movem o poeta na sua trajetória literária. Do primeiro ao último livro publicado tem-se uma busca pela compreensão da vida, das transformações do mundo e do homem como parte dele.

A pesquisa acadêmica sobre a produção literária de Alberto da Cunha Melo ainda é bastante restrita, se considerarmos seu percurso de escrita, que teve início em 1966, com a publicação de *Círculo Cósmico*, e o valor estético de suas obras. Com o lançamento de *O cão de olhos amarelos* (2006) aumentou-se o número de textos sobre o autor. No entanto, ainda são poucos os trabalhos que discutem a obra do poeta.

Tendo como objetivo ampliar o conhecimento do poema narrativo contemporâneo e refletir sobre as razões do “desaparecimento” do poema narrativo no contexto da literatura brasileira, segundo a crítica literária contemporânea, pretende-se compreender criticamente o poema *Yacala* e estabelecer configuração das inter-relações épicas e líricas, enquanto gêneros literários no contexto contemporâneo.

A presente dissertação pretende, portanto, demonstrar a importância da obra *Yacala* (1999), de Alberto da Cunha Melo, como exemplo de poema narrativo ou poema longo produzido na contemporaneidade. Para além de explorar a estrutura e a temática abordadas no *corpus* da pesquisa, objetiva-se traçar um percurso literário do autor por meio da realização de sua fortuna crítica.

Inicialmente, julga-se relevante e necessária a discussão acerca da fortuna crítica do autor, no recorte temporal entre 1998, um ano antes da publicação de *Yacala*, *corpus* dessa dissertação, sendo, também, a primeira crítica encontrada nas pesquisas via *internet* e no arquivo do escritor, e os dias atuais (janeiro de 2015).

A reflexão centrar-se-á na recepção das obras do autor, pela crítica, considerando a análise estrutural e temática das mesmas; junto a isso, estabeleceremos um parecer sobre a crítica, observando o caráter analítico ou impressionista delas.

O trabalho inicia-se com uma explanação a respeito da fortuna crítica do autor e a análise de textos publicados no período mencionado. A seleção dos textos partiu de paratextos encontrados na própria obra do autor (orelha, prefácio, posfácio) e, a partir deles, as buscas concentraram-se na *internet*, visto que muitas das publicações restringem-se à publicações em jornais locais de Recife. Nesse sentido, a busca em sítios virtuais foi extremamente importante para a coleta de informações.

As reflexões têm início ressaltando a importância de se organizar um acervo para que a pesquisa acadêmica possa ter acesso a diferentes materiais importantes para a trajetória literária de um autor. Nesse sentido, Alberto da Cunha Melo conta com um acervo particular organizado por Cláudia Cordeiro, curadora da obra, e o sítio virtual *Plataforma para a poesia* que reúne publicações sobre o poeta e disponibiliza alguns livros do autor, em forma de *e-books*. Tem-se, ainda, a página na rede social *facebook*¹, onde a curadora de sua obra publica os poemas de Cunha Melo, notícias sobre o autor e alguns manuscritos que fazem parte da obra inédita *A noite da longa aprendizagem*.

Ao partir da leitura dos textos encontrados, buscou-se estabelecer os temas tratados, bem como as principais características apontadas pelos autores/críticos que escreveram sobre o autor. Entre os materiais selecionados, destacam-se o prefácio e o posfácio de *Yacala* (1999), escritos, respectivamente, por Alfredo Bosi e Bruno Tolentino. Além desses, a tese de doutorado de Isabel de Andrade Moliterno (2007) e o livro *Faces da resistência na poesia de Alberto da Cunha Melo* (2003), de Claudia Cordeiro.

No segundo capítulo, o mais complexo e que, de fato, estrutura a pesquisa, a discussão prossegue na análise propriamente dita de *Yacala*, poema narrativo composto por cento e quarenta subunidades, estruturados em forma de retranca, forma criada pelo autor. Esse capítulo organiza-se em um título *Yacala*: descrição da obra e seus aspectos narrativos e três subtítulos: As personagens; O espaço e O tempo.

O capítulo terceiro trata de questões referentes à estrutura do texto, sendo dividido em seis subitens que analisam, respectivamente: a métrica; as rimas; as figuras

¹ Disponível na página virtual do autor <<https://www.facebook.com/albertodacunhamelopoeta?fref=ts>> e na página comemorativa aos 70 anos de Alberto da Cunha Melo <<https://www.facebook.com/AlbertoDaCunhaMeloPlataformaparaaPoesia?fref=ts>>.

de linguagem; o *enjambement*; as conjunções e os elementos explicativos do texto. Por fim, nos apêndices, têm-se a categorização dos textos selecionados para a fortuna crítica; uma tabela elencando os textos trabalhados e o tema tratado em cada um deles; e a bibliografia comentada, com um pequeno resumo desses textos.

Espera-se que a realização desse trabalho contribua para o conhecimento e divulgação da obra de Alberto Cunha Melo, para além dos limites regionais do nordeste brasileiro; ampliando o conhecimento e a crítica sobre a poesia brasileira contemporânea, de modo que o conjunto do material encontrado possa favorecer o acesso de outros estudiosos que poderão encontrar, nesse trabalho, referências às críticas produzidas sobre o autor.

1. FORTUNA CRÍTICA DE ALBERTO DA CUNHA MELO

A literatura é um instrumento importante para a preservação da cultura de um povo. Se pelos registros históricos mantemos os traços culturais ou tentamos revivê-los, é pela literatura que descobrimos muito daquilo que na história aparece de forma obscura. Fatos, acontecimentos velados, episódios vistos apenas sob uma ótica são desvelados por meio da ficção literária. Personagens, enredos conflituosos, espaços denunciadores são marcas de uma literatura capaz de registrar o que, por vezes, é ocultado.

Preservar e conhecer a produção literária, portanto, é resgatar a memória de um povo, contribuir para a formação histórica e cultural de uma sociedade. Nesse sentido, entretanto, o Brasil é um país que pouco investe na manutenção dos documentos biobibliográficos de inúmeros poetas, romancistas, cordelistas com imensa produção artística e cultural, relegados, quando muito, ao zelo preservacionista de poucos familiares. Embora haja alguns trabalhos extremamente avançados, esmiuçando a produção artística de determinados autores, o que observamos são poucas instituições com linhas de pesquisa relativas a Fortuna Crítica e Acervo Literário.

Tendo em vista contribuir para os estudos do campo de levantamento de fontes relacionadas ao universo literário, este capítulo elege como tema central a pesquisa de textos sobre o poeta Alberto da Cunha Melo, pois, até onde se tem conhecimento, semelhante incursão no pensamento crítico sobre o autor ainda não foi realizada. Iniciamos a pesquisa em torno de Alberto da Cunha Melo sabendo da dificuldade em levantar dados sobre sua vida e encontrar materiais para a elaboração de sua fortuna crítica.

A maior parte do material encontrado foi veiculado em jornais, revistas e paratextos em livros do autor. A busca pelo material partiu dos prefácios e posfácio da obra *Dois caminhos e uma oração* (2003), livro que reúne três publicações anteriores do autor: *Meditação sob os lajedos* (2002); *Yacala* (1999) e *Oração pelo poema* (1969). Esses textos foram essenciais para iniciar a pesquisa em torno de críticos e estudiosos que tratem da obra de Alberto da Cunha Melo. Os textos mencionados são de Mario Helio (2003) Alfredo Bosi (2003) e Bruno Tolentino (2003).

Além desses textos, buscaram-se mais informações em revistas e jornais publicados *online*. Outra ferramenta importante nesse processo foi a rede social *facebook*, em que a esposa e curadora da obra do autor, Cláudia Cordeiro, publica

poemas de Cunha Melo, entrevistas, notícias, homenagens, fotos de encontros com outros escritores e algumas correspondências que o escritor mantinha com personalidades como Paulo Freire (1921 - 1997) e Henfil (1944 – 1988), o que configura um acervo *online* à disposição de todos os interessados. Ressalva-se, aqui, a importância do poeta como arquivista de sua própria obra.

Todo o material encontrado serviu de subsídio para o estudo em questão, seja para a compreensão de determinadas obras, seja para entender o processo de criação do autor, principalmente no que se refere à metapoesia dupla (de e sobre), em que autores homenageiam o poeta por meio de poemas. A mesma ocorrência é observada em alguns poemas do autor em que se discute o próprio fazer poético. No decorrer do trabalho, os textos encontrados serão descritos e catalogados de modo que possam favorecer a relação estabelecida entre eles.

1.1 Descrição do material

Realizar a fortuna crítica de Alberto da Cunha Melo proporcionou conhecer a crítica sobre suas obras e observar o caminho traçado pelo autor em sua produção poética. Todas as informações obtidas serviram de base para a análise de *Yacala*, além disso, o material levantado mostra a recepção de sua obra pela crítica e a visão do autor a respeito da estética de seu trabalho.

A pesquisa teve início em 2013, na disciplina *Fortuna crítica e acervo literário*, ministrada pela Professora Doutora Clara Ávila Ornellas. Para o trabalho, analisou-se textos sobre a obra do autor, que teve seu primeiro livro publicado em 1966. Por meio da fortuna crítica conseguimos categorizar e resenhar os textos publicados até janeiro de 2015. A pesquisa começa com um texto encontrado por meio digital e, coincidentemente, foi publicado um ano antes da publicação de *Yacala*; trata-se do texto de César Leal intitulado *Três análises sobre o livro Carne de terceira de Alberto Cunha Melo*. Como recorte final, a homenagem de Gustavo Felicíssimo, no livro *Procura & outros poemas*, publicada na página virtual de Alberto da Cunha Melo, em 15 de novembro de 2014.

Nesse percurso, a busca inicial partiu do livro *Dois caminhos e uma oração*, com a leitura do prefácio escrito por Mario Helio (2003)²; a reprodução do prefácio da segunda edição de *Yacala* escrito por Alfredo Bosi e o posfácio elaborado por Bruno Tolentino. Esses textos levaram a algumas reflexões sobre a obra do autor que podem ser assim segmentadas: a) a temática abordada; b) a estruturação de sua composição estética; c) comparação com outros escritores e, d) quem escreveu sobre a obra do autor. As reflexões ampliam-se à medida que os textos são analisados sob a perspectiva de entender os questionamentos levantados.

Iniciar o trabalho de busca e seleção do material para compor a *Fortuna Crítica* de Alberto Cunha Melo demandou uma pesquisa em diversos sítios virtuais, visto que grande parte do material encontrado está disponível em jornais e revistas pernambucanas com veiculação *on-line* e paratextos publicados em livros do próprio autor. Os materiais encontrados, em sua maioria, possuem divulgação em mídia impressa. No entanto, o acesso a eles é dificultoso por encontrarem-se, quase todos, em Pernambuco. Nesse sentido, têm-se apenas algumas imagens das páginas em que o autor foi mencionado.

A rede social *facebook* contribuiu de forma significativa para a elaboração desse texto, uma vez que essa ferramenta trouxe informações relevantes para a execução do trabalho, o que em si revela novas vertentes para a exploração de estudos sobre fortuna crítica. Na página dessa rede social foi possível encontrar textos do autor; correspondências dele com o escritor Paulo Freire e com o cartunista Henfil; fotos de dedicatórias em livros do autor ou de outros escritores; fotos de páginas do seu livro *A noite da Longa Aprendizagem. Notas à Margem do Trabalho Poético*, em cinco volumes manuscritos, compondo, em média, mais de 600 páginas, inédito e inacabado – o primeiro registro relativo a esse livro é de 19 de fevereiro de 1978”, como descrito por Cláudia Cordeiro (2003, p.18).

É importante ressaltar que, para o trabalho que se propõe, as dedicatórias, as correspondências e os manuscritos do autor, com suas anotações pessoais, rascunhos de poemas, letras de músicas e as fotografias com legendas escritas por Cunha Melo não serão abordadas nesse momento. No entanto, são fontes essenciais para um trabalho mais aprofundado que deverá ser realizado posteriormente.

² Autor de *Livrório/Opuszero*, separata da *Revista Arrecifes*, do Conselho Municipal de Cultura da Prefeitura do Recife. Editor de literatura do *Jornal do Commercio*; editor do Suplemento Cultural do *Diário Oficial de Pernambuco* e professor de História Antiga na Universidade Federal de Pernambuco (informações disponíveis em < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/mah.html#nota>>).

O material disponível nessa rede social permitiu aprofundar a busca em outros sítios virtuais, principalmente nos *blogs Plataforma para a poesia*³ e *Germina Literatura*⁴, em que foi publicada uma edição especial, em setembro de 2012, como homenagem aos setenta anos do poeta.

A seleção e categorização⁵ dos textos resenhados inclui cinquenta e oito trabalhos⁶ realizados por diferentes autores, entre os quais se destacam críticos como Alfredo Bosi, escritores como Bruno Tolentino, representantes da Geração 1965, escritores pernambucanos e professores universitários, além de estudantes que se dedicaram a analisar suas obras.

Os textos foram separados por categorias⁷, sendo que em cada uma foi quantificado o número de produções: reportagens em periódicos e *blogs* (13), artigos (10) resenhas (05), prefácios (02), posfácios (02), orelha (01), entrevistas (02), nota (01), ensaio (02), dissertação de mestrado (01)⁸ e tese de doutorado (01), homenagens (11); menção (02), livro (1), resumo (4).

Ao observar os apontamentos anteriores, percebe-se que a maior parte dos materiais circunscreve-se a reportagens publicadas em jornais, revistas e *blogs*. Nessas reportagens, verifica-se uma perspectiva recorrente relacionada à modéstia excessiva de Alberto da Cunha Melo, como expõem os críticos que analisam suas obras, a exemplo de Deonísio da Silva, no prefácio de *O Cão de Olhos Amarelos & Outros Poemas Inéditos* (2006), afirmação que será rebatida por Cunha Melo em uma de suas entrevistas.

Os poemas de Cunha Melo inovam ao utilizar-se da tradição para descrever cenas da atualidade. Segundo esses trabalhos críticos, a construção estética do autor

³ Para mais informações sobre a *Plataforma para a poesia*, acessar a página <<http://plataforma.paraapoesia.nom.br/midias/>>. É possível visualizar a biobibliografia do autor e ter acesso a *e-books*, tais como *Benedito Cunha Melo – poesia seleta*, organizado por Alberto da Cunha Melo para publicação de parte dos poemas escrito por seu pai.

⁴ Disponível em <<http://www.germinalliteratura.com.br/acm.htm>>. A página reúne, ainda, descrição de muitos outros autores.

⁵ A categorização dos textos, bem como a bibliografia comentada, encontram-se ao final da dissertação, nos apêndices.

⁶ Todos os textos utilizados na fortuna crítica estão organizados, ao final da dissertação, em uma tabela em que é possível visualizar o ano de publicação, o autor e o tema abordado.

⁷ A terminologia adotada na categorização dos textos segue os conceitos definidos por Rauer Ribeiro Rodrigues (2013) no texto denominado *Estudo preliminar para elaboração de fortuna crítica de autor brasileiro contemporâneo*.

⁸ Ainda não se teve acesso a dissertação de mestrado de Norma Maria Godoy Faria, intitulada *Metapoesia e profecia em Alberto da Cunha Melo*, uma vez que o material não se encontra digitalizado no sítio da Universidade Federal da Paraíba e a autora não responder aos *e-mails* enviados solicitando o material, bem como a biblioteca da Universidade Federal da Paraíba, que não disponibilizou nenhum parecer sobre o pedido de envio do material.

possui semelhança com a poesia de João Cabral de Melo Neto, como observado por Ivan Junqueira, em reportagem publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 26 de novembro de 2006, com o título “Diálogo cortante com Kafka nos poços profundos da angústia”.

O autor, adepto dos versos octossílabos, enveredava-se por uma narrativa poética de teor filosófico em que a paisagem interior tendia a ser preservada. Em *Tradição dos extremos* (2006), Alfredo Bosi discute a escrita de Cunha Melo, refletindo que leva o leitor a pensar, uma vez que se volta para o sentido semântico do poema. Bosi afirma ainda que em *O Cão de Olhos Amarelos & Outros Poemas Inéditos*, o poeta dialoga com a temática abordada em *Yacala*, de modo que “vida” e “morte” percorrem as linhas tanto de um quanto de outro.

Em diálogo com Bosi, André Maranhão Santos publicou em seu *blog*, em 2006, “Alberto da Cunha Melo: um ressuscitador da poética”. O texto escrito após o lançamento de *O Cão de Olhos Amarelos* faz referências a outras obras do autor, como *Meditação sob os lajedos* (2002), e *Clau* (1992), identificando na obra recém lançada traços de uma escrita que transitava entre a crítica social e o amor desenfreado. O crítico e professor André Maranhão Santos reitera, ainda, a proximidade de Cunha Melo com João Cabral de Melo Neto e Franz Kafka.

Da mesma forma, Gustavo Felicíssimo publicou, pela revista *Cronópios*, dois artigos referentes à obra de Cunha Melo. O primeiro, “A força da poesia de Alberto da Cunha Melo” (2007) foi publicado logo após a morte do autor e traça um histórico da vida do poeta, identificando seus principais livros e comparando-o a autores renomados, como William Shakespeare (1564-1616), Manuel Bandeira (1886 – 1968), Cecília Meireles (1901 - 1964) e Mário Quintana (1906 – 1994): ao poeta e dramaturgo inglês, pela métrica rigorosa, aos outros pela simplicidade de escrita, uma vez que conseguiu “escrever quase ao rés da fala comum sem perder o senso do sublime”. Em “Considerações sobre o verso de oito sílabas” (2008), Felicíssimo traz um levantamento de poetas que se dedicaram aos versos de oito sílabas, identificando a variação de cesura adotada por eles, como no caso de Gonçalves Dias (1823-1864), Cruz e Souza (1861 – 1898) e, posteriormente, Cecília Meireles, que desarticularam seus versos octossilábicos. A ressalva maior, no entanto, é dedicada aos versos de Cunha Melo, que, para o crítico, conseguiu imprimir nos versos de oito sílabas “a melodia, o andamento, a dança do verso, sem amarras” (FELICÍSSIMO, 2008).

Ao analisar as reportagens publicadas em jornais impressos, das quais para esse trabalho foram analisadas apenas as versões *online*, entende-se que após a publicação de *Yacala*, acentuou-se em Cunha Melo o gosto pela reflexão sobre a fragilidade do homem, enveredando-se profundamente pela alma humana e para as vicissitudes existenciais.

É importante salientar que Alberto da Cunha Melo participou ativamente das transições econômicas e sociais do país. O poeta - que fez parte da Geração de 65⁹, ao lado de outros poetas pernambucanos como Tarcísio Meira César (1941-1988), Gladstone Vieira Belo (1946), Jaci Bezerra (1944), Ângelo Monteiro (1942), e Marcos Santânder (1948) - estava engajado com as transformações de sua época. O grupo de poetas que surgiu na década de 60 do século passado reunia-se para discutir literatura, música, cinema, além de política e economia. Ressalta-se que nas obras iniciais de Cunha Melo, como em *Oração pelo poema* (1969), *Dez Poemas Políticos* (1979) e *Noticiário* (1979), já se observava o rigor na escrita e a preocupação em retratar o cotidiano e os problemas da alma humana, características que foram mantidas em *Yacala* e *O cão de olhos amarelos*.

No material encontrado, o escritor Henrique Rodrigues (1975), ao escrever “A técnica da escrita simples” (2006), faz uma resenha ressaltando a métrica utilizada e o resgate da *renka* (métrica japonesa extinta), além de discutir sobre a técnica de escrita simples que aproxima o público do autor. Importante salientar que os *haikai* provêm das *renkas*¹⁰. Conforme Paz, a poesia tanka:

[...] compõe-se de cinco versos divididos em duas estrofes, uma de três linhas e outra de duas: 3/2. A estrutura dual do tanka deu origem ao *renga*, sucessão de *tankas* geralmente escrita não por um poeta, mas por vários: 3/2/3/2/3/2/3/2... Por sua vez o *renga* adotou, a partir do século XVI, uma modalidade engenhosa, satírica e coloquial. Esse gênero se chamou *haikai* no *renga*. O primeiro poema da sequência se chama *hokku*, e quando o *renga haikai* se dividiu em unidades soltas – seguindo assim a lei de separação, reunião e separação que parece reger a poesia japonesa – a nova unidade poética se chamou *haiku*, composto de *haikai* e *hokku*. (PAZ, 1991, 198-199).

Diz-se “métrica extinta” porque o que se produz, na atualidade, são os *haikais* ou *haiku*, que o *E-dicionário de Termos Literários*, organizado por Carlos Ceia, define

⁹ Verificar informações sobre a Geração de 65 no ensaio de Claudia Cordeiro denominado “Fases da resistência na poesia de Alberto da Cunha Melo” (2003).

¹⁰ Observa-se que Alberto da Cunha Melo adota o termo *renka* para definir a mesma forma poética que Octavio Paz denomina de *renga*, em seu estudo.

como “breve composição poética, de origem japonesa (também chamada *hokku*, *haikai* ou *haikai*), que se funda nas relações profundas entre homem e natureza; e segue à estrutura formal de 17 sílabas ou fonemas, distribuídos em 3 versos.”

As outras resenhas mencionadas tratam da obra *O cão de olhos amarelos & Outros poemas inéditos*, identificando na obra do autor a repetição, que cria uma espécie de eco da temática sobre as mazelas da condição humana, em que as dificuldades não são apenas descritas, mas compartilhadas pelo eu-lírico. As demais resenhas são escritas por Walter Cabral de Moura e Álvaro Alves de Faria.

O prefácio, posfácio e a orelha do livro *O cão de olhos amarelos & Outros poemas inéditos* reiteram o que foi exposto pelos artigos, reafirmando o trabalho de carpintaria do escritor, em que cada verso é pensado para ligar-se ao outro, num trabalho calculado para que os poemas mantenham o ritmo das canções populares sendo escrito em forma de *renka*. O prefácio de Deonísio da Silva, intitulado “Gosto de ler Alberto da Cunha Melo” (2006), reflete sobre a intelectualidade do autor e a necessidade de tornar sua obra conhecida além dos limites regionais de Pernambuco.

No posfácio, “Alberto da Cunha Melo: grande pecador ou seis propostas para uma nova leitura” (2006), Hidelberto Barbosa Filho descreve a importância da narratividade para os poemas de Cunha Melo, uma vez que sua poesia volta-se “à tradição oral do cancioneiro popular de linhagem ibérica que tanto fertiliza a criação literária dos nordestinos.” A orelha do livro, escrita por Alfredo Bosi, revela um texto repleto de repetições o que confere ritmo e musicalidade à obra. Bosi reafirma, ainda, a semelhança temática com *Yacala*, “modulando em tom menor o mistério da vida nos seus confins com a morte”.

Ao tratar das homenagens, notou-se que o autor contava com vários amigos que nutriam grande paixão pela sua obra, pelo menos no círculo cultural pernambucano. Entre os textos, uma paráfrase do seu poema “Ao mestre com total desrespeito”, escrita por Antonio Marinho (2006) e um poema a partir da colagem de diversos versos de Cunha Melo, feita por Francisco Moraes (2006). As duas homenagens em forma de poema evidenciam o caráter metapoético da obra de Alberto da Cunha Melo.

Na primeira, Antonio Marinho ressalta que “Dizem que Alberto é poeta / Eu digo que Alberto é a poesia... / LATENTE, VIBRANTE, / SUFOCANTE...”. A colagem de cento e dezenove versos escolhidos por Francisco Moraes também discutem sobre o próprio fazer poético, presente na obra do autor (2006). Por fim, Urariano Mota em seus textos “O poeta imortal que não vemos” (2004) e “Para o retrato de um amigo”

(2007) reflete sobre o ofício de poeta de Cunha Melo, descrevendo com um lirismo tocante a simplicidade do poeta invisível. E essa invisibilidade de Cunha Melo é perceptível quando observamos que são poucos os trabalhos acadêmicos sobre a obra do autor.

Os artigos acadêmicos, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado trouxeram informações mais aprofundadas da obra do autor. A dissertação, denominada *Metapoesia e profecia em Alberto da Cunha Melo* (2005), realizada por Norma Maria Godoy Faria, discorre sobre a metapoesia na obra do autor e o tom de profecia de muitos de seus poemas. As informações obtidas sobre a dissertação constam em seu resumo, publicado *online*, uma vez que ainda não tivemos acesso a esse trabalho. É importante salientar que no sítio virtual da Universidade Federal da Paraíba encontram-se digitalizados todos os trabalhos publicados a partir do ano de 2006, daí a dificuldade de acessar esse material, visto que a biblioteca da universidade e a autora da dissertação não responderam aos e-mails enviados.

A tese de doutorado *Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma abordagem estilística do texto* (2007), redigida por Isabel de Andrade Moliterno, faz uma leitura estilística da obra do autor, atentando para conceitos como imagem, texto, estilo, forma e sentido. Destaca-se, nesse estudo, o efeito de concisão e ênfase, característico do estilo do poeta. Os dois artigos acadêmicos tratam de temas diferentes, mas que caminham para o mesmo sentido: o primeiro “A metáfora do vazio na poesia de Alberto da Cunha Melo” (2005), da estudante Liliane Maria Jamir e Silva, da Universidade Federal da Paraíba, descreve a metáfora observando, na composição poética, o aspecto ideológico e o caráter de resistência revelado na escritura do autor. O segundo, “Considerações estéticas sobre a violência em Yacala de Alberto da Cunha Melo” (2010), de Karine Braga de Queiroz Lucena, trata da barbárie e da condição humana.

Nas duas entrevistas publicadas, que compõem esse levantamento, interessava aos entrevistadores preencher as lacunas na fala de Alberto da Cunha Melo para tentarem traçar diálogos entre sua produção e obras de outros autores, como João Cabral de Melo Neto, por exemplo. Além disso, interrogações sobre os temas abordados e a sua inovação métrica, a retranca, foram bastante discutidas. Em “Uma estranha beleza: entrevista com o poeta Alberto da Cunha Melo” (2004/2005) tem-se Cláudia Cordeiro como organizadora de uma entrevista que contou com a participação de quinze escritores brasileiros “dos mais consagrados aos mais jovens”.

Na entrevista, ao ser questionado por José Nêumanne se “poesia é pecado ou remissão”, Alberto da Cunha Melo responde que, para ele, “poesia foi apenas uma grande perda de tempo. Coloco o verbo no pretérito, porque estou tentando me aposentar da poesia – com vários livros inéditos –, aposentar-me deste duro e não remunerado terceiro expediente.” Na resposta do poeta, nota-se a melancolia de alguém que produz e não consegue viver do seu trabalho de escritor. Entre os entrevistadores, destaca-se Alfredo Bosi e o seu questionamento quanto ao surgimento da figura Yacala, que nomeia um dos livros do poeta. Em sua resposta, Cunha Melo justifica o nome da personagem como uma palavra que lhe despertou beleza e clareza. O poeta reflete, ainda, que a figura de Yacala assemelha-se a sua luta (do escritor) pela sobrevivência e, ao mesmo tempo, pela sobrevivência poética.

Ao longo da entrevista, percebe-se que ao responder as vinte e seis questões a que foi submetido, o poeta reflete sobre sua trajetória de escritor, descrevendo todas as suas fases: do verso livre à forma criada por ele – a retranca. Trata, ainda, de *Yacala* como um poema que mescla os três gêneros: “o lírico, o narrativo e o dramático, talvez porque tenha sido escrito como um roteiro cinematográfico”. A respeito da semelhança com o cinema, Astier Basílio (2006), em sua reportagem “Alberto da Cunha Melo: 40 anos de poesia”, reitera:

Os poemas de Alberto da Cunha Melo são dotados de um poder de compactação tão bem engendrado que é quase uma heresia retirar apenas um trecho de seus poemas, com o risco de que algo se perca ou algo fique fora do lugar. Cada poema é como um curta-metragem. Narração, cenário e pensamento se fundem num só movimento, num só golpe sem misericórdia, numa execução sumária em que a realidade, em sua forma mais bruta, é apontada. (BASÍLIO, 2006).

Basílio salienta, ainda, que na poesia de Cunha Melo tudo é essencial: doentes, passageiros, loucos, bêbados, prostitutas. Esses personagens da fantasmagoria social assombram os poemas do autor e a pergunta que permeia toda sua obra é sobre “o que é o homem”.

Posteriormente, Ivana Moura publica “A poesia não é mercadoria” (2006). Nessa entrevista, concedida ao *Diário de Pernambuco*, Cunha Melo é apresentado como um autor que força o leitor a refletir sobre as peculiaridades do tempo e as inquietações da humanidade. Ao ser questionado sobre a criação de *O cão de olhos amarelos & Outros poemas*, o autor revela que o livro possui duas partes, mas que para ele teria sido publicada apenas a primeira. A segunda parte foi um “pedido” do editor. Ainda sobre

publicar por uma editora, como é o caso do livro citado, ou de forma independente, como ocorreu na primeira edição de *Yacala*, o autor diz que prefere a primeira opção.

Ao ser questionado sobre sua “extrema modéstia”, apontada por muitas pessoas do círculo literário como um dos fatores que dificultam sua projeção, Alberto da Cunha Melo revela que não é modesto, mas sim vaidoso. O autor afirma que sua formação sociológica o ajuda a compreender os limites da poesia na atualidade: “se depender de mim forçar as portas da mídia, para lutar por uma projeção impossível, elas continuarão intocáveis” (MELO, 2006).

Diante dos textos resenhados e das entrevistas cedidas pelo autor, percebe-se que *O cão de olhos amarelos & Outros poemas inéditos* foi o livro mais comentado pelos críticos.

O breve relato sobre o material encontrado permite observar que os críticos pertencem ao circuito cultural nordestino, salvo algumas exceções, sendo que alguns eram amigos do autor, como pode ser observado nas fotos que Cláudia Cordeiro publica em sua página em rede social.

1.1.2 *Yacala*

A obra *Yacala*, embora tenha sido lançada em 1999, ganhando uma segunda edição com prefácio de Alfredo Bosi em 2000, é ainda pouco estudada. No entanto, percebe-se nos poucos textos encontrados um consenso quanto ao livro citado: trata-se de uma obra bastante complexa, em que o eu poético descreve cenas cotidianas por meio de um trio de personagens capazes de enveredar o leitor por suas entrelinhas, levando-o a um mergulho nas profundezas da obra, a um território em que o invisível revela mais que o exposto nas linhas do poema. *Yacala* é um convite à reflexão sobre a condição humana – do homem na busca de si mesmo.

Yacala, objeto de estudo dessa dissertação, é um poema narrativo octossilábico, composto de cento e quarenta subunidades em forma-fixa nova e inventada pelo autor, e por ele batizada de retranca. A retranca é composta por um quarteto, um dístico, um terceto e outro dístico, com rimas alternadas e emparelhadas. O poema chega aos um mil, quinhentos e quarenta versos, dimensão semelhante à da tragédia grega, o que está longe de ser mera casualidade, uma vez que *Yacala* narra a história do protagonista homônimo, um físico-matemático negro que vive (e morre)

para mapear os movimentos de uma estrela que, por seu turno, engole tudo o que encontra pela frente.

Sobre essa obra, Hildeberto Barbosa Filho comenta:

O lirismo se consolida em técnicas de fabulação, onde os episódios vividos, as ações experimentadas e os personagens tendem a desempenhar um papel fundamental. Cada poema parece contar um fato. Cada fato parece se confirmar enquanto alegoria da condição humana. A presença dos personagens, em suas situações-limite, me dá a convicção de que estou nos arredores de um conto breve, de uma narrativa trágica. (BARBOSA FILHO, 2006)

Ainda sobre *Yacala*, Alfredo Bosi ressalta:

A dor de viver provém de determinações inescapáveis: o sangue, o sexo, a cor da pele, a classe social, o lugar da origem, o tempo e o espaço do cotidiano; a sina, enfim. O poema aceita estoicamente os sinais do corpo e os estigmas da circunstância; e os transforma, transfigura ou, se a voz é sublimadora, os transcendentaliza. A estranha beleza que sai dos versos de Alberto da Cunha Melo nasce da fusão de um visceral sentimento da terra (quantas imagens peçadas de lama e lixo, mangue e cinzas!) com a aspiração infinita de quem está mirando o mar e altas distâncias numa luneta de escoteiro. (BOSI, 2006, p. 161).

Bosi reafirma que a caracterização das personagens, bem como do espaço, são essenciais para que o poema seja percebido como um todo interdependente, cujo entrelaçamento de ideias corrobora para o sentido final do texto. Para o crítico, a “estranha beleza” nos versos de Alberto da Cunha Melo reside na junção de imagens do grotesco (lama, lixo, mangue, cinzas) e de luminosidade (sol, brilho, estrelas). Essas imagens são recorrentes tanto na caracterização do espaço, quanto na formação das personagens. Percebe-se que essas construções antitéticas percorrem toda a obra.

Na entrevista “Uma estranha beleza: entrevista com o poeta Alberto da Cunha Melo” (2004/2005), cedida pelo poeta a diversos críticos, Alfredo Bosi questiona Alberto Cunha Melo sobre “como nasceu no seu espírito a figura complexa e original de *Yacala*?”. O autor, ao responder, faz um pequeno resumo de sua obra, conforme podemos observar:

O poema foi concebido em terceira pessoa, mas sem qualquer caracterização do personagem. Nas minhas leituras desordenadas esbarrei com um ensaio de Sylvio Romero que, numa nota de pé de página, listava uma série de palavras de um dialeto africano e uma delas me chamou a atenção pela sua beleza e clareza: Yacala, que significava homem, marido etc. Imediatamente levei-a para o poema, como nome do personagem e com uma primeira caracterização fundamental: era de cor negra. Daí pra formar o trio de personagens negras, foi um passo. O nome Bai foi tirado de um dono de palhoça que vendia almoços e bebidas, na praia de Maria Farinha, em Pernambuco. A personagem Adriana veio do nome e da longilidade da sua filha jovem. Acredito que a figura de Yacala tem tudo a ver com minha luta pela sobrevivência e, ao mesmo tempo, pela realização poética. A estrela cosmofágica que Yacala caça no firmamento, uma estrela que não orienta, porque perdeu a órbita e vai devorando através das galáxias todos os corpos celestes que encontra pela frente, enquanto vai crescendo como se voltasse à imensidade anterior do Big Bang, é, quem sabe, o câncer ou o tempo avançando sobre as células do corpo, ou seria tudo uma espécie de metáfora da globalização? Creia, Bosi, pensei nessas coisas todas, doidas, mas no início o que me movia, mesmo, era a nova estrutura formal que a pulso chamei de retranca, porque fui convencido a dar-lhe um nome, e talvez eu tenha encontrado um tipo de tijolo ideal para encaixar nas ferragens. (MELO, 2005, p. 326).

Também aqui, como no texto de Astier Basílio, “Alberto da Cunha Melo: 40 anos de poesia” (2006), é possível pensar que, assim como outros autores de sua época, Alberto da Cunha Melo valeu-se da sociedade, com toda sua crueldade e vivacidade, como matéria prima para seus poemas. Mas, prezando pelo rigor estético que permeia seus textos, importava para Cunha Melo, inicialmente, a “nova estrutura formal – retranca” na qual *Yacala* foi escrito.

Notamos, assim, que o diálogo estabelecido entre os diferentes críticos, que foram selecionados nesse levantamento, reitera a proposição inicial de que a valorização maior de Alberto da Cunha Melo ocorreu após a escrita do prefácio de Alfredo Bosi à segunda edição de *Yacala* (2000). Tal conclusão deve-se a recorrência de muitos desses críticos ao texto de Bosi ao analisar a obra do poeta. Sob essa perspectiva, os críticos revelam um autor preocupado com as questões sociais, ao mesmo tempo em que prioriza a escrita rígida de seus textos. Essa rigidez, no entanto, ocorre no aspecto estrutural da obra e não em sua significação.

Observamos, portanto, que a obra do poeta, embora ainda pouco estudada fora dos limites regionais do nordeste, merece ser analisada mais detalhadamente, já que

Alberto da Cunha Melo foi recebido de forma positiva pela crítica, que revelou um autor preocupado com a técnica da escrita e em descrever e refletir a condição humana diante das adversidades sociais.

1.2 A poética de Alberto Cunha Melo: entre o velho e o novo

Alberto da Cunha Melo, nascido em 1942, em Jaboatão, Pernambuco, e falecido em 2007, é um poeta pouco conhecido e pouco lido pelo público leitor de poesia fora do Recife. O autor fez parte da chamada Geração 65 daquela capital, que inclui nomes como Ângelo Monteiro e Marcus Accioly. A Geração 65, da qual o autor fez parte, é assim definida por Afrânio Coutinho:

Grupo formado em Jaboatão, PE, 1964. Seus membros Alberto C. Melo, Domingos Alexandre, José L. A. de Melo e Jaci Bezerra se reuniam em função da produção poética que cada um desenvolvia. Denominou-se inicialmente Grupo de Jaboatão, passando a ser conhecido, por sugestão do historiador Tadeu Rocha, em Recife, como Geração 65. Fundaram o Movimento Pirata e as edições de mesmo nome e mantiveram a marca, Geração 65. (COUTINHO, 2001. v. I, p. 765).

O grupo formado por jovens escritores pernambucanos contribuiu para a formação de Alberto da Cunha Melo, que ao lado de José Luiz de Almeida Melo, criou e editou o jornal *Dia Virá*, distribuído pelas ruas de Jaboatão.

Alberto da Cunha Melo, neto do tabelião e poeta Alberto Tavares da Cunha Melo e filho do poeta Benedito Cunha Melo¹¹ e de Maria José Veloso de Melo, foi jornalista e sociólogo. Como sociólogo, atuou por onze anos na Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ, no estado de Pernambuco. No Acre, de 1980 a 1981, trabalhou na Comissão Estadual de Planejamento Agrícola, exercendo a função de sociólogo/pesquisador.

¹¹ A obra de Benedito Cunha Melo pode ser visualizada no sítio virtual da *Plataforma para a poesia* <<http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/plink2ben.htm>>, em que Alberto da Cunha Melo organizou o livro *Benedito Cunha Melo – poesia seleta*, disponibilizado no endereço citado em forma de e-book.

Na carreira jornalística, o autor destacou-se como editor do *Commercio Cultural*, entre os anos de 1982 a 1985. Foi também editor da revista *Pasárgada*, da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Companhia Editora de Pernambuco (FUNDARPE/CEPE - nos anos de 1994-1995). Atuou como colaborador (1998 a 1999) da coluna Arte pela Arte, do *Jornal da Tarde* (SP). De dezembro de 2000 até novembro de 2007, manteve a coluna Marco Zero¹², da revista *Continente Multicultural* (CEPE – PE).

Ao longo de quarenta anos de vida literária, Alberto Cunha Melo produziu doze títulos de poesia¹³ e participou de vinte e três antologias, duas delas internacionais. O primeiro livro do autor, *Círculo Cósmico*, foi publicado em 1966. A última obra lançada pelo poeta foi *O cão de olhos amarelos e outros poemas inéditos* (2006).

A forma composicional representa uma das maiores preocupações do poeta: vocábulo preciso, combinações sonoras, ritmo que constrói a ideia. Além disso, demonstra um vínculo com a tradição clássica ao utilizar os versos octossílabos e as *renkas*. Em *O cão de olhos amarelos e outros poemas inéditos*, ao mesmo tempo em que inicia o livro utilizando “enganosamente de *renkas*/poéticas”, como reflete o autor em nota inicial, homenageia a forma poética japonesa extinta (*renka*) e a composição popular pela narratividade e pela reiteração, como nos desafios, num processo construtivo de *leixa pren*. Assim, sua poética dialoga com a cultura popular local e estrangeira, demonstrando a preocupação do autor em inovar sem desconsiderar a tradição literária.

¹² Segundo consta na página do sítio virtual do autor < <http://www.albertocmelo.com/bio.htm>>, Cunha Melo manteve a coluna *Marco Zero* de dezembro de 2000 a novembro de 2006. No entanto, no mesmo sítio, estão disponíveis apenas doze textos escritos pelo autor, sendo o primeiro de junho de 2006 e, o último, de outubro de 2007. Na sequência, a lista com o título, o número da revista e a data em que cada um desses textos foram publicados: *As oficinas dos sonhos*, n. 66, junho de 2006; *Danto matou a arte*, n. 66, junho de 2006; *Rohden, um sábio brasileiro*, n. 68, agosto de 2006; *Quinta, Quintal, Quintana*, n. 69, setembro de 2006. *Sal, corrupção, Vieira*, n. 70, outubro de 2006. *Discos, livros e euros*, n. 71, novembro de 2006; *O idioma pede amor e respeito*, n. 74, Fevereiro de 2007; *Ele já morou no Brasil*, n. 77, Maio de 2007; *Antropofagia poética. Algumas indefinições da poesia*, n. 79, Julho de 2007; *Poetariado Pernambucano*, n. 80, agosto de 2007; *Joaquim Cardozo no túnel do tempo*, n. 81, setembro de 2007; *A Noite da Longa Aprendizagem*, n. 82, outubro de 2007.

¹³ Obras do autor: *Círculo Cósmico* (1966); *Oração pelo Poema* (1969); *Publicação do Corpo* (1974); *Dez Poemas Políticos* (1979); *Noticiário* (1979); *Poemas a Mão Livre* (1981); *Soma dos Sumos* (1983); *Poemas Anteriores* (1989); *Clau* (1992); *Carne de Terceira com Poemas à Mão Livre* (1996); *Yacala* (1999 livro de arte); *Yacala* (2000 edição fac-similar, com prefácio de Alfredo Bosi); *Meditação sob os Lajedos* (2002); *Dois caminhos e uma oração* (2003); *O cão de olhos amarelos & Outros poemas inéditos* (2006).

Isabel de Andrade Moliterno, em sua tese de doutorado, *Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma leitura estilística* (2007), ressalta que:

A temática social é marcante, assim como uma tendência às reflexões de cunho metafísico, a indagações sobre a existência humana – vida e morte – e seu papel em uma ordem maior. O homem está sempre no centro das atenções. Mas existe uma busca constante de integração com a natureza, sempre presente em imagens de água (mar, rio, chuva), terra (lama, pedra, areia, vegetação), céu, fogo, animais. (MOLITERNO, 2007, p. 42).

De acordo com o exposto, refletir sobre a existência humana é um dos pontos principais da poesia de Alberto Cunha Melo e, embora o homem seja o foco de sua preocupação, busca-se uma integração com os elementos naturais. Ainda sobre a construção de seus poemas, Moliterno reitera que o “Cosmo” é a casa do homem, local de abrigo e aflição:

O Cosmos é tido como a grande casa do homem, que ora acolhe e ora parece repelir; no geral, representa o principal objeto de desejo de sua poesia, que se lança à procura de harmonia e equilíbrio. É interessante notar que, embora haja variações, o sol é geralmente representado como uma força opositora, que castiga, enquanto as chuvas surgem com conotação positiva, de graça e renovação. Provavelmente isso ocorre porque o nordeste brasileiro serve de cenário para muito de seus poemas. (MOLITERNO, 2007, p. 42).

Embora em seus textos o cenário nordestino apareça de modo explícito, na maioria deles não há demarcação do espaço e do tempo:

Mesmo quando o homem é um personagem específico, com nome e tudo, pode habitar qualquer lugar – o contexto urbano prevalece –, o que contribui para a identificação do leitor com o texto. Também é raríssima a menção a datas precisas, enquanto é mais comum a referência a épocas do ano como meses, o que ressalta a ideia do tempo cíclico. Mas se destaca o contexto de pobreza, desigualdade, luta pela sobrevivência, universo tão tipicamente brasileiro. (MOLITERNO, 2007, p. 42).

Notamos que temas como a alienação do trabalho, o poder, o consumo, o dinheiro e a religião são obstáculos para que o homem desfrute da felicidade plena.

Diante disso, podemos afirmar que a poesia de Alberto Cunha Melo ocorre frente a questionamentos da ética ou das éticas que regem as ações do homem.

A obra do autor divide-se em três fases, segundo ele próprio, marcadas, cada qual, por uma forma específica: fase de octossílabos brancos; de versos livres; e de octossílabos rimados. Segundo Érico Nogueira, nota-se que Cunha Melo valeu-se do octossílabo de maneira ostensiva. Em todas as três fases há livros memoráveis, destacando, respectivamente, *Oração pelo Poema* (1969), *Poemas a Mão Livre* (1979) e *Yacala* (1999).

Na primeira fase, de octossílabos brancos, percebe-se o período mais subjetivista do autor, com poemas em primeira pessoa. Nesse período, os poemas são escritos em metro octossilábico, a maioria, com cinco quartetos sem rimas. Na segunda fase, de versos livres, predominam os poemas de estrofe única. Nesta fase, é comum a linguagem falada no cotidiano. Na fase da retransa, ou terceira fase, acentua-se a reflexão filosófica, predominando o eu lírico em terceira pessoa, “o que ressalta o caráter reflexivo dos poemas, na medida em que o envolvimento emocional se torna menos explícito.” (MOLITERNO, 2007, p. 78).

A relação entre o ser humano e os elementos da natureza percorre todas as fases do autor, orientando seu trabalho para reflexões que visem compreender a existência do homem. Nesse sentido, na orelha do livro *O cão de olhos amarelos*, de Alberto Cunha Melo, e na revista *Continente Multicultural*, Alfredo Bosi destaca o trabalho poético do autor e o compara com renomados poetas da nossa tradição literária:

[...] esse trabalho formal entre mágico e cognitivo não foi construído para si próprio, não é um mecanismo autodecorativo, puro desfrute da linguagem pela linguagem. Ao contrário, volta-se para um núcleo rico de dimensões existenciais. [...] E reconheço veios de uma forte tradição nordestina de poetas da agonia e dos extremos. Aqui ressoam a voz dramática de Augusto dos Anjos, a voz faca-só-lâmina de João Cabral, as vozes lancinantes de Nauro Machado, as muitas e vertiginosas vozes de Ferreira Gullar. (BOSI, 2006).

Ao comparar Alberto Cunha Melo com outros poetas, intenciona-se mostrar como o autor produziu obras cujo valor estético deve ser analisado devido ao rigor com que trata seus poemas. Ademais, na entrevista “Uma estranha beleza” (2005) concedida a quinze intelectuais brasileiros, respondendo a vinte e cinco perguntas, ao ser

questionado por Alcir Pécora sobre “a pertinência da referência a Cabral em sua poesia” o poeta responde:

A cadência ideal para aquele sussurro, em meu idioma, era mesmo o octossílabo, que Cabral — muito depois li — considerava o mais próximo da prosa. Ora, pouco me lixava para a autonomia, a diferença específica da poesia em relação a outras artes verbais, o que me interessava era dizer, dizer baixo, mais dizer bem. Como tenho a alma de um neoclássico, não escondo, apregôo e até me orgulho da influência cabralina. No entanto, influência não é pasticho, o pasticho cabralino que se fez e se faz por toda parte, desde a segunda metade do século passado. O que me aproxima de Cabral é a tentativa de alcançar a imagem precisa, de me curar contra a metáfora gratuita por mais original que seja (ser original é apenas um dever de ofício de poeta moderno). E mais: aproximo-me dele por lutar contra o estereotipadamente “poético” por buscar, como ele, a lógica unitária do poema. Aproxima-me o falar comedido para dizer e não o acrobatismo verbal para a admiração instantânea e supérflua. O que me distancia de Cabral: o paralelismo soberano em toda a sua obra. (MELO, 2005, p. 318).

Nas palavras do autor, sua obra ao mesmo tempo que se assemelha, mantém um certo distanciamento da obra de Cabral. No entanto, para Alberto Cunha Melo, importante mesmo “era dizer, dizer baixo, mais dizer bem. Como tenho a alma de um neoclássico, não escondo, apregôo e até me orgulho da influência cabralina.”

Ao observamos as críticas à obra de Alberto da Cunha Melo, percebemos entre os diferentes autores um questionamento em torno da volta do poeta ao passado, no que tange à estruturação de seus poemas. Paralela a essas características tem-se a inovação ao criar novas formas e ideais estilísticos. Nesse sentido, *Yacala* exemplifica as características marcantes de toda obra do autor, visto que é composta de uma estrutura formal completamente nova – a retransa, ao mesmo tempo em que se volta à tradição épica ao criar um poema narrativo com traços da épica tradicional, seja pela extensão, seja pelo rigor estilístico.

1.3 Considerações sobre a fortuna crítica do autor

A realização desse estudo permitiu verificar que Alberto da Cunha Melo foi um poeta preocupado em conservar o arquivo de sua obra. Todas as informações obtidas por meio das pesquisas em sítios virtuais possibilitou observar o interesse em preservar sua memória. Desse modo, o conhecimento adquirido por meio da elaboração da fortuna crítica do autor refletiu sobre a recepção da obra pela crítica, bem como a sistematização realizada pelo autor ao compor seus poemas.

Observar a trajetória do autor e o empenho em divulgar suas obras, demonstra, entre outros aspectos, a preocupação em manter a tradição cultural de um povo. Pelo que é demonstrado por diferentes autores, principalmente aqueles que parecem ter convivido com o poeta, Alberto da Cunha Melo tinha prazer pelo simples, gosto em fazer experiências do cotidiano, matéria-prima para suas obras. O uso da linguagem culta, mas de fácil acesso, a semelhança com as cantigas populares e o cordel são apenas alguns aspectos de uma trajetória literária em que a criticidade e o rigor formal são primordiais.

Ainda que a obra de Cunha Melo tenha sido pouco explorada, o trabalho que Cláudia Cordeiro, curadora da obra de Alberto da Cunha Melo, tem realizado por meio da rede social *facebook*, mostrou-se bastante eficaz em divulgar a obra do poeta. Notamos que, mesmo por meio das novas mídias, em que tudo parece rapidamente tão obsoleto, é possível preservar a memória da obra de um artista ainda desconhecido do grande público e, mesmo, no ambiente acadêmico.

2. A CONSTITUIÇÃO DA OBRA ENQUANTO POEMA NARRATIVO

Pretende-se, nesse capítulo, compreender o poema *Yacala* e estabelecer configuração das inter-relações épicas e líricas, mostrando, para isso, as convergências e divergências dos traços épicos nesse poema.

2.1 *Yacala*: descrição da obra e seus aspectos narrativos

A primeira publicação de *Yacala* data de 1999, em uma edição especial com apenas duzentos exemplares. Em 2000, a Editora Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte lança uma edição *fac-similar* do livro com prefácio de Alfredo Bosi e no ano de 2003, a Editora *A Girafa* publica *Dois caminhos e uma oração*, obra que reúne três publicações anteriores de Alberto da Cunha Melo: *Oração pelo poema* (1969), *Yacala* (1999) e *Meditação sob os lajedos* (2002).

A forma composicional representa uma das maiores preocupações do poeta Alberto da Cunha Melo: vocábulo preciso, combinações sonoras, ritmo que constrói a ideia. *Yacala* tem um narrador que conta a trajetória de vida da personagem que dá nome à obra. Menino negro, abandonado em um mosteiro, foi criado pelos monges e, desde criança, sentia necessidade de ver o mundo para além dos muros da igreja. Em certo dia, foge do claustro e passa a vagar pelas ruas até que passa a trabalhar na chácara de um matemático, tendo aí estreitado o contato com os números. Cansado de viver dedicando-se à matemática, volta às ruas e continua a andar pelos becos. Depois de muitas experiências, muda-se para um antigo laboratório, instalado em um mangue, onde permanecerá até a sua morte.

A paráfrase deve-se à necessidade de entendermos o contexto em que as ações ocorreram para compreender o porquê de considerarmos *Yacala* um poema narrativo atual, que dialoga com as características da epopeia clássica. Assim, as discussões que seguem objetivam traçar paralelos entre o épico e o moderno, demonstrando as características épicas na atualidade.

Ao observar que “do ponto de vista etimológico, a epopeia é a criação narrativa em versos”, conforme definiu Nely Maria Pessanha (1992), entendemos que *Yacala* enquadra-se como um poema com características narrativas. Trata-se de características quanto à narratividade da obra e de sua estrutura formal e temática, não de enquadrá-la

no gênero épico clássico, o que seria impossível pela própria estrutura do texto e pela anacronia instaurada.

Diferentemente das epopeias clássicas como *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero e, *Eneida*, de Virgílio, ou dos poemas narrativos longos da literatura brasileira, *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama e *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão, em *Yacala* não temos feitos gloriosos, tão pouco, ações heroicas.

A obra *Yacala* sustenta-se por uma tensão entre os gêneros: épico (narrativo) e lírico. O herói é épico, ao representar uma luta invencível contra a morte, contra a limitação humana, mas é lírico moderno ao revelar-se fraco, humano, finito. Assim, é viável pensarmos em um anti-herói, já que as características da personagem não condizem com a definição de herói. Segundo António Moniz, “enquanto protagonista da história narrada ou encenada, o anti-herói reveste-se de qualidades opostas ao cânone axiológico positivo: a beleza, a força física e espiritual, a destreza, dinamismo e capacidade de intervenção, a liderança social, as virtudes morais”.

Na definição apresentada no *E-dicionário de Termos Literários*, António Moniz explica as transformações que o herói sofreu no decorrer da história literária:

Do grego *ἥρως*, pelo latim *heros*, o termo *herói* designa o protagonista de uma obra narrativa ou dramática. Variando consoante as épocas, as correntes estético-literárias, os gêneros e subgêneros, o herói é marcado por uma projecção ambígua: por um lado, representa a condição humana, na sua complexidade psicológica, social e ética; por outro, transcende a mesma condição, na medida em que representa facetas e virtudes que o homem comum não consegue mas gostaria de atingir. Para os Gregos, o herói situa-se na posição intermédia entre os deuses e os homens. (MONIZ, 2014).

Compreendemos que *Yacala*, portanto, representa essa dualidade do herói: a personagem configura-se, ao longo do poema como homem que conhece as mazelas do mundo desde a infância, enfrentando problemas de ordem social, psicológica e ética, ao mesmo tempo em que “transcende” essa condição ao tornar sua vida uma incessante busca por uma estrela que consome todas as outras. Estrela essa que surge ora como astro, ora como metáfora para a doença que destrói lentamente o protagonista. Em *Yacala*, portanto, tem-se um anti-herói se considerarmos a definição clássica do herói, ou um herói dúbio? Trataremos *Yacala* como um herói cujas características tradicionais sofreram alterações ao longo do tempo.

A semelhança de *Yacala* com a epopeia clássica reside na adoção de uma estrutura fixa que percorre todo o poema, a narrativa em versos e a presença da proposição. Todos os outros elementos da estrutura interna da epopeia – invocação, dedicatória –, bem como a intervenção do maravilhoso, não se percebem no poema de Alberto da Cunha Melo. Por outro lado, se atentarmos para as características qualitativas da epopeia clássica, todas elas podem ser verificadas no poema em estudo: a) os diversos acontecimentos são ligados entre si, formando um todo harmonioso; b) paralela à narrativa central, há a narração de episódios breves; c) o assunto tratado é verossímil; d) a narrativa apresenta uma estrutura com introdução, desenvolvimento e conclusão.

Em *Formação épica da literatura brasileira* (1987), Anazildo Vasconcelos da Silva sugere que

a arte moderna, tentando significar a relação existencial do homem com o mundo, integra o vazio como dimensão existencial do conflito humano. Assume o absurdo da falta de sentido da experiência humano-existencial como única forma possível de resgatar a identidade perdida. (SILVA, 1987, p. 19).

A partir das palavras de Silva, em *Yacala* teremos um herói cujas características assemelham-se mais as condições modernas que clássicas, pois na tentativa de compreender sua finitude enquanto homem tem-se um herói fracassado. O herói de Cunha Melo vive as angústias do ser humano e busca, constantemente, encontrar-se a si mesmo.

2.1.1 O narrador

O narrador de *Yacala* ocorre em terceira pessoa, ou seja, segundo a classificação de Gérard Genette (2005), um narrador heterodiegético. Esse narrador demiurgo, apresenta-se no plural apenas no “Exórdio”, o que ressalta o caráter de coletividade, outra característica do texto épico. O narrador poético desse poema caracteriza-se como um observador que tem acesso ao interior das personagens. Assim, a utilização de verbos no pretérito e no presente permitem um movimento de aproximação e distanciamento entre leitor e narrativa, possibilitando reflexões sobre os fatos ocorridos, mas que ainda não foram completamente concluídos.

A variação dos tempos verbais é perceptível observando o decorrer das retrancas, que se inicia, no Exórdio, no tempo presente e, logo na segunda retranca, mescla os tempos passado e presente, como respectivamente demonstrado: “ou somos renúncia ou cobiça” (p.167) e “cresceu, portanto, no mosteiro” (p.168). Esse tipo de ocorrência persistirá por toda obra, constituindo uma transitoriedade entre os tempos verbais, sendo que tais variações aproximam o leitor da obra, uma vez que é como se o narrador estivesse próximo fisicamente no momento da leitura.

O poema inicia-se com o “Exórdio”, ou seja, trata-se da primeira parte de um discurso, apresentando a temática que será abordada por toda a extensão da obra. Na epopeia clássica, o “Exórdio” corresponde à proposição, e assim como no modelo clássico, a primeira retranca de *Yacala* antecipa a trajetória do narrador e dos fatos que serão narrados: a essência humana e seus conflitos é apresentada já no início.

001 – Exórdio
 Levamos fogo, não esponjas,
 ao trono sujo de excremento,
 disputando o mesmo vazio
 de uma estrela no firmamento;

jarros negros e estrelas, tudo
 é uma busca de conteúdo;

ou somos renúncia ou cobiça,
 atravessando esses planaltos
 feitos de cinza movediça;

mas todos estamos em casa,
 como os vãos dentro das asas.
 (MELO, 2003, p. 167).

Na retranca 001, a única denominada em todo o poema, temos o Exórdio, que comparado à epopeia camoniana *Os Lusíadas* corresponderia, em partes, ao canto I, cujo narrador se propõe a cantar os homens guerreiros e ilustres “As armas e os Barões assinalados” e seus feitos gloriosos “E também as memórias gloriosas / daqueles reis...”, com o intuito de divulgá-los por todo o mundo “Cantando espalharei por toda parte, / Se a tanto me ajudar o engenho e arte.”

Canto I
 As armas e os Barões assinalados
 Que da Ocidental praia Lusitana
 Por mares nunca de antes navegados

Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.
(CAMÕES, 2003, p. 21).

Se nas três primeiras estrofes d’*Os Lusíadas* temos uma proposição que descreve o que será cantado na epopeia, no Exórdio, de *Yacala* a proposta é um convite à reflexão sobre a temática abordada ao longo do poema narrativo. Notamos o estabelecimento de contradições entre as duas obras ao tratar dos feitos realizados. N’*Os Lusíadas* temos versos afirmativos: “Passaram ainda além da Taprobana”, “E entre gente remota edificaram / Novo Reino, que tanto sublimaram”, “Cantando espalharei por toda parte, / Se a tanto me ajudar o engenho e arte”, indicando grandes valores. Em *Yacala*, por outro lado, temos expressões que revelam certa negatividade, como “trono sujo de excremento”, antecipando os acontecimentos trágicos que percorrem a narrativa.

Na sequência, ocorre a apresentação de *Yacala*, personagem em torno da qual ocorrem as ações do poema.

002
Yacala Cosmo, diz a crônica,
quando criança malnascida,
acharam-no na porta uns monges
e o criaram às escondidas;

foi um certo abade erudito
quem lhe deu o nome esquisito;

cresceu, portanto, no mosteiro
mirando o mar a altas distâncias
numa luneta de escoteiro,

mas a seus pés, dia após dia,
um chão de garras florescia.
(MELO, 2003, p.168).

A apresentação do herói é cercada de mistério: “diz a crônica”, “uns monges”, “criaram às escondidas”, “um certo abade”. O uso do artigo indefinido “um/uns” e a expressão “às escondidas” ressaltam a indefinição em torno da personagem. Quem é Yacala Cosmo? Se atentarmos para a definição do nome da personagem, apresentada pelo próprio autor, na entrevista que concedeu à Alfredo Bosi, verifica-se que Yacala é o mesmo que homem, resta saber, portanto, qual o significado de Cosmo. De acordo com Barnes,

O substantivo Cosmos deriva de um verbo cujo significado é "ordenar", "arranjar", "comandar" - é utilizado por Homero em referência aos generais gregos comandando suas tropas para a batalha. Um *kosmos*, portanto, é um arranjo ordenado. Mais que isso, é um arranjo dotado de beleza: o termo *kosmos*, no grego comum, significava não apenas uma ordenação, como também um adorno [...] O cosmos é o universo, a totalidade das coisas. (BARNES, 1997, p. 200).

Em contraste com as características da epopeia clássica, cujo herói é apresentado como homem bem sucedido, portador de qualidades sublimes, como Ulisses, que é um rei, retratado como “divino Ulisses” (Camões, Canto IV, verso 520), Yacala, que recebe o mesmo nome da obra é apresentado na segunda retranca como “criança malnascida”, sem casa, que foi abandonado num mosteiro, onde foi criado por monges. Ao longo do poema, a personagem é caracterizada, ainda, como “fanático” (retranca 006), “nômade” (retranca 020), “garoto sem berço” (021), “agonizante Galileu” (023), “homem manso” (073), Temos, então, uma composição antitética entre o nome da personagem e as circunstâncias que rodeiam sua trajetória de vida. Assim, “caos” seria a melhor definição para personagem, uma vez que segundo Nicola Abbagnano, em seu *Dicionário de Filosofia* (2012), “caos - propriamente: abismo hiante. [...] falta de ordem, estrutura, forma, beleza, sabedoria [...]”.

Não devemos ignorar que o “Exórdio” traz a temática que será abordada no poema, demonstrando que a ambivalência dos termos apresentados assemelha-se a

própria dualidade que envolve a vida da personagem principal, apresentada na retranca 002: menino sem família, que adquire conhecimentos eruditos, mas que abandona os cuidados do mosteiro para conhecer a liberdade das ruas. O sintagma “levamos fogo” evidencia esse paradoxo de ideias. O fogo que ilumina e regenera, também causa dor e morte.

Sobre o uso constante de termos relacionados ao espaço, podemos relacionar o sentido da “estrela” descrita pelo narrador de *Yacala* ao poema *A Estrela*, de Manuel Bandeira:

A Estrela
 Vi uma estrela tão alta,
 Vi uma estrela tão fria!
 Vi uma estrela luzindo
 Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
 Era uma estrela tão fria!
 Era uma estrela sozinha
 Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
 Para a minha companhia
 Não baixava aquela estrela?
 Por que tão alto luzia?

E ouvi-a na sombra funda
 Responder que assim fazia
 Para dar uma esperança
 Mais triste ao fim do meu dia.
 (BANDEIRA, 1948)

No poema de Manuel Bandeira, a “estrela” apresenta-se como uma metáfora para o inalcançável, representando uma luz que orienta o eu-lírico do poema. Tem-se, assim como em *Yacala*, um contraste entre a vida vazia da personagem e o brilho do astro que os ilumina.

A aproximação do poema com elementos míticos pode ser observada na retranca 018:

Foi em agosto, quando o vento,
 todo em galas de temporal,
 vaiava no mar as barcaças
 em formação de funeral,

que Yacala, com sua mochila,

mudou-se para a palafita;

a casa anfíbia já estava
mergulhada nas ventanias,
e nas águas tanto ventava

que as anchovas, largando as presas,
fugiam para as profundezas.
(MELO, 2003, p. 184)

A agitação do mar provocado pelo vento é reproduzida no texto pelo repetição das consoantes fricativas [f] e [v]. A imagem construída pelo temporal, a referência ao funeral, a casa “mergulhada nas ventanias” e as anchovas que “fugiam para as profundezas” sugerem um ambiente assustador, como nos grandes acontecimentos das epopeias clássicas. Notemos que a retranca assemelha-se ao episódio do gigante Adamastor, n’*Os lusíadas*, no canto V, ao personificar o vento. Além disso, nessa retranca visualizam-se elementos que marcam a transitoriedade da personagem: “a casa anfíbia”, que ora está na terra, ora no mar, o que configura não estar completamente em lugar algum; o mar, que carrega a ideia de ilimitado e, a mochila, representando a “pouca bagagem” da personagem principal, o desapego aos bens materiais.

2.1.2 As personagens

Para a composição do poema *Yacala*, o autor, segundo ele mesmo relata a Alfredo Bosi, criou um trio de personagens negras, cuja caracterização é bem pouco definida no decorrer do texto. Aproveitando-se das palavras de Cunha Melo, sabemos que “o nome Bai foi tirado de um dono de palhoça que vendia almoços e bebidas, na praia de Maria Farinha, em Pernambuco. A personagem Adriana veio do nome e da longilidade da sua filha jovem”.

A criação artística não é aleatória, tão pouco as características definidas em um texto. Valendo-se dessa premissa, mas sem desconfiar totalmente da declaração de Cunha Melo sobre a escolha dos nomes de seus personagens, recorreremos ao *Dicionário poliglótico de nomes de pessoas*, de Moacyr Costa Ferreira para verificarmos a origem dos nomes adotados pelo autor:

Adriano (a). Do latim, *Adrianus* ou *Hadrianus*; “da cidade de Ádria, Hádria ou Átria”, às margens do mar Adriático. Ádria, prov. de Adar, “deus do

fogo”, uma das divindades adoradas pelos heráclidas. (FERREIRA, 1996, p. 11).

Baio. Do latim *badius*, “baio”, “trigueiro, moreno”. Nome do piloto do navio de Ulisses (mitologia). (FERREIRA, 1996).

Segundo o dicionário, Adriana representa alguém forte, já que se tratava do “deus do fogo”. Bai, por sua vez, pode ser entendido como uma variação de Baio, definido no dicionário como homem moreno, característica semelhante a que o autor deu a personagem. Aleatórias ou não, as definições encontradas no *Dicionário poliglótico de nomes de pessoas* condizem com as poucas características presentes no texto e que se referem a essas personagens. Salienta-se, ainda, mais uma aproximação entre *Yacala* e *Odisseia*, uma vez que o nome do piloto do navio de Ulisses é o mesmo que do marujo que salva a vida da personagem de Alberto da Cunha Melo.

2.1.2.1 Bai

Em *Yacala*, Mestre Bai é apresentado como amigo e salvador da personagem que nomeia o poema:

033
Sem parentes, com ex-amigos
espalhados em suas cruzes,
Yacala, agora, só contava
com um lírio negro, entre as urzes

dos signos, na terra baldia
em que sua alma se torcia;

chamava-se Bai, era negro,
da negritude de Yacala,
e conheceram-se bem cedo:

era o marujo do navio
que o tirou do mar por um fio.
(MELO, 2003, p. 200)

035
Às vezes, Bai alonga o olhar
ao velho amigo, em sua mesa,

com laudas pesadas de números
e sua máquina sempre acesa,

vê nele o mesmíssimo naufrago,
mas noutras águas afogado,

agarrando-se à luz sem órbita
pelas campinas siderais,
em sua cavalgada mórbida,

cego, nem ao aceno de Bai
Yacala responde mais.
(MELO, 2003, p. 201).

As duas retrancas apresentadas descrevem a relação que há entre Yacala e Mestre Bai: uma amizade que surgiu após Yacala ser salvo pelo marujo e que perdurou até a morte do mestre. A aproximação das personagens fazia-se não apenas pelas semelhanças físicas “chamava-se Bai, era negro, / da negritude de Yacala”, mas pelas características emocionais, que permitem a aproximação de ambas. Bai é comparado a “um lírio negro, entre as urzes”, ressaltando, além da sua pureza (representado pelo lírio), um caráter diferenciado, daqueles que se destaca entre os demais. Tal conclusão deve-se ao uso do adjetivo “negro”, para caracterizar o substantivo “lírio”, que é adjetivado sempre como “branco”, para significar “pureza”, mas também pela expressão que se segue: não é apenas um “lírio negro”, é um “lírio negro entre as urzes”, ou seja, uma “planta rara” entre espécies comuns.

Pelo exposto, percebe-se que Bai tem consciência da solidão de Yacala e por isso cerca-o de uma amizade gratuita. Em outros trechos do poema, o narrador poético define a personalidade de Bai dotando-o de simplicidade e compaixão pelo amigo:

036
[...] com a farda dos zeladores,
Bai desfilava entre os doutores;

ele e Yacala eram dois pretos
pela gratidão reunidos
na mesma história, mesmo gueto;
[...]
(MELO, 2003, p. 202).

037
Bai ostentava a mansidão
da sombra, mas do rochedo,
e, como este, todo em silêncio
blindado pelo musgo negro;

visitava Yacala sempre
como quem visita um doente:

ao levar-lhe o modesto almoço,
era se a um cão acorrentado
alguém levasse a água e o osso,

era gesto cuja elegância
maior só é vista à distância.
(MELO, 2003, p. 203).

Nos poemas posteriores aos apresentados verifica-se que a amizade entre Bai e Yacala está próxima de uma relação de dependência, em que o marujo sente a necessidade de cuidar do cientista e este de receber tais cuidados. Ambas as personagens são reflexo do espaço que habitam: Yacala, sozinho e lançado ao mundo desde que nascera, embora demonstre afetividade, prefere refugiar-se no seu mundo e na busca constante de sua estrela. Bai, por outro lado, metaforizando a vida no mar, vê reacender a esperança sempre que se pode começar um novo dia, uma vez que como para aqueles que sobrevivem do mar, cada ida é sempre uma despedida.

2.1.2.2 Adriana

Para completar o triângulo de personagens, Adriana é apresentada como moça negra, criada por Mestre Bai, seu pai, uma vez que a mãe morreu no seu parto. Após a morte do pai, Adriana fica responsável pela custódia de Yacala. Ao descrevê-la, o narrador poético incube a personagem dos cuidados da casa e da vida de Yacala:

056
Mestre Bai deixou Adriana
à custódia de seu amigo
e ela começou habitar
esse estúdio, quase jazigo;
[...]
(MELO, 2003, p. 222)

057
Enquanto Yacala rastreia
a sua caça nas alturas,
Adriana ali retomou
Suas sabidas desventuras;

caçar o pó, desfazer teias
de aranha pela casa inteira;

um varre o céu e o outro a terra,
e ambos sonham estar fazendo
algo sagrado enquanto esperam

encontrar-se a si, nesses ermos,
sem caminhar para si mesmos.
(MELO, 2003, p. 223).

Como mostrado na retranca, Adriana fica responsável por cuidar de Yacala. As duas personagens mantêm uma relação de dependência: ela precisa de uma casa, ele de alguém que possa cuidar das suas necessidades.

É importante salientar que a relação de Yacala e Adriana vai além dos afazeres domésticos na palafita: há entre eles uma relação de indiferença e sensualidade. Em muitas retrancas, nota-se a exposição de Adriana, de modo a chamar a atenção do herói, como no canto 063, cuja descrição demonstra uma moça que se “armou toda de recato” para conviver ao lado de um homem, medidas desnecessárias, uma vez que “ele não vê, sob a bandagem / vestal, a carne solitária”.

Yacala não representa o homem conquistador, capaz de oferecer a Adriana aquilo que ela deseja. A relação de ambos é de dependência, mas o narrador poético em diferentes versos descreve a menina-mulher como uma observadora: “não era um galã de novela / o seu companheiro de cela” (retranca 060). O herói, por sua vez, ignora toda a proximidade de Adriana: “indiferente ao novo aroma / das lavandas, das avelãs, / que se espalha na palafita / Yacala atravessa as manhãs...” (retranca 061).

Dialogando com o texto bíblico, na retranca 063 o narrador poético começa com “No início dos tempos, Adriana...”, tal qual o livro de Gênesis, capítulo 1, primeiro versículo “No princípio, Deus criou o céu e a terra...”. Na bíblia, o texto de Gênesis apresenta a genealogia da história cristã, ou seja, trata da origem do mundo e da humanidade e do povo de Deus. Em *Yacala*, ao fazer uso da expressão semelhante ao texto bíblico percebe-se a necessidade do narrador poético em demonstrar que por parte de Adriana existia uma relação de conquista em contraponto com a indiferença do herói. Nesse trecho, volta-se, novamente, a definição encontrada no dicionário de nomes de Moacyr Costa Ferreira, cuja definição apresenta Adriana como “deusa do fogo”, salientando a superioridade da personagem.

Ainda sobre a personagem Adriana, vale ressaltar a retranca 065 em que por meio de metáforas a personagem vai se despidendo de todo recato ao perceber que Yacala não a quer como mulher:

Quando Adriana se flagrou
lesada pelo desvario

e extraordinária indiferença
do matemático partiu

para testar a radiosa
e quente máquina de rosas

do próprio corpo, muito cedo
chamado por um lusitano
de formoso pêssego negro,

e dia a dia, de mansinho,
foi se despindo em seu cantinho.
(MELO, 2003, p. 231)

Em “radiosa e quente máquina de rosas” tem-se uma metáfora para tratar da genitália feminina. Os termos “radiosa” e “rosa” podem ser tomados como o desabrochar de uma mulher que está viçosa, cintilante, à espera de ter seus desejos correspondidos. “Quente máquina”, por sua vez, transmite a ideia de que o corpo feminino, nesse caso, o órgão sexual, é apenas uma máquina, desempenhando função mecânica. Uma outra leitura, por sua vez, permite entender a expressão como uma máquina potente, sequiosa “quente”. Além da metáfora, tem-se, então, uma antítese de ideias.

Outra ideia nessa retranca é a da iniciação sexual de Adriana: no terceto, observa-se que “um lusitano” “muito cedo” a possuiu e comparou-a a um “formoso pêssego negro”. Considerando o descrito no *Dicionário de símbolos*, de Chevalier, temos que:

o pessegueiro - e o pêssego - são símbolos de imortalidade. [...] certas versões fazem dele um *Jardim da imortalidade*, uma espécie de Éden do novo nascimento, o que identifica o pessegueiro com a *Árvore da vida* do Paraíso terrestre, ponto de chegada aqui da viagem de iniciação. (CHEVALIER, 2006, p. 715).

A comparação com um pêssego remete a ideia de fertilidade da mulher, já que o pessegueiro representa a “*Árvore da vida* do Paraíso terrestre”, o adjetivo negro, por sua vez, confere a personagem uma qualidade de algo que é raro, já que a cor normal do pêssego não é essa. Percebe-se mais uma vez a proximidade com Deus.

O dístico final completa a ideia de vida sexual ativa, ao descrever que “e dia a dia, de mansinho / foi-se despindo em seu cantinho”. Nesse sentindo, poderíamos pensar que Adriana desejava manter uma vida sexual. Talvez essa ideia seja reforçada adiante, como na retranca 081, em que, de modo metaforizado, reafirma-se a

necessidade da moça em ser desejada: “A vagem, no ponto, deseja / ser debulhada com cobiça, / antes das chuvas, pois as águas / encharcam os grãos, desperdiçam-na”. No contexto, “vagem, no ponto” pode representar a mulher que está pronta para ter uma vida sexual ativa. Nota-se, então, mais uma recorrência ao campo semântico vegetal para definir as personagens.

Ainda sobre essa recorrência ao campo semântico vegetal e bíblico, na retranscrição 109, temos a descrição de Fernando, proprietário de um bar, e do sentimento que ele nutre em relação à Adriana: “ao ver Adriana passar, / não pensava em Deus, nesse dia”, percebe-se a ideia de paganismo. No que segue, nota-se a descrição da excitação masculina sendo descrita como uma vagem: “sente mais força na barragem / do grão inchando-se na vagem / e respondia ao cumprimento / daquela fêmea a intrumescer / toda a massa, como um fermento”. Adriana despertava o desejo masculino, exceto o desejo de Yacala.

2.1.2.3 Yacala

Retomando a entrevista que Alberto da Cunha Melo concedeu à Alfredo Bosi, observamos que a descrição das personagens não foge à caracterização apresentada pelo autor. No entanto, a relação entre elas e a configuração da significação do poema vão além da simples nomeação.

Ao escolher Yacala como a personagem principal, dando-lhe um nome cuja origem recorre a um dialeto africano e caracterizando-o como homem negro, doente, o qual vive na miséria e é ajudado por pessoas vivendo em situação bastante semelhante à sua no que se refere à condição social. É possível pensar numa caracterização cujo objetivo é generalizar a condição humana mais que apontar para personagens específicas de um determinado local, ou seja, Yacala não é apenas uma caricatura para o pobre negro no Brasil, representa bem mais que isso, o homem – ser complexo, limitado.

Vale ressaltar que em *Yacala*, o herói e nenhuma das personagens dialogam; todo discurso ocorre por meio do narrador. Há apenas algumas exceções destacando-se o pensamento do herói ou de Adriana e apenas três ocorrências de representação da fala:

- Destaca-se o pensamento de Yacala, na retranscrição 028: “um mal sinal”, pensou, “porém inútil, se for verdadeiro, e, se falso, inútil também”.

- “é um espasmo alucinatório da vigília”, pensou Yacala. – retranca 058.
- A moça leu, entre outras frases soltas: “nojo de usar o sanitário; estas sempre repugnantes pausas, no meio do calvário”. – retranca 102.
- Lê o perfil do pesadelo sem atinar ser o modelo: “Alegre, porque distraída dos inimigos emboscados nos extremos de cada vida.” – retranca 114.
- “é um homem manso”, disse Bai, com suas mãos grandes e negras, e acrescentou: “manso demais” – retranca 073.
- Quando Adriana, no estertor, gritou bem alto: Y-a-c-a-la! Retranca 124.
- “é outro mero”, diz Zacarias. - retranca 129.

Ainda sobre Yacala, observa-se a relação que o herói manteve com as demais personagens:

- Yacala e os monges: conhecimento erudito adquirido no mosteiro *versus* a necessidade de conhecer o mundo para além dos muros do monastério.
- Yacala e os professores: mudança de ciclo – deixa de vagar pelas ruas para adquirir conhecimentos acadêmicos.
- Yacala e Bai: relação de amizade e interdependência. Bai é a única figura que demonstra compreender Yacala e sua busca constante por “orientação”.
- Yacala e Adriana: a sensualidade da moça *versus* a indiferença do herói.

Mediante essas explicações, salienta-se, ainda, que em *Yacala* é possível dividir a vida do herói em fases, que vão do seu nascimento até a sua morte, destacando-se, nessa divisão, o “Exórdio” e o epílogo¹⁴. Assim, temos a seguinte construção:

- Exórdio – canto 001.
- Surgimento do herói – cantos 002 e 003.
- Adolescência – cantos 004 e 005.
- Quadra venérea – início no canto 008, prosseguindo até o canto 011.
- Vida acadêmica – canto 012 ao canto 017.
- Vida adulta – canto 018 ao canto 137.
- Epílogo – canto 138 ao canto 140.

Yacala é uma personagem que nasce e morre em condição de nulidade. Exemplo disso é a retranca 101: “desse negro em auto-senzala / com o nome de todos: Yacala”. A personagem é escrava de si mesma e, ao usar a expressão “nome de todos”,

¹⁴ O epílogo não é nomeado, mas é perceptível pela construção do texto.

o narrador poético pretende generalizar a personagem, como se fosse o mesmo que José, por exemplo, nome comum, mas o que vem depois é seu próprio nome, que como apresentado, significa homem.

Outro recurso utilizado para caracterizar Yacala é a comparação do cão Sertão com a personagem. Tal aspecto é perceptível ao final da narrativa, na retranca 137: “o cão, pelas aves rasgado, / já nasceu desaparecido / e nenhuma cadela guarda / as sementes dos seus gemidos”. Assim como Yacala, o cão é abandonado e, durante sua existência, não estabeleceu vínculos permanentes, já que não deixou herdeiros.

Retoma-se a ideia de herói fracassado. O fracasso, aqui, no sentido de ser falho, ter medo, limitações, diferentemente dos heróis clássicos como Ulisses, com virtudes que servem de modelo a ser seguido. A trajetória de sua vida é marcada por uma busca em que não há respostas.

A tensão não é apenas quanto a personagem ser um herói ou um herói fracassado. Temos um conflito de gêneros, pois para as personagens superiores, segundo Aristóteles (1984), temos a epopeia e o trágico, já para as personagens inferiores, a comédia. Se Yacala não representa o típico herói épico, tão pouco exemplifica uma personagem cômica. Temos, então, uma obra cujas características podem assemelhar-se ao homem, ser dialógico e conflitante por natureza. Quanto ao gênero a que pertence, *Yacala* enquadra-se na categoria de poema narrativo.

Buscando entender a relação entre as personagens e a configuração do espaço é que se observará os locais apresentados no poema. Alberto da Cunha Melo, ao descrever o cenário nordestino, abordou com originalidade discursiva, temática e estilística uma realidade muitas vezes tratada de forma caricatural. Apesar disso, em seus poemas não habitam o plano da denúncia, exposição ou descrição do ambiente sertanejo, interessam-lhe a constituição do indivíduo que habita tais cenários, sua construção, seu modo de enxergar a vida, os outros, o mundo e a si mesmo.

A descrição do mosteiro, das ruas, do mangue e da própria palafita pretende mostrar mais do que lugares por onde a personagem viveu. Cada ambiente apresentado serve de subsídio para a formação social de Yacala, não como garoto negro abandonado, mas como homem que se constrói gradativamente por meio da relação estabelecida com o espaço.

2.1.3 O espaço

É pelo espaço que se descobre a condição histórica e social do sujeito. Assim, ao considerarmos os processos que envolvem a construção da narrativa, percebemos que a percepção espacial é amplamente manipulada por meio de estratégias as quais preenchem as lacunas existentes no universo ficcional. Segundo Barbieri,

O espaço da narrativa, muito além de caracterizar os aspectos físico-geográficos, registrar os dados culturais específicos, descrever os costumes e individualizar os tipos humanos necessários à produção do efeito de verossimilhança literária, cria também uma cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a subjetividade e a interpretação. (BARBIERI, 2009, p. 105).

Em *Yacala*, os espaços apresentados tendem a se configurar de tal forma que o entrelaçamento homem/espaço leva sempre à condição de nulidade.

Se na *Odisseia*, Ítaca é apresentada logo no primeiro canto e n' *Os Lusíadas* o mar recebe destaque “Por mares nunca de antes navegados”, em *Yacala* sobressaem-se as imagens de locais contraditórios: vazio/firmamento; planaltos/cinza movediça. Tanto nas primeiras epopeias, quanto no poema narrativo em estudo, o espaço surge como base para as ações descritas nas obras.

Como descrito por Marcus Cordeiro em seu ensaio “Luz e força sobre o mangue do nordeste”:

Yacala é o retirante de si mesmo, da sina de ser brasileiro do Nordeste, da pré-determinação política da miséria e da violência nordestina e brasileira, estrangeiro numa terra hostil e desumana. Imenso campo de pólvora e de “concentração” de rendas para 10 % e de miséria e violência para a maioria do pobre povo brasileiro. Sua casa, palafita ou cela, pode ser o barraco de zinco ou papelão ou a casa de subúrbio ou centro de qualquer uma das cidades violentas do violento Brasil. (CORDEIRO, 2000).

Para o autor, *Yacala* representa a generalização do homem mediante os problemas sociais e políticos de um país em que a miséria e a pobreza consomem boa

parte da população. O espaço descrito não remete apenas a um local determinado, pode ser em qualquer região do norte ao sul do Brasil.

O espaço das personagens é restrito, mas o espaço imaginário é muito amplo, uma vez que estamos tratando do cosmos, do espaço sideral. Temos, então, mais um caso de antítese.

Isabel de Andrade Moliterno, em sua tese de doutorado, *Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma leitura estilística* (2007), ressalta:

A temática social é marcante, assim como uma tendência às reflexões de cunho metafísico, a indagações sobre a existência humana – vida e morte – e seu papel em uma ordem maior. O homem está sempre no centro das atenções. Mas existe uma busca constante de integração com a natureza, sempre presente em imagens de água (mar, rio, chuva), terra (lama, pedra, areia, vegetação), céu, fogo, animais. (MOLITERNO, 2007, p. 42).

De acordo com o exposto, refletir sobre a existência humana é um dos pontos principais da poesia de Alberto Cunha Melo e, embora o homem seja o foco de sua preocupação, busca-se uma integração com os elementos naturais. Ainda sobre a construção de seus poemas, Moliterno reitera que o “Cosmo” é a casa do homem, local de abrigo e aflição:

O Cosmos é tido como a grande casa do homem, que ora acolhe e ora parece repelir; no geral, representa o principal objeto de desejo de sua poesia, que se lança à procura de harmonia e equilíbrio. É interessante notar que, embora haja variações, o sol é geralmente representado como uma força opositora, que castiga, enquanto as chuvas surgem com conotação positiva, de graça e renovação. Provavelmente isso ocorre porque o nordeste brasileiro serve de cenário para muitos de seus poemas. (MOLITERNO, 2007, p. 42).

Embora em seus textos o cenário nordestino apareça de modo explícito, na maioria de suas obras, Alberto da Cunha Melo não demarca o espaço e o tempo:

Mesmo quando o homem é um personagem específico, com nome e tudo, pode habitar qualquer lugar – o contexto urbano prevalece –, o que contribui para a identificação do leitor com o texto. Também é raríssima a menção a

datas precisas, enquanto é mais comum a referência a épocas do ano como meses, o que ressalta a ideia do tempo cíclico. Mas se destaca o contexto de pobreza, desigualdade, luta pela sobrevivência, universo tão tipicamente brasileiro. (MOLITERNO, 2007, p. 42).

Essa simbiose entre o homem e os elementos da natureza aparecerá em todas as fases do autor, revelando, assim, as facetas de Alberto da Cunha Melo, que em seus poemas tratava das reflexões responsáveis por guiar o ser humano na busca de compreender a si e ao outro. Alberto da Cunha Melo ao escrever *Yacala* valeu-se da condição humana como matéria-prima para seu poema. Mediante a observação dos espaços apresentados pelo autor, observaremos como a espacialidade e a configuração das personagens convergem de tal modo em que um é reflexo da constituição do outro.

Nota-se, logo no início deste poema, que Yacala vive o contraste do ambiente fechado do mosteiro e a busca pelo infinito, representada pelo “mar a altas distâncias”. A tensão do poema é gradativa e envolvente.

Nesse sentido, o mosteiro é sinônimo de conhecimento e clausura. A dureza do local estava em sua reclusão. Se a vida monástica tornou Yacala um homem dotado de conhecimentos eruditos, por outro lado, despertou no jovem o desejo de conhecer o mundo para além dos muros do mosteiro. Ao longo do poema, permanece a dualidade entre os espaços abertos e fechados e, mesmo quando se encontra enclausurado, busca uma maneira de observar o infinito: “mirando o mar e altas distâncias / numa luneta de escoteiro”, como na retranca 002.

A rua foi o local escolhido para satisfazer o desejo de ser livre, para realizar os desejos contidos pelas grades do seu refúgio:

005
 Numa “noite obscura da alma”
 mas de gala para as estrelas,
 deixa um Salmo pela metade
 e sai do claustro para vê-las:

diante do mosteiro, o mar
 o convidava a se afogar;
 [...]
 (MELO, 2003, p. 171).

Na retranca 006, apresentam-se dois novos espaços: o primeiro, as ruas; o segundo, a chácara.

006
Cheio de latim e de grego,
vagou pelo baixo vernáculo
de poça em poça, descansando
entre as frestas dos obstáculos,

Como quebrado cata-vento,
por mais dois anos ao relento;
[...]
(MELO, 2003, p. 172).

Pela retranca selecionada, observa-se que ao sair do mosteiro, Yacala joga-se ao mar e quase se afoga. É salvo da morte por um marujo, como mencionado anteriormente, e passa a vagar pelas ruas por um período de mais de dois anos. A rua, portanto, representa uma liberdade ameaçadora, nela vivem-se os perigos de ser livre. Nessa retranca, atenta-se ao léxico erudito da personagem contracenando em oposição com o popular: “cheio de latim e de grego, / vagou pelo baixo vernáculo”.

Os dois cenários posteriores, em que Yacala irá buscar abrigo, trazem, novamente, a segurança do refúgio do lar. Ao sair das ruas e ir viver como faxineiro na chácara de um matemático, descobre-se um admirador dos números. No poema 006, a personagem passa da condição de vítima resgatada a resgatador dos livros.

Os conhecimentos matemáticos levaram Yacala a descobrir-se um apreciador dos números, no entanto, o convite às ruas o levou novamente para os becos sem saídas. Percebe-se, novamente, nas retrancas que seguem uma digressão dos acontecimentos e decadência no espaço:

008
Mas certa noite, claro choro
de saxofones, em surdina,
puxou-o em ondas para um beco
entre sobrados em ruínas,
[...]
e a matemática mais pura
recolheu-se a sua clausura.
(MELO, 2003, p. 174).

009
[...]
mas, trégua nas trevas, a orgia
tornou-se a sua liturgia

e ele a exerceu subindo escadas

de tábuas meio apodrecidas,
junto com novos camaradas,

para beber, à luz minguante,
a última gota dos instantes.
(MELO, 2003, p.175).

Salienta-se no nono poema a referência aos espaços sombrios: *trevas, clausura, escadas de tábuas apodrecidas*.

A imagem da casa aparece no poema como uma forma de estabilidade. Para a personagem, era necessário um território onde pudesse sobreviver aos perigos do mundo. As retrans 018, 019 e 021 tratam da escolha do local que a personagem escolheu para alojar-se.

018
Foi em agosto, quando o vento,
todo em galas de temporal,
vaiava no mar as barcas
em formação de funeral,

que Yacala, com sua mochila,
mudou-se para a palafita;

a casa anfíbia já estava
mergulhada nas ventanias,
e nas águas tanto ventava

que as anchovas, largando as presas,
fugiam para as profundezas.
(MELO, 2003, p. 184).

Nessa retrans, percebe-se uma ruptura com o ritmo do poema: o narrador prende-se mais a descrição do local.

019
Com seus cálculos, instalou-se
na palafita de concreto:
um laboratório em escombros
no manguezal a céu aberto;
[...].
(MELO, 2003, p.).

O espaço tem fundamental importância na configuração da personagem. Nesse sentido, questiona-se se para a personagem ter um local onde ser encontrado seria o mesmo que encontrar-se a si mesmo. A retrans 021 reflete sobre essa observação:

021
Se todos têm seu território

o mendigo sua calçada;
o cão, a sombra de seu dono;
a rocha, a serra; a planta, a mata;

Yacala, o garoto sem berço,
Hoje tem seu endereço;
[...]
(MELO, 2003, p. 187)

Confirmando a ideia da personagem, Bachelard reitera que “a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. [...] A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. (BACHELARD, 2008, p. 200).

Compreendida como local de estabilidade, a palafita em que Yacala foi morar abrigava os objetos necessários para sua sobrevivência:

023
A tapera, o computador
que arfava com dificuldade
e outros brinquedos eletrônicos,
sucatas da universidade;

os móveis, o fogão, a cama
e alguns lençóis com ideograma,

tudo isso um reitor lhe cedeu,
certo da breve sobrevida
do agonizante Galileu;

mas ele aceitou com assombro
esse luxuoso abandono.
(MELO, 2003, p. 189).

A nulidade da vida da personagem reflete-se, também, nos objetos à sua volta: tudo que possuía eram utensílios que para outras pessoas já não tinham utilidade. Yacala vivia isolado em um mundo completamente seu. Bachelard afirma que (...) os valores de proteção e de resistência da casa são transformados em valores humanos. A casa toma as energias físicas e morais de um corpo humano.

Exemplificando as necessidades de Yacala reflete-se, na retranca 043, que as quatro paredes internas da palafita foram pintadas de verde não “por querer belo por

dentro o seu túmulo de cimento”, mas “para usar o giz barato” nas noites que se cansa do computador e põe-se a escrever nas paredes.

043

A uma súplica de Yacala,
pintaram as quatro paredes
internas, da única sala,
invariavelmente de verde;

não por querer belo por dentro
o seu túmulo de cimento,
[...]
(MELO, 2003, p. 209).

O uso da expressão “túmulo de cimento” ressalta a ideia que a personagem não vive, apenas sobrevive esperando a morte. A mesma observação é constatada na retranca 056, em que a casa é descrita como “estúdio, quase jazigo” (MELO, 2003, p. 222).

Os poemas finais que retratam as idas de Adriana a cidade, descrevem um cenário que contrasta com a beleza e vivacidade da moça. A imagem do manguezal, das “jangadas velhas” e das “catraias nas caiçaras a encardir” denotam como o local em que Yacala vivia é reflexo de sua realidade. O contraste entre o escuro do lamaçal do mangue e a claridade do sol na praia realçam o paradoxo entre a vida opressora que as personagens tinham diante da vastidão de um mundo do qual elas pareciam não pertencer.

A respeito da aparência da casa de Yacala, destaca-se o texto de Bachelard (p. 243) em que “toda grande imagem é reveladora de um estado de alma. A casa, mais ainda que a paisagem, é “um estado de alma”. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade. Nesse sentido, Osman Lins em seu livro *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976) ressalta que “se há o espaço que nos fala sobre a personagem, há também o que lhe fala, o que a influencia” (LINS, 1976, p. 99).

A palafita reconstruída sobre os escombros de um laboratório a céu aberto no manguezal abrigou Yacala, o “nômade puro” que “pouco traz, para nada deixar atrás”. A personagem que inicia o poema sendo cuidado por monges em um mosteiro tem um final trágico, vítima da ação brutal dos “emissários da justiça”.

2.1.4 O tempo

Na obra, não se percebe, também, marcas de distanciamento cronológico ou espacial entre o narrador e o herói, como ocorre no poema épico clássico. Tal característica, portanto, intensifica a proximidade e a maior identificação entre narrador e personagem.

Tem-se um narrador onisciente que, por meio da proximidade que estabelece com o leitor, apresenta-nos a personagem principal, que dá nome ao poema, e as ações que o cerca. O tempo da narrativa ocorre *in ultimas res*, contrariando a epopeia clássica, cuja narração é descrita *in media res*.

O tempo da narrativa épica clássica geralmente é elástico. Em *Odisseia* seria de aproximadamente vinte anos. N'Os *Lusíadas*, cerca de dois anos. No *Uraguai*, a duração temporal é de sete anos. Qual o tempo de *Yacala*? Qual o tempo de uma estrela? Essas duas questões não são respondidas no decorrer da obra de Alberto da Cunha Melo, no entanto, o que se sabe é que uma estrela vive muito mais que qualquer ser humano e mais que as epopeias que exemplificamos.¹⁵ Novamente, sobressai-se uma relação antitética entre o herói e o tempo, uma vez que a busca de *Yacala* faz-se por meio de algo inatingível. Na obra *Yacala*, o tempo da narrativa é o mesmo que o tempo de vida da personagem.

Em *Yacala* predomina a linearidade do tempo, sendo que a narração dos acontecimentos ocorre na ordem em que eles aconteceram. O narrador descreve, no plano diegético, a trajetória da vida de *Yacala*, da infância a sua morte, passando por episódios relevantes para sua configuração como protagonista do texto. No plano da narrativa, temos reflexões do narrador sobre a vida do herói.

Em determinados momentos, percebe-se que o tempo na narrativa ganha um novo ritmo, como nas retrans 110, 111, 112 e 113 em que ocorrem digressões para tratar de tema inerente à obra, mas que foge à sequência temporal dos acontecimentos que vinham sendo descritos. Nas quatro retrans citadas, apresenta-se uma reflexão sobre a vida do protagonista que foi marcada por episódios de “tempo perdido”.

¹⁵ Segundo a Rede Brasileira de Astronomia (RBA), “o tempo de vida das estrelas depende de sua massa, quanto mais pesada uma estrela mais curta vai ser a sua vida”. No sítio da RBA é possível observar uma tabela com a idade das estrelas. Para mais informações, conferir < http://www.rba.astronomos.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=204:quanto-tempo-dura-uma-estrela&catid=31:gerais&Itemid=41>.

Esses devaneios, como denominamos, representariam em *Yacala* o aspecto maravilhoso das epopeias clássicas. Os episódios mencionados nas retrancas 110 a 113 estabelecem uma relação de dependência entre a personagem principal e o tempo “pelos horários perseguidos” (retranca 113), em que o tempo age sobre o herói como um opressor, contrariando o que já havia sido exposto na retranca 027, quando Yacala era considerado o “senhor das horas”.

Para pensarmos sobre os aspectos épicos na obra de Cunha Melo, observemos o trecho no qual Camões explora o elemento maravilhoso n’*Os Lusíadas*:

Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca d’outrem navegados,
Pròsperamente os ventos assoprando,
Quando ùa noute, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Ùa nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
- Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?

Não acabava, quando ùa figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.
(CAMÕES, 2003, p. 149).

O episódio do Gigante Adamastor, do qual transcrevemos apenas a parte inicial, encontra-se no Canto V estendendo-se das estrofes 37 a 60. Historicamente, o episódio representa a superação dos portugueses ao enfrentar o mar, já que era temido por todos. No plano literário, retoma aspectos recorrentes na obra de Camões: a impossibilidade do amor e a rejeição do amante. Se nesse episódio d’*Os Lusíadas* o real maravilhoso é representado pelas profecias do Gigante Adamastor, em *Yacala*, o aspecto maravilhoso concentra-se na dificuldade de ver o tempo passar sem que haja mudanças.

Nas retrancas 92 a 99 são narradas uma série de visões do herói do poema. As visões surgem como alucinações de alguém que está delirando. Os delírios são causados

pela doença, sendo estratégias do narrador poético para tratar de temas que na visão real podem parecer “ofensivos”, mas que em um devaneio são possíveis de acontecer. Assim, o poeta ao manipular a língua, dispõe ao leitor, ao crítico, possíveis significados de leitura.

Os temas tratam do câncer como um mal do século; de planetas metaforizando as pessoas; da ausência de um deus para aliviar o sofrimento do universo. Nessas oito retrancas, a indefinição quanto ao que é narrado é acentuada, também, pelo uso das contrações “numa” (preposição *em* + artigo indefinido *uma*) e “noutra” (preposição *em* + pronome indefinido *outra*).

Além dos recortes temporais mencionados, toda a extensão do poema narrativo segue de forma linear e, embora não esteja explicitada uma marcação temporal exata do momento da narrativa, em algumas retrancas surgem elementos que indiciam o momento em que os fatos são narrados: “Foi em **agosto**, quando o vento, / todo em galas de temporal” (018, p. 184); “Yacala, o garoto sem berço, / **hoje** tem o seu endereço; / **hoje**, sóbrio e sombrio, habita / no entroncamento de três mundos, / no tardo berço, a palafita” (021, p. 187). Em outros casos, são expressões marcadas por números que evidenciam a passagem do tempo: “ao completar vinte crepúsculos / e auroras em sua guerrilha” (049, p. 215).

Ainda no sentido de temporalidade, têm-se nas retrancas 080 e 081 exemplos de prolepse, antecipando um acontecimento que ocorrerá posteriormente. No dístico da retranca 080 “mas mostra aos monstros, no caminho, / como chegarem ao seu ninho” e na retranca 081, ocorre a descrição daqueles que ao final da narrativa serão responsáveis pela tragédia da obra “assim, Adriana, uma tarde / foi cobiçada de verdade / por cafajestes de uniforme / dessa cor de barro cozido / na água cheia de coliformes / na volta, ao tomar o seu ônibus, / olham-na, de longe, os demônios”.

Percebe-se que os versos citados da retranca 081 fazem uma crítica a polícia militar pernambucana, indiciando que policiais são os responsáveis pelo massacre que ocorrerá posteriormente. Tal constatação deve-se ao uso da expressão “cafajestes de uniforme” e “cor de barro cozido”, referindo-se ao uniforme dos policiais que é marrom.

O herói de *Yacala* teve uma vida breve e, levando em consideração o tempo vivido e as experiências apresentadas, talvez possamos concluir que a personagem tenha vivido pouco mais de quarenta anos, pois em sua trajetória demarca-se a infância, a

adolescência, a vida nas ruas, os conhecimentos universitários, a vida na palafita e a descoberta do câncer.

A vida do herói é uma metáfora de viagem, de tempo à deriva, como ocorre com Ulisses, na Odisseia de Homero, cuja viagem representa mais que o retorno à família, mas uma viagem em busca de si mesmo. Assim como ocorre com o herói homérico, Yacala tem sua vida marcada pelo intuito de conhecer a si mesmo, de compreender o mundo que o rodeia, o qual sempre pareceu muito distante, tal qual a estrela que ele encontrara.

3. OS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO TEXTO

3.1 A métrica: o uso da retranca

A definição para o termo retranca é dicionarizada apenas com sentidos diferentes daquele adotado como função poética. Nesse sentido, a definição que utilizaremos no trabalho tem por base o texto “Futebol, poesia e arte” (1998), de César Leal, segundo o qual “a forma fixa criada por Alberto da Cunha Melo tem sua origem no nosso esporte nacional: o futebol”. De acordo com Leal,

A “forma fixa” criada por Alberto da Cunha Melo tem quatro estrofes: um quarteto, com rima ou assonância no segundo e quarto verso. Um dístico com rimas ou assonância emparelhadas; um terceto rimado ou assonantado no primeiro e terceiro versos da estrofe e um dístico final, ou seja, um emparelhado, com predomínio de rimas consonantais. É claro que essa disposição pode ser modificada, mas o que não se pode é alterar a “forma fixa”. (LEAL, 1998, p. 2).

Saliente-se que a “forma fixa” exposta por César Leal refere-se ao número de estrofes e versos do poema, não ao verso e as construções de rimas escolhidas por Alberto da Cunha Melo.

O título do texto de César Leal faz referência ao futebol, isso porque, nesse esporte, o termo retranca remete a um jogo fechado, em que além de “trancar” o adversário, a disposição dos jogadores cria uma espécie de “retranca”, trata-se, então, de um jogo “bem amarrado”, articulado de tal modo que não sobra espaço para o adversário fazer jogadas, ou seja, o time está numa posição defensiva. A utilização desse mesmo termo para denominar uma forma poética deve-se a construção “bem amarrada” do poema tal qual acontece no jogo de futebol.

Ainda sobre a estrutura adotada pelo poeta, Alfredo Bosi, no prefácio da segunda edição da obra, republicado em *Dois caminhos e uma oração* (2003), discorre:

Mas há, no plano formal, outra fonte de estranheza nesta poesia, e que resulta em um efeito estético original. É o paradoxo da sua composição ao mesmo tempo rebelde ao cânon e inventora de sua própria e inflexível ordem estrófica e métrica. Estrófica: um quarteto na forma *abcb*, um dístico rimado, um terceto na forma *ded* e um dístico final também rimado. Métrica: todos os versos são octossilábicos, o que produz um ritmo inusitado, pois as narrativas poéticas longas são, em geral, plasmadas em populares redondilhos maiores ou em clássicos camonianos. (Bosi, 2003, p. 162).

Não é difícil perceber que o uso dessa nova forma fixa – a retranca – e o retorno ao verso octossilábico fez com que a crítica avaliasse de forma positiva a obra de Alberto da Cunha Melo. Observando o descrito por Leal e Bosi, nota-se a valorização pela estrutura rígida mantida pelo autor, bem como o apreço pela forma que conseguiu elaborar uma obra que fosse “rebelde ao cânon” ao mesmo tempo “inflexível [em sua] ordem estrófica e métrica”.

Em *Yacala*, predomina o verso octossilábico, no entanto, dos um mil, quinhentos e quarenta versos que formam a obra, oito deles merecem atenção por possuírem, teoricamente, nove sílabas poéticas. Embora a variação na métrica do poema ocorra em versos esporádicos e não represente nenhuma alteração na temática abordada, apresentando apenas mudança no plano estrutural, é importante salientar que para o estudo em questão, cujo objetivo é demonstrar a metrificação rigorosa adotada pelo autor, a análise desses poemas com esquema de rima alterado, pode ou não ser considerado em alguns casos, como será demonstrado a seguir:

040

sen / te / que_há / dé / ca / da/sa / ron / (da) - oito sílabas

com / a / ve / lo / ci / da / de / da / som / (bra.) - nove sílabas

A variação ocorre no verso final da retranca e suscita a dúvida quanto ao número exato de sílaba métricas, isso porque uma outra divisão é possível, se pensarmos na variação regional da língua:

co'_a / ve / lo / ci / da / de / da / som / (bra.) - oito sílabas

Nesse caso, para a formação da sílaba poética é preciso que a primeira vogal perca sua ressonância nasal [m], formando, assim, o que denominamos de elipse.

052

Do / pas / sa / do, / man / tém / os / há/ (bitos) – oito sílabas

da / dis / ci / pli / na_e / dos / a / sse / (ios;) - oito sílabas

mas / a_á / gua / lhe_es / co / rre / nas / es / pá / (duas) - nove sílabas

co / mo / se / fo / sse_em / cor / po_a / lhe / (io;) - oito sílabas

A variação ocorre no terceiro verso do quarteto.

056

Ya / ca / la / mos / tra-/ lhe / com / o / de / (do) - nove sílabas

a / que / le / quar / to / de_a / rre / me / (do) - oito sílabas

Nota-se mais um caso de elipse:

Ya / ca / la / mos / tra-/ lhe / co'_o / de / (do) - oito sílabas

060

e / sa / ir / a_a / cen / der / a / co / bi / (ça) - nove sílabas
 da / car / ne / ver / de_e / da / car / ni / (ça.) - oito sílabas

A variação ocorre no último verso da retranca.

063

No_í / ni / cio / dos / tem / pos / A / dri / a / (na) – oito sílabas
 ar / mou / se / to / da / de / re / ca / (to) - oito sílabas
 sa / í / a / do / ba / nho / já / ves / ti / (da) - nove sílabas
 e / fe / cha / va_a / por / ta / do / quar / (to) - oito sílabas

A variação ocorre no terceiro verso do quarteto.

089

com / to / da_a / cer / te / za / não / e / (ra) - oito sílabas
 u / ma_es / tre / la / ba / bá / de / chi / ne / (las) - nove sílabas

A variação ocorre no segundo verso do primeiro dístico.

091

Ex / pul / so_o / so / no / seus / va / zi / (os) - oito sílabas
 en / chi / am / se / de_a / lu / ci / na / çõ / (es) – nove sílabas
 ou / pe / sa / de / los / de / vi / gí / (lia) – oito sílabas
 que / lhe / che / ga / vam / em / fra / ções - oito sílabas

A variação ocorre no segundo verso do quarteto.

094

Nu / ma / vi / são / a / bre / se_um / pá / (tio) - oito sílabas
 si / de / ral / en / tre / ga / ses / e / ro / (chás) – nove sílabas
 on / de_a / pis / car / co / mo / lan / ter / (nas) – oito sílabas
 en / tre / ban / dos / de / ne / bu / lo / (sas) - oito sílabas

A variação ocorre no segundo verso do quarteto.

No primeiro exemplo apresentado, retrancas 040 e 056 têm-se dois casos de divisão métrica em que há variações de acordo com a variação linguística adotada. Se considerarmos a pronúncia omitindo o som nasal da palavra “com”, presente nos dois poemas citados, observaremos duas ocorrências de elipses. Dessa forma, é possível considerar que essas retrancas são octossilábicas. No entanto, nas retrancas 052, 060, 063, 089, 091 e 094 registram-se versos com nove sílabas poéticas, sem a possibilidade de variação devido a registro prosódico.

3.2 Rimas alternadas e emparelhadas: as variações

Para Leal a “disposição [das rimas] pode ser modificada, mas o que não se pode é alterar a ‘forma fixa’”. Em *Yacala*, embora o esquema de rima predominante seja o apontado por Alfredo Bosi, “um quarteto na forma *abcb*, um dístico rimado, um terceto na forma *ded* e um dístico final também rimado”, como pode ser observado na retranca 002, verifica-se que em algumas retranscas as rimas sofrem alterações:

002
 Yacala Cosmo, diz a crônica, (a)
 quando criança malnascida, (b)
 acharam-no na porta uns monges (c)
 e o criaram às escondidas; (b)

foi um certo abade erudito (d)
 quem lhe deu o nome esquisito; (d)

cresceu, portanto, no mosteiro (e)
 mirando o mar a altas distâncias (f)
 numa luneta de escoteiro, (e)

mas a seus pés, dia após dia, (g)
 um chão de garras florescia. (g)
 (MELO, 2003, p. 168).

Na sequência, apresentam-se os poemas que tiveram o esquema de rima alterado:

043 – ABAB, CC, DED, FF: O quarteto apresenta rimas alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “D” são alternadas e, a rima “E”, encontra-se deslocada no poema.

A uma súplica de Yacala, (a)
 pintaram as quatro parede (b)
 internas, da única sala, (a)
 invariavelmente de verde; (b)

não por querer belo por dentro (c)
 o seu túmulo de cimento, (c)

mas para usar o giz barato (d)
 sobre esse verde, quando o sono (e)
 for atacá-lo no teclado, (d)

e a dor, sem mudar de suplício, (f)
 for adotada como um vício. (f)
 (MELO, 2003, p. 209).

058 – ABCB, DD, EBE, FF: O quarteto apresenta as rimas “B” alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “E” são alternadas e, as rimas “A” e “C” encontram-se deslocadas no poema.

Adriana fora à cidade (a)
fazer as compras, quando Yacala (b)
pisou em algo quebradiço (c)
como lâmpada queimada; (b)

ao voltar-se, a sala fervia (d)
de crustáceos das cercanias; (d)

“é um espasmo alucinatório (e)
da vigília”, pensou Yacala, (b)
mas pouco tinha de ilusório (e)

o sangue nas pernas, no braços, (f)
e esses mortos sob seus passos. (f)
(MELO, 2003, p. 224).

073 – ABAB, CC, DED, FF: O quarteto apresenta rimas alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “D” são alternadas e, a rima “E”, encontra-se deslocada no poema.

Antes da morte, usando as mãos, (a)
Bai outorgara à sua filha (b)
uma inesperada missão, (a)
mais que missão, uma armadilha: (b)

ser guardiã daquele ser (c)
que não queria adormecer; (c)

“é um homem manso”, disse Bai, (d)
Com suas mãos grandes e negras, (e)
E acrescentou: “manso demais”; (d)

Hoje, Adriana sabe, ao vê-lo, (f)
Que não se escolhe o pesadelo. (f)
(MELO, 2003, p. 239).

084 – ABCA, DD, EFE, GG: O quarteto apresenta as rimas “A” alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “E” são alternadas e, as rimas “B”, “C” e “F” encontram-se deslocadas no poema.

O corpo magro de Yacala (a)
é disfarçado pela verde (b)
bata, salpicada de giz, (c)
enquanto o rosto é pura máscara, (a)

todo borrado dessa alvura (d)
de giz, de cal, de sepultura; (d)

mas Adriana não mais ri (e)
dessa mistura de palhaço (f)
e matemático, a infringir (e)

toda a harmonia universal (g)
com sua estrela de quintal. (g)
(MELO, 2003, p. 250).

085 – ABCB, DD, AEA, FF: O quarteto apresenta as rimas “B” alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “A” são alternadas e, as rimas “C” e “E” encontram-se deslocadas no poema.

Na pele de Adriana, o negro (a)
vulcânico, o negro solene (b)
das limusines oficial (c)
do senhor vice-presidente; (b)

no corpo, o traço mais montano (d)
de um Modigliani africano; (d)

na pele de Yacala, o negro (a)
cinza, de abafados carvões, (e)
negro do negro sem emprego; (a)

no corpo, a curva simetria (f)
da dor em arco se estendia. (f)
(MELO, 2003, p. 251).

100- ABCB, DD, ECE, FF: O quarteto apresenta as rimas “B” alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “E” são alternadas; a rima “A” encontra-se deslocada no poema e, as rimas “C” estão alternadas em estrofes diferentes.

Essas visões eram sem ritmo, (a)
não tinham regularidade, (b)
e ocorriam como trovões (c)
no discurso da tempestade; (b)

eram pesadelos a voar, (d)
sem um sono para pousar; (d)

seu visionário não dormia: (e)
movido a café e visões, (c)
no seu trabalho prosseguia (e)

à flor da fúria, pois em paz (f)

a razão pura na da faz. (f)
(MELO, 2003, p. 266).

Verifica-se, igualmente, alterações nas rimas de outras sete retrancas, as quais apresentamos, apenas, a explicação das mudanças sofridas, sem fazer a transcrição dos poemas:

107 – ABCB, AA, DED, FF: O quarteto apresenta as rimas “B” alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “D” são alternadas; a rima “A” do quarteto faz rima com o dístico inicial e, a rima “E” encontra-se deslocada no poema.

111 – ABAB, CC, DED, FF: O quarteto apresenta rimas alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “D” são alternadas e, a rima “E” encontra-se deslocada no poema.

121 – ABCB, DD, EFG, HH: O quarteto apresenta rimas “B” alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “E”, “F” e “G” encontram-se deslocadas no poema, bem como a rima “A”.

125 – ABAB, CC, DED, FF: O quarteto apresenta rimas alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “D” são alternadas e, a rima “E” encontra-se deslocada no poema.

126 – ABCB, DE, FGF, HH: O quarteto apresenta as rimas “B” alternadas; o dístico final possui rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “F” são alternadas e, as rimas “A”, “D”, “E” e “G” encontram-se deslocadas no poema.

133 – ABAB, CC, DED, FF: O quarteto apresenta rimas alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “D” são alternadas e, a rima “E” encontra-se deslocada no poema.

140 – ABCB, DD, EDE, FF: O quarteto apresenta as rimas “B” alternadas; os dísticos inicial e final possuem rimas emparelhadas; no terceto, as rimas “E” são alternadas e, a rima “D”, do terceto, faz rima com dístico inicial; a rima “A” encontra-se deslocada no poema.

Esses fragmentos demonstram que além do “esquema padrão” de rima da retranca outras combinações foram utilizadas por Alberto da Cunha Melo ao compor seu poema. Além dessas, em outras três retrancas é possível observar que, tanto o “esquema padrão” quanto outros são possíveis, dependendo da variação linguística

adotada. Nesse caso, dependendo da escolha realizada, as rimas encontradas sofrem alterações.

Portanto, a reprodução das retrancas 034, 050 e 057 visam analisar o esquema de rima considerando a variação linguística:

034 – ABCB; DD; EFE; GG ou (GH)

Uma vez por dia, mestre Bai (a)
sobe os degraus da palafita: (b)
vai levar sardinhas, tomates (c)
e muito café, na visita; (b)

do ex-marujo resta a mesura (d)
e aquela faca na cintura, (d)

mas, à diferença de Yacala, (e)
é mudo mesmo, seu silêncio (f)
não é aquele de quem cala, (e)

mas o silêncio anterior (g)
onde a própria voz começou. (h) ou (g)
(MELO, 2003, p. 200).

As palavras [an/te/ri/or] e [co/me/çou] são pronunciadas, no sudeste brasileiro, com o [r] final de “anterior” sendo retroflexo e o [u] de “começou” átono, ou seja, não constituem rima; no entanto, pensando nas variações linguísticas e no fato do autor ser pernambucano, a pronúncia das palavras terminam com a vogal tônica [ô] em ambas palavras: [an/te/ri/ô] e [co/me/çô], o que consiste rima.

050 – ABCD ou ABCB

Enquanto uns perderam seu norte, (a)
Yacala perdeu seu sul; (b)
no bolso, a bússola quebrada (c)
rasga o mapa do absoluto (d) ou (b)
[...]
(MELO, 2003, p. 216).

É necessário considerar a variação linguística e a pronúncia pernambucana para que a rima no quarteto siga o esquema ABCB, pois [sul] rimará com [absoluto] apenas pronunciando o [o] átono da última palavra como sendo uma semivogal [absolutu].

057 – ABCB, DD, EFE ou EFG, GG (HH)

Enquanto Yacala rastreia (a)
a sua caça nas alturas, (b)
Adriana ali retomou (c)
suas sabidas desventuras; (b)

caçar o pó, desfazer teias (d)

de aranha pela casa inteira; (d)

um varre o céu e o outro a terra, (e)

a ambos sonham estar fazendo (f)

algo sagrado, enquanto esperam (g) ou (e)

encontrar-se a si, nesses ermos, (g)

sem caminhar para si mesmos. (g)

(MELO, 2003, p. 223).

Para que ocorra a rima entre o sétimo e o nono verso é preciso pronunciar [esperam] omitindo-se sua nasalidade. Nesse caso, é possível formar rima com a palavra [terra].

3.3 As figuras de linguagem

A utilização de recursos como as figuras de linguagem é essencial na configuração de *Yacala*, cuja predominância desse recurso recai sobre o constante uso de metáforas, além de aliterações, assonâncias, antíteses, paradoxos e comparações.

Ao longo do poema em estudo, as figuras de linguagem utilizadas servem para a configuração da personagem Yacala como homem forte e fraco, representado no texto por elementos que denotam a angústia de alguém que tenta sobreviver diante das contradições da humanidade, como observado na retranca 002, em que no dístico final a antítese entre “garras” e “florescia” antecipa o uso de elementos grosseiros e delicados que percorrerá todo o poema.

No primeiro dístico da retranca 001 ocorre a comparação de coisas sem valor “jarros negros” e elementos sublimes “estrelas” como sendo iguais na busca de uma identificação/conteúdo. No terceto dessa retranca, observam-se dois elementos contraditórios “renúncia” x “cobiça” que levam ao mesmo fim: esvair-se, representado no texto por “cinza movediça”.

A ocorrência de metáforas de elementos voltados para símbolos sacros, mitológicos e de astronomia possibilitam entender a relação do narrador com a personagem, em que o primeiro descreve as relações conflituosas de Yacala com o ambiente que o cerca. E a personagem, por sua vez, revela-se impregnada pelas desordens do mundo. Exemplo disso é a retranca 004, cuja metáfora “teatro de treva” representa o local descrito pelo narrador como lugar que Yacala escondeu-se na adolescência por detrás dos “cantos gregorianos” nessa casa de representação dramática

que é a igreja, lugar de escuridão, que carrega vestígios sombrios desde o nascimento da Era Cristã.

Na metáfora e no paradoxo da retranca 005, a personagem abandona o canto sagrado (Salmo) e sai da vida monástica (claustro) para ver as estrelas (infinito). A ideia de transitoriedade é verificada, também, em “Cheio de latim e de grego, / **vagou pelo baixo vernáculo** / de poça em poça, descansando / entre as frestas dos obstáculos, / como **quebrado cata-vento**, / por mais dois anos ao **relento**; [...]” (006, p. 172). E em “Mas certa noite, claro choro/ de saxofone, em surdina,/ **puxou-o em ondas para um beco / entre sobrados em ruínas**, [...]” (MELO, 008, p. 174). Nas expressões em destaque, nota que ao sair do local sagrado (mosteiro), Yacala percorre as ruas e conhece a liberdade por meio do contato com a degradação dos espaços.

Ainda nesse sentido de trânsito entre a vida voltada para os conhecimentos “matemáticos” e “eruditos” e a “infinitude das ruas”, a construção metafórica da retranca 009 exemplifica a decadência da personagem por meio da descrição dos locais que frequentou e das pessoas que conheceu, uma vez que a marginalização social da personagem tem efeito sobre sua vida:

Yacala tarda a compreender
que a alegria não tem história
e toda festa sabe a um súbito
curto-circuito na memória;

mas, trégua nas trevas, a orgia
tornou-se a sua liturgia,

e ele a exerceu subindo escadas
de tábuas meio apodrecidas,
junto com novos camaradas,

para beber, á luz minguante,
a última gota dos instantes.
(MELO, 2003, p. 175).

Na expressão “trégua nas trevas”, percebe-se que o narrador descreve a vida anterior ao contato com as ruas como “momento de escuridão”. Desse modo, a contradição entre o local em que se encontra “subindo escadas / de tábuas meio apodrecidas” e a vivacidade das ruas “a orgia / tornou-se a sua liturgia” metaforizam as contradições que cercam a personagem.

Em contraste com a liberdade das ruas, em algumas retrancas adiante verifica-se o uso de metáforas que reiteram a necessidade da personagem ter um lar, como descrito nos poemas 018, 019, 020 e 021, cujos exemplos demonstram que mesmo o lar é uma metáfora para a fugacidade da vida: “casa anfíbia”; “palafita de concreto: / um laboratório em escombros / no manguezal a céu aberto”; “nômade puro”; “Yacala, o garoto sem berço, / hoje tem o seu endereço”.

Outra recorrência constante é o uso de metáforas para tratar da doença da personagem, o câncer que o consome lentamente, que percorre toda a extensão do poema narrativo:

012 – câncer comparado a uma estrela arrebatadora, já que o termo “harpia”, pode relacionar-se a ideia de monstro, na mitologia grega.

[...]
e os números viraram astros,
quando seguiram pela nova
rota dos seres abstratos,

**e um deles, uma estrela harpia,
rasgando a órbita, crescia.**
(MELO, 2003, p. 178).

016 – a doença como uma luz que surge em seu corpo:

Debruçado sobre uma estrela
a crescer à luz de seus cálculos,
**mal sabia da outra, raiando
no seu corpo,** sem o espetáculo

dos assédios, sem o alarido [...]
(MELO, 2003, p. 182).

019 – câncer representado como uma flor:

[...] e o que quando a carne o aperta,
abre, lá dentro, **suas pétalas.**
(MELO, 2003, p. 185).

025 – novamente, a doença representada como uma flor:

tange-lhe o sono a dor carmela
com sua papoula amarela.
(MELO, 2003, p. 191).

029 – uso de termo da oncologia para descrever a “estrela” que cresce dentro do corpo da personagem. É nessa retranca que o narrador define a doença de Yacala, uma vez que, até o momento, tínhamos apenas indícios do câncer, mas ao usar o termo “metástase” tem-se a certeza de tal doença:

(de cada raio, cada vértice
é uma **metástase celeste**);

assombra-lhe a miniatura
do **astro doente dentro dele**,
que se expande na carne crua [...] (MELO, 2003, p. 195).

070 – A “missão devastadora”, descrita no terceto, tem a função de consumir o corpo de Yacala, tratando de uma luz que “jamais apodrece”. A luz representa o câncer que não desaparece e, ao mesmo tempo, destrói a personagem:

tenta ultimar essa exegese
de outra missão devastador
da luz que jamais apodrece;

não apodrece, e bom dizer,
mas tudo faz apodrecer.
(MELO, 2003, p. 236).

O narrador recorre ao uso de metáfora para descrever as demais personagens ou os acontecimentos que vão surgindo no decorrer do poema. Assim, para descrever mestre Bai (033, p.199) usa a expressão “lírio negro”, produzindo o sentido de algo raro; Adriana, na retranca 085 (p. 251), é comparada aos traços de “um Modigliani africano”. Nessa comparação, além de caracterizar a personagem com traços longilíneos, percebe-se a contextualização empregada, uma vez que recorre à obra do pintor/escultor italiano para delinear o perfil físico da personagem. Ainda nessa retranca, o tom da pele de Adriana é comparada ao “negro solene / da limusine oficial / do senhor vice-presidente”, com o objetivo de enfatizar a grandeza humana e social.

Além das metáforas apresentadas, verifica-se em *Yacala* o uso de antíteses e paradoxos: retranca 026 (p. 192) – lembrar x esquecer; retranca 044 (p. 210) - pedra de gelo x banhos quentes; retranca 059 (p. 225) - brilha como vaga-lume x cantos,

escombros; retranca 083 (p. 249) - sombra sem odor x cheiro de água-de-colônia; retranca 089 (p. 255) - luz x anticlaridade; 092 (p. 258) – paradoxos de ideia, pois apresenta a rusticidade da árvore x a delicadeza do cristal; 114 (p. 280) – eterno agora: ideia antitética. O sentido dessas antíteses é configurado ao longo do poema, se pensarmos que tanto a estrutura quanto à temática da obra são antitéticas; nesse sentido, essa figura de linguagem corrobora para a significação do poema, evidenciando a relação antitética tanto no âmbito do conteúdo quanto na organização estrutural da obra.

As comparações também são bastante recorrentes no decorrer do poema: Yacala comparado a um lagarto que se contorce ou uma ovelha solitária (046, p. 212); a um preso cambaleante (070, p. 236). Assim como as prosopopeias: retranca 018 (p. 184) - “o vento todo em gala de temporal, / vaiava no mar as barcaças [...]”; 023 (p.189) – “o computador que arfava”; 039 (p. 205) – “sem força, a noite cai”. E as gradações: retranca 021 (p. 187) – “o mendigo a sua calçada; / o cão, a sombra de seu dono; a rocha, a serra; a planta, a mata”; 023 (p.189) – “os móveis, o fogão, a cama / e alguns lençóis [...]”.

Compreende-se, então, que nenhum dos recursos apresentados tem sentido de forma isolada no texto, é preciso um entrelaçamento desses elementos com as demais técnicas de escrita empregadas, para que o leitor recomponha a ambivalência de sentidos e sua singular liricidade.

3.4 O *enjambement* e o encadeamento de ideias

O uso de *enjambements* confere ao poema uma aproximação com a prosa, uma vez que altera o ritmo e permite ao texto uma leitura sequencial, semelhante a utilizada nas narrativas. No *E-dicionário de termos literários*, o *enjambement* é definido como:

Termo francês para um processo poético que consiste no desalinhamento da estrutura métrica e sintáctica de uma composição, onde os versos se sucedem entre si sem pausas no final de cada um. [...] O processo de continuação do sentido de um verso no verso seguinte produz versos corridos, característica de muitas composições da nossa lírica galego-portuguesa [...]. (CEIA, 2014)

Em *Yacala*, seguindo as “composições galego-portuguesa”, nota-se em toda extensão do poema que as retransas são constituídas por *enjambements*. A adoção desse recurso pode ser encontrado internamente nas estrofes ou ligando uma estrofe a outra:

003

Viu-se entre monges cor de terra
a decorar seus catecismos
e, pelo lodo das mangueiras,
a escorregar para os abismos,

onde seriam suas amas
criaturas feitas de chamas;

[...]

(MELO, 2003, p. 169).

004

[...]

pelos corredores penetram
e caem como roxa coberta

sobre seu corpo guarnecido
por uma escolta de onze cisnes,
a carcereiros promovidos,

[...]

(MELO, 2003, p. 170).

Os *enjambements* são responsáveis pela construção sintática do texto. É por meio dessa construção que a organização rítmica do poema é construída: tem-se aí uma melodia que flui, como já apontado anteriormente, como o balanço das ondas no mar, que pela própria construção estrutural do poema permite a imagem de onda que quebra na praia, pois começa alta (quarteto), quebra sem perder toda a força (dístico inicial), sobe mais uma vez (terceto) e quebra definitivamente no dístico final.

Nota-se que a estrutura do texto representa a psicologia da personagem: Yacala movimenta-se entre estados de lucidez e visões. Como as ondas, a personagem move-se entre sua casa (local real em que vive) e o Cosmo, onde busca incessantemente sua estrela. Esse movimento de vai-e-vem da personagem é construído paralelamente a construção formal do poema.

O ritmo fluido de *Yacala* diferencia-se das epopeias clássicas cujo aspecto rítmico é grave e vigoroso. Talvez assemelha-se, em determinados aspectos, ao ritmo d'*Os Lusíadas*, ao tratar da tensão. No entanto, o certo é que na obra de Alberto da Cunha Melo o ritmo é construído seguindo a forma do poema. De acordo com Gustavo Felicíssimo, em seu texto “Considerações sobre o verso de oito sílabas” (2008), “o octossílabo de Alberto da Cunha Melo é um verso não ortodoxo, com cesura

marcadamente apenas na 8ª sílaba. Com ele o poeta privilegia a melodia, o andamento, a dança do verso, sem amarras”.

Desse modo, nota-se que os *enjambements*, aliado aos octossílabos do autor, permitem o ritmo do poema. Temos, nesse aspecto, uma espécie de narração, em que o ritmo reforça a constituição do herói, ao caracterizar sua vida como algo que vai e volta, sem que saia definitivamente do local em que se encontra.

3.5 As conjunções

Entre os recursos de linguagem adotados em *Yacala*, as conjunções surgem como elementos que apresentam conclusões, contradições. Assim, as conjunções adversativa e conclusiva apresentadas no texto, “mas” e “por isso”, servem para estruturar o poema concedendo-lhe um caráter explicativo e/ou conclusivo, dependendo do que o narrador poético quer expressar.

Ao longo do poema, a maior recorrência é o uso da conjunção adversativa “mas”, que aparece em diversas retransas e a menor incidência de “por isso”. Nos dois exemplos que seguem, verificam-se a pertinência das conjunções para a ideia de contradição presente no poema:

A retransa 008 tem início com a conjugação adversativa “mas”, trazendo uma ideia contrária as que vinham sendo expostas anteriormente:

Mas certa noite, claro choro
de saxofones, em surdina,
puxou-o em ondas para um beco
entre sobrados em ruínas,
[...]
(MELO, 2003, p. 174).

Para ressaltar a ideia de contradição, na retransa 104 além da conjunção adversativa “mas”, usa-se também a adversativa “porém”:

Para chegar a sua fórmula,
mais e mais rápido trabalha,
grafa com giz, bate nas teclas,
travando as últimas batalhas;

do computador às paredes
Yacala tece suas redes,

porém, um segundo desmaio
derruba, repentinamente,
o cientista no assoalho;

mas, desta vez, uma Adriana,
em prantos, estende-lhe a sombra.
(MELO, 2003, p. 270).

Nesse exemplo, as duas conjunções destacadas intensificam que a doença da personagem, apesar dos esforços empreendidos por ela, acaba por derrubá-la ao chão. A queda é ao mesmo tempo real (desmaio), mas também simbólica, descrevendo a decadência física e emocional de Yacala.

3.6 Os recursos usados como elementos explicativos no texto

Atentar para os recursos sintáticos presentes no texto é um dos requisitos para que haja a compreensão da obra. Nesse aspecto, observar a pontuação adotada auxilia no entendimento da organização estrutural do poema, bem como os efeitos produzidos por essas escolhas. Paralelo à pontuação, outro termo constituinte da oração que merece destaque quando se trata de observar os recursos explicativos do texto é o aposto.

Em *Yacala*, dos sinais explicativos apontados, a maior ocorrência é o uso de dois-pontos, que aparece em trinta e três retranscrições; os parênteses, por sua vez, são registrados em quatro poemas. Portanto, ao apresentar os fragmentos que apresentam tais recursos, objetiva-se entendê-los como técnica adotada pelo poeta com o intuito explicativo no texto.

O uso de dois-pontos, que serve para introduzir citações, enumerações ou explicações no texto. Em *Yacala*, esse sinal gráfico foi utilizado com a função de explicitar ideias que trouxessem explicações para os fatos apresentados. Os fragmentos demonstram a localização do recurso no poema:

010
[...]
voltou, então, a examinar
esta outra herança inesperada
vinda de um lixo hospitalar:

papeis infectos e sudário
de algum cadáver solitário.
(MELO, 2003, p.176)

046
[...]
enquanto a dor já extrapola
o seu ofício de acordá-lo:

estrela interna, raias tontas,
vai expandindo suas pontas;
[...]
(MELO, 2003, p. 212)

138
[...]
e os pingos de água-de-colônia
dos seus cabelos inda chovem
sobre os canteiros da insônias:

morre a beleza com tamanho
para olhar de frente o oceano.
(MELO, 2003, p. 304)

140
Nos anais dos tempos perdido,
não existe tempo de paz:
uma estrela devora mundos,
nenhum deles a satisfaz;
[...]
(MELO, 2003, p. 306)

O mesmo recurso aparece em outras 28 retrancas, sendo que em todas intenciona-se trazer uma explicação para o texto.

Os parênteses, por sua vez, são utilizados no texto com o objetivo de intercalar uma explicação, uma circunstância ou uma nota emocional. Os fragmentos encontrados em *Yacala*, cujos parênteses foram utilizados, justificam a explanação apresentada.

029
Yacala nunca nomeou
a quem, na morte, legaria
a sinopse da cavalgada
de sua estrela doentia

**(de cada raio, cada vértice
é uma metástase celeste)**
[...]
(MELO, 2003, p. 195)

Os parênteses, no primeiro dístico, trazem uma ideia diferente do que estava sendo exposto no quarteto, representam um corte, como se fosse um delírio não do narrador-poético, mas da própria personagem. Embora saibamos que a personagem está doente, é nessa estrofe que se confirma, por meio do campo semântico escolhido, que se trata de câncer.

047
Com o afã dos retardatários,
o terral estava soprando,
mas não abafou o barulho
de algo na sala desabando;

**(mestre Bai havia saído
e nada viu do acontecido),**

e foi o primeiro desmaio
a jogar, repentinamente,
o cientista no assoalho;
[...]
(MELO, 2003, p. 213)

O corte na sequência da retranca apresenta uma circunstância incidental para justificar a solidão da personagem em seu primeiro desmaio.

111
Quando puras, ciência e arte
ainda virgens no ataúde
(por falta de oportunidade)
fazem da falta uma virtude;
[...]
(MELO, 2003, p. 277)

O trecho entre parênteses apresenta uma afirmação sobre o que é exposto.

117
quando o latido do seu cão,
despertando-a, levou-a à porta
que deixara entreaberta **(ou não?);**
[...]
(MELO, 2003, p. 283)

Nesse caso, o uso de parênteses implanta dúvida sobre o ato de Adriana (fechou ou não a porta?) ou de algo suspeito que possa ter acontecido; além da tensão estabelecida, serve como antecipação de acontecimentos posteriores. Contrariando o que ocorre na épica clássica, as ações de Adriana é que levarão ao desfecho trágico da narrativa.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Sem a pretensão de ter destacado todas as características épicas na obra de Alberto da Cunha Melo, pretendeu-se traçar um percurso de análise descritiva em que as ressonâncias épicas e as características da poética atual fossem observadas em *Yacala*, de modo que a tensão entre os gêneros épico e lírico fosse destacada.

Diferentemente do que muitas vezes se divulga, o poema narrativo ainda resiste às mudanças do tempo e sobrevive na contemporaneidade. É claro que tais composições não seguem os modelos clássicos épicos, tão pouco seria essa a intenção. O que se percebe é um diálogo constante entre a tradição e o novo, uma forma de ressignificação para um gênero literário cujo apogeu foi na antiguidade clássica.

O primeiro capítulo apresentou a fortuna crítica de Cunha Melo em um espaço temporal cuja abrangência estendeu-se da primeira crítica encontrada (1998) e os dias atuais (2015). Nesse percurso, atentamos para todas as produções em torno da obra do autor: de textos impressos, publicados em livros, às notas em *blogs*, isso porque o objetivo era elencar todo material encontrado. Entre os trabalhos pesquisados, merecem destaque os manuscritos, fotos e correspondências do autor, que num momento posterior, serão estudados com o aprofundamento necessário para uma pesquisa mais detalhada. O estudo da fortuna crítica permitiu, portanto, adentrarmos à obra do poeta e conhecer o percurso literário construído pela crítica.

O capítulo seguinte tratou das questões da narratividade inerentes à obra, caracterizando as personagens, o espaço, os aspectos temporais e o narrador. Buscamos compreender como cada um desses elementos se entrelaçam para gerar a tensão entre os gêneros em reflexão. Entendemos que os resquícios da épica surgem na apresentação de um personagem que representa um herói com características humanas, bem como na estruturação da própria obra. Os aspectos líricos se dão por meio do ritmo, moldado pela retranca, dos recursos estilísticos e das escolhas semânticas.

No terceiro capítulo analisamos a estrutura composicional de *Yacala*, observando retranca a retranca como o poema foi construído. Identificamos as variações quanto ao número de versos, percebendo que embora seja um padrão, os versos octossílabos, outras metrificações são encontradas se consideramos a variação linguística. Além disso, percebemos a recorrência de elementos explicativos e elementos metafóricos que delineiam tanto a estrutura quanto a significação do poema.

Nos apêndices, buscamos apresentar de forma didática os textos analisados na fortuna crítica, categorizando e separando-os por gênero, autor e data. Apresentou-se, ainda, uma pequena bibliografia comentada sobre os textos em estudo. A opção por não anexa-los a esse trabalho deve-se a facilidade de encontrar o material descrito utilizando-se os links, disponíveis nas referências.

Através de *Yacala* percebemos que o poeta desvelou a construção literária, não por meio de imitação de outros autores, mas pelo seu próprio fazer poético, uma vez que prezando pelo rigor da forma, criou sua própria estrutura poética – a retranca. Além disso, utilizou-se de um gênero tradicional para tratar de uma temática condizente com seu tempo: a dualidade do homem e a nulidade da vida.

Distante de elucidar as reflexões em torno de *Yacala*, compreendemos que a matéria-prima para o poeta é a própria vida e sua insignificância diante das mazelas do mundo. A fragilidade do ser humano, descrita linha a linha nas retrancas, leva-nos a entender que tal qual a construção do poema, que comparado às ondas do mar, tem momentos altos e baixos, mas ao final, leva o homem a perceber que tudo se esvai, é finito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. 2. Tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BANDEIRA, Manuel. *Poesias completas*. Nova edição aumentada. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.

BARBOSA FILHO, Hidelberto. *Alberto da Cunha Melo, grande pecador ou seis propostas para uma nova leitura*. In MELO, Alberto da Cunha. *O cão de olhos amarelos & Outros poema inéditos*. São Paulo: A Girafa, 2006.

BARNES, Jonathan. *Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BASILIO, Astier. Alberto da Cunha Melo: 40 anos de poesia. *Jornal da Paraíba* (suplemento cultural). 07/05/2006. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc6_abasilio.htm> Acessado em 18 de setembro de 2013.

BARBIERI, Claudia. Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo. In BORGES FILHO Oziris e BARBOSA, Sidney (Org). *Poéticas do espaço literário*. São Carlos, SP: Claraluz, 2009.

BOSI, Alfredo. Uma estranha beleza. In: MELO, Alberto da Cunha. *Dois caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa, 2003, p.161-163.

BOSI, Alfredo. *O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos*. São Paulo: A girafa, 2006.

_____. Tradição dos extremos. *Revista Continente Multicultural*. 2006. Disponível em <<http://www.revistacontinente.com.br/index.php/component/content/article/89-literatura/2178.html>> Acessado em 18 de setembro de 2013.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 2003.

CARPEGGIANI, Schneider. A poesia que não admite qualquer tipo de aprisionamento. *Jornal do Commercio*. 2000. <http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1911/cc1911_1.htm> Acessado em 24 de outubro de 2013.

CEIA, Carlos. Heroi, *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 24/05/2014.
 _____. Enjambement, *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 22/05/2014.
 _____. Haiku, *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 23/07/2014.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos* (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 12. ed.. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

CORDEIRO, Cláudia. *Faces da resistência na poesia de Alberto da Cunha Melo*. Recife: Editora Bagaço, 2003.

CORDEIRO, Cláudia (org.). Uma estranha beleza: entrevista com o poeta Alberto da Cunha Melo. In: *Cronos: Revista de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN*, v.5/6, n.1/2. NATAL: EDUFRN, 2000, p.317-33, jan/dez, 2004/2005. Disponível em <<http://ufrn.emnuvens.com.br/cronos/article/view/3251>> Acessado em 25 de setembro de 2013.

CORDEIRO, Marcus. Luz e força sobre o mangue do nordeste. *Plataforma para a poesia*. 2000. Disponível em <http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/marcos_ensaios.htm> Acessado em 27 de setembro de 2013.

CUNHA, Martins V. Alberto da Cunha Melo e as tocaias da poesia. *Dicta e contradicta*. 2011. Disponível em <<http://www.dicta.com.br/as-tocaias-da-poesia/>> Acessado em 23 de setembro de 2013.

DOURADO, Erica Roberta. Épica e modernidade em *Yacala*, de Alberto da Cunha Melo. *Anais do Silel. Uberlândia*: EDUFU, 2013. v. 3. p. 1-10. Disponível em <

http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_905.pdf>, acessado em 12 de novembro de 2013.

_____. Os elementos estruturais e a constituição de *Yacala* enquanto poema narrativo. *Anais do CIELLI*. Maringá, 2014. Disponível em <<http://www.cielli2014.com.br/conteudo/72/programacao-dos-simposios-e-das-sessoes-de-comunicacao>>, acessado em novembro de 2014.

_____. Alberto da Cunha Melo - a repercussão da obra na internet. *Anais do SEL "Avatares do folhetim"*. UNESP: Assis, 2014. Disponível em <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/resumos-do-xii-selsetembro2014.pdf>>, acessado em outubro de 2014.

_____. *Yacala*: os elementos narrativos na obra de Alberto da Cunha Melo. *II Encontro de Grupos de Pesquisa em Letras e Linguística do Centro-Oeste*. UFMS: Três Lagoas. 2014. Disponível em <<http://cptl.ufms.br/manager/titan.php?target=openFile&fileId=537>>, acessado em janeiro de 2015.

_____. O épico e a modernidade em Alberto da Cunha Melo. *Anais do IV Rede CO3*. Três Lagoas, 2013. Disponível em <http://www.redeco3.com.br/?Eventos___IV_Simp%C3%B3sio>, acessado em dezembro de 2013.

FARIA, Alvaro Alves de. O cão de olhos amarelos. *Gazeta do Povo*. 2006. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc8_alvaro_af.htm> Acessado em 05 de outubro de 2013.

FARIA, Norma Maria Godoy. *Metapoesia e profecia em Alberto da Cunha Melo*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2005.

FELICÍSSIMO, Gustavo. A força da poesia de Alberto da Cunha Melo. *Cronópios*. São Paulo, 28/10/2007. Disponível em <<http://cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=2822>>. Acessado em 15 de outubro de 2013.

_____. Considerações sobre o verso de oito sílabas. *Cronópios*. São Paulo, 25/09/2008. Disponível em <<http://cronopios.com.br/site/critica.asp?id=3541>>. Acessado em 15 de outubro de 2013.

FERREIRA, Ermelinda. Meditação sobre os lajedos. *Plataforma para a poesia*. Disponível em <<http://plataforma.paraapoesia.nom.br/midias/?p=1019>>. Acessado em 16 de setembro de 2013.

FERREIRA, Izacyl Guimarães. Identidade e variantes de Alberto da Cunha Melo. *Portal UBE* – SP. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc5_izacyl.htm>. Acessado em 22 de setembro de 2013.

FERREIRA, Moacyr Costa. *Dicionário poliglótico de nomes de pessoas*. São Paulo: Edicon, 1996.

GENETTE, Gérard. *O discurso da narrativa*. Trad. de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, s.d.. 2005.

HELIO, Mario. A ordem fatal das coisas vivas – poesia filosófica de Alberto da Cunha Melo. In: MELO, Alberto da Cunha. *Dois caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa, 2003.

JUNQUEIRA, Ivan. Diálogo cortante com Kafka nos poços profundos da angústia. *O Estado de S. Paulo – Caderno 2*. 2006. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc11_ijunqueira_estadao.htm> Acessado em 10 de outubro de 2013.

LACERDA, Ângela. Poetas e prosadores têm abrigo no Recife. *Jornal O Estado de S. Paulo*. 2003.

LEAL, César. Três análises sobre o livro *Carne de terceira* de Alberto Cunha Melo. *Diário de Pernambuco*. 1998. Disponível em <<http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/tri2004julcesar.htm>> Acessado em 05 de outubro de 2013.

_____. Futebol, poesia e arte. *Diário de Pernambuco*. Recife, 13 jul. 1998. Viver, Diário Literário, p. 2.

LUCENA, Karine Braga de Queiroz. Considerações estéticas sobre a violência em *Yacala*, de Alberto da Cunha Melo. *Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura*. 2010. Disponível <http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Karine_Braga_de_Queiroz_Lucena.pdf> Acessado em 05 de outubro de 2013.

MARINHO, Antonio. Ao mestre com total respeito. *Plataforma para a poesia*. 2006. Disponível em <<http://www.albertocmelo.com/marinho2.htm>> Acessado em 04 de outubro de 2013.

MELO, Alberto da Cunha. *Dois caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa, 2003.

MELO, José Eduardo Martins de Barros. Os independentes no centro do Recife. *Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira Contemporânea*. 2012. Disponível em <<http://www.gepec.unir.br/anais/htdocs/pdf/Jose%20Eduardo%20Martins%20de%20Barros%20Melo.pdf>> Acessado em 03 de outubro de 2013.

MOLITERNO, Isabel de Andrade. *Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma abordagem estilística do texto*. Defesa em fevereiro de 2008. 208 folhas. Tese. USP. São Paulo. 2007. PDF.

MOLITERNO, Isabel de Andrade. Ordem e caos em “Relógio de ponto”. *Plataforma para a poesia*. 2012. Disponível em < http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/isabel_ensaios.htm > Acessado em 16 de setembro de 2013.

MOTA, Urariano. O poeta imortal que não vemos. *Comunique-se*. 2004. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc12_urariano_mota.htm > Acessado em 08 de outubro de 2013.

_____. Para o retrato de um amigo. *La insígnia*. 2007. Disponível em < http://www.lainsignia.org/2007/enero/cul_011.htm > Acessado em 08 de outubro de 2013.

MOURA, Ivana. A poesia não é mercadoria. *Diário de Pernambuco* (Caderno Viver). 2006. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc10_ivana_moura.htm > Acessado em 06 de outubro de 2013.

MOURA, Walter Cabral de. *O cão de olhos amarelos*. 2006. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc6_wcm.htm > Acessado em 22 de setembro de 2013.

NÊUMANE, José. Cunha Melo: o outro poeta de Pernambuco para o Brasil. *Plataforma para a poesia*. 2003. Disponível em < http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/neumanne_ensaios9.htm > Acessado em 29 de setembro de 2013.

_____. Heróis brasileiros. *Jornal da Paraíba* (Coluna Direto ao assunto). 2006. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc9_neumanne.htm > Acessado em 29 de setembro de 2013.

NOGUEIRA, Erico. A façanha de Alberto da Cunha Melo. *Terra Magazine*. 2013. Disponível em < <http://terramagazine.terra.com.br/erico-nogueira/blog/2013/08/01/a-facanha-de-alberto-da-cunha-melo/> > Acessado em 18 de setembro de 2013.

PAZ, Octavio. A tradição do haiku. In: *Convergências*. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 198-199.

PESSANHA, Nely M. Características básicas da epopeia clássica. In: *As formas do épico: da epopeia sânscrita à telenovela*. APPEL, Myrna Bier & GOETTEMES, Miriam B. (Orgs.). Editora Movimento.

RAMOS, Cristiano. Deserto Particular. *Gazeta do Povo*. 2012. Disponível em <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/deserto-particular/>> Acessado em 18 de setembro de 2013.

RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. Estudo preliminar para elaboração de fortuna crítica de autor brasileiro contemporâneo. In: Ribeiro, Joyce Otânia Seixas et al. *A pesquisa no Baixo Tocantins: contribuições teóricas e metodológicas*. Curitiba: CRV, 2013. p. 25-37.

RODRIGUES, Henrique. A técnica da escrita simples. *Jornal do Brasil*. (caderno Idéias&Livros – Poesia) p. 2. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/alberto_fc.htm> Acessado em 06 de setembro de 2013.

SANTOS, André Maranhão. Alberto da Cunha Melo: um ressuscitador da poética. *Blog André Maranhão Santos*. 2006. Disponível em <<http://andremaranhao.blogspot.com.br/2006/12/alberto-da-cunha-melo-um-ressuscitador.html>> Acessado em 15 de outubro de 2013.

SILVA, Deonísio. Gosto de ler Alberto da Cunha Melo. In MELO, Alberto da Cunha. *O cão de olhos amarelos & Outros poemas inéditos*. São Paulo: A Girafa, 2006.

SILVA, Liliane Maria Jamir e. *A metáfora do vazio na poesia de Alberto da Cunha Melo*. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc8_ensaio_ljamir.htm> Acessado em 14 de outubro de 2013.

SOARES, Francisco. Alberto da Cunha Melo: Colagem feita com versos de Alberto. *Plataforma para a poesia*. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc7_fs_poe.htm> Acessado em 15 de outubro de 2013.

SOBRINHO, Pedro Vicente Costa. Assim era meu amigo e poeta maior Alberto da Cunha Melo. *Blog Cenas e coisa da vida*. 2008. Disponível em <http://cenasecoisasdavidia.blogspot.com.br/2008/10/tributo-ao-poeta-maior-alberto-da-cunha_8442.html> Acessado em 20 de setembro de 2013.

TOLENTINO, Bruno. *Opus nigrun* da dor que nos liberta. In: MELO, Alberto da Cunha. *Dois caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa, 2003, p. 341 – 347.

APÊNDICE 1. CATEGORIZAÇÃO DOS TEXTOS

A categorização dos textos seguirá a nomenclatura e terminologia adotada seguindo os conceitos definidos por Rauer Ribeiro Rodrigues no texto “Estudo preliminar para elaboração de fortuna crítica de autor brasileiro contemporâneo”. Assim, a categorização se desenvolverá da seguinte forma:

Biobibliográficos

- a) entrevistas
- b) homenagem
- c) menção
- d) nota

Resenhas crítica

- a) em periódicos por ocasião do lançamento de obras

Estudo de obra

- a) reportagem publicada em *blog*
- b) reportagem publicada em jornal
- c) artigo
- d) dissertação de mestrado
- e) ensaio publicado em blog
- f) ensaio publicado em livro
- g) orelha
- h) prefácio
- i) posfácio

j) tese de doutorado

APÊNDICE 2. TABELA DE CATEGORIZAÇÃO

AUTOR	TÍTULO	VEÍCULO	DATA	GÊNERO*	TEMAS	OBRA EM FOCO	REFERÊNCIAS
César Leal	<i>Três análises sobre o livro Carne de terceira de Alberto Cunha Melo</i>	<i>Diário de Pernambuco</i>	1998	Resenha	Poesia; teoria do poema; forma fixa	<i>Carne de terceira</i>	João Cabral de Melo Neto; Basílio da Gama
Bruno Tolentino	<i>A tentação em Yacala</i>	<i>Revista Bravo</i>	1999	Resenha			
Alfredo Bosi	<i>Uma estranha beleza</i>	<i>Yacala</i>	2000	Prefácio	Linguagem poética; versos octassílabos; retranca	<i>Yacala</i>	Augusto dos Anjos; Jorge de Lima; Carlos Pena Filho; João Cabral.
Schneider Carpeggiani	<i>A poesia que não admite qualquer tipo de aprisionamento</i>	<i>Jornal do Commercio</i>	2000	Menção	Escritores independentes de Pernambuco; Francisco Espinhara; Geração 65.	<i>Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco 1980/1988</i>	Francisco Espinhara; Marco Polo; Marcus Accioly; Lucila Nogueira, Tereza Tenório; Alberto da Cunha Melo
Marcus Cordeiro	<i>Luz e força sobre o mangue do nordeste</i>	<i>Plataforma para a poesia</i>	2000	Ensaio	Violência; miséria nordestina; Alberto da Cunha Melo	<i>Yacala</i>	João Cabral
Norma Maria Godoy Faria	<i>Um ginasta da palavra, com engenho e arte</i>	<i>Jornal do Commercio</i>	04/12/2000	Artigo	Alberto da Cunha Melo; épico; poesia social.	<i>Yacala</i>	João Cabral; Carlos Drummond de Andrade.
José Mario Rodrigues	<i>A tragédia de todos os dias em “Yacala”, de Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Jornal do Commercio</i>	04/12/2000	Artigo	Versos octossilábicos; violência humana.	<i>Yacala</i>	

AUTOR	TÍTULO	VEÍCULO	DATA	GÊNERO*	TEMAS	OBRA EM FOCO	REFERÊNCIAS
Cláudia Cordeiro (org.)	<i>Faces da resistência na poesia de Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Editora Bagaço</i>	2003	Ensaio	poesia-resistência; metalinguagem; bibliográfica.	poesia pesquisa Todas as obras do autor, exceto <i>O cão de olhos amarelos</i>	Alfredo Bosi; todos os autores da Geração de 65.
Bruno Tolentino	<i>Opus nigrun da dor que nos liberta</i>	<i>Dois caminhos e uma oração</i>	2003	Posfácio	cânone literário - estética literária.	<i>Meditação sob os lajedos; Yacala; Oração pelo poema</i>	Machado de Assis; Dostoiévski.
Ângela Lacerda	<i>Poetas e prosadores têm abrigo no Recife</i>	<i>Jornal O Estado de São Paulo</i>	28/11/2003	Reportagem	Instituto Maximiano Campos; Geração 65; <i>Dois caminhos e uma oração</i>	<i>Dois caminhos e uma oração</i>	Augusto dos Anjos; Bruno Tolentino; João Cabral.
José Nêumane	<i>Cunha Melo: o outro poeta de Pernambuco para o Brasil</i>	<i>Plataforma para a poesia</i>	2003	Reportagem	<i>Yacala; Meditação sobre os lajedos; Oração pelo poema</i> ; retransca.	<i>Dois caminhos e uma oração</i>	César Leal; Marcus Accioly; Fabio Lucas; Anderson Braga Horta; Alcir Pécora; Deonísio da Silva;
Urariano Mota	<i>O poeta imortal que não vemos</i>	<i>Comunique-se</i>	07/03/2004	Homenagem	Alberto Cunha Melo; leitura clássica; homenagem		Olavo Bilac; Camões.
Cláudia Cordeiro (org.)	<i>Uma estranha beleza: entrevista com o poeta Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Cronos - Revista de Pós-graduação em Ciência Sociais da UFRN</i>	2004/2005	Entrevista	crítica literária; diálogo com a tradição; poeta pernambucano.	<i>O cão de olhos amarelos e Yacala</i>	João Cabral; Bruno Tolentino; José Nêumanne Pinto; Pedro Paulo de Sena Madureira
Norma Maria Godoy Faria	<i>Metapoesia e profecia em Alberto da Cunha Melo</i>		2005	Dissertação de mestrado	metapoesia		

AUTOR	TÍTULO	VEÍCULO	DATA	GÊNERO*	TEMAS	OBRA EM FOCO	REFERÊNCIAS
Liliane Maria Jamir e Silva	<i>A metáfora do vazio na poesia de Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Cadernos (Vol. 4) FAFIRE</i>	2005	Artigo	metáforas – poesia-resistência – ideologias.	<i>Dois caminhos e uma oração; Soma dos sumos; Meditação sob os lajedos;</i>	Alfredo Bosi
Alfredo Bosi	<i>Tradição dos extremos</i>	<i>Revista Continente Multicultural</i>	Abril de 2006	Reportagem	dimensões existenciais - essência semântica – renka.	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos</i>	Augusto dos Anjos; João Cabral; Nauro Machado; Ferreira Gullar; Paul Ricoeur.
Ivana Moura	<i>A poesia não é mercadoria</i>	<i>Diário de Pernambuco (Caderno Viver)</i>	07/05/2006	Entrevista	criação literária; Geração de 65; processo editorial	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos; Yacala</i>	Thiago de Mello, Ferreira Gullar.
Astier Basílio	<i>Alberto da Cunha Melo: 40 anos de poesia</i>	<i>Suplemento Cultural do Jornal da Paraíba</i>	07/05/2006	Reportagem	<i>Renka</i> , curta-metragem	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos</i>	
Antonio Marinho	<i>Ao mestre com total respeito</i>	<i>Plataforma para a poesia</i>	09/05/2006	Homenagem	homenagem; poema; Alberto Cunha Melo		
Walter Cabral de Moura	<i>O cão de olhos amarelos</i>	<i>O cão de olhos amarelos</i>	06/06/2006	Resenha	forma fixa; poema octossilábicos; <i>renka</i>	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos</i>	
Alvaro Alves de Faria	<i>O cão de olhos amarelos</i>	<i>Gazeta do Povo (Rascunho)</i>	23/06/2006	Resenha	estrutura semântica; <i>renka</i> ; versos octossílabos	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos</i>	

AUTOR	TÍTULO	VEÍCULO	DATA	GÊNERO*	TEMAS	OBRA EM FOCO	REFERÊNCIAS
José Nêumane	<i>Heróis brasileiros</i>	<i>Jornal da Paraíba (Coluna Direto ao assunto)</i>	28/06/2006	Nota	Lançamento O cão de olhos amarelos & Outros poema inéditos.	<i>O cão de olhos amarelos & Outros poema inéditos</i>	
Henrique Rodrigues	<i>A técnica da escrita simples</i>	<i>Jornal do Brasil (Caderno Ideias e Livros)</i>	19/08/2006	Resenha	<i>Renka</i> ; paralelismos	<i>O cão de olhos amarelos & Outros poema inéditos</i>	Manuel Bandeira; João Cabral
Ivan Junqueira	<i>Diálogo cortante com Kafka nos poços profundos da angústia</i>	<i>O Estado de S. Paulo – Caderno 2</i>	26/11/2006	Reportagem	Concisão e emoção <i>renka</i> ; rigor estético; paralelismos	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos</i>	João Cabral de Melo Neto; Gil Vicente; Bruno Tolentino.
André Maranhão Santos	<i>Alberto da Cunha Melo: um ressuscitador da poética</i>	<i>Blog André Maranhão Santos</i>	05/12/2006	Reportagem	Alberto da Cunha Melo; estética literária; versos octossílabos.	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos</i>	Kafka; João Cabral.
Alfredo Bosi	<i>O cão de olhos amarelos</i>	<i>O cão de olhos amarelos (livro)</i>	2006	Orelha	dimensões existenciais; essência semântica; <i>renka</i>	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos</i>	Augusto dos Anjos; João Cabral; Nauro Machado; Ferreira Gullar; Paul Ricoeur.
Deonísio Silva	<i>Gosto de ler Alberto da Cunha Melo</i>	<i>O cão de olhos amarelos (livro)</i>	2006	Prefácio	Alberto da Cunha Melo; estética literária	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos</i>	
Hidelberto Barbosa Filho	<i>Alberto da Cunha Melo, grande pecador ou seis propostas para uma nova leitura</i>	<i>O cão de olhos amarelos (livro)</i>	2006	Posfácio	Estratégias de leitura; importância do título; procedimentos retóricos.	<i>O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos</i>	Roman Ingarden; Jorge Luís Borges; Girard Genette
Ivan Marinho	<i>poema</i>	<i>Blog Alberto da Cunha Melo</i>	2006	Homenagem	poema	<i>Círculo Cósmico</i>	

AUTOR	TÍTULO	VEÍCULO	DATA	GÊNERO*	TEMAS	OBRA EM FOCO	REFERÊNCIAS
Ivan Marinho	<i>Junto com o sol, se põe Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Interpoética.</i>	2007	Homenagem	Alberto da Cunha Melo	<i>Encontro Celina de Holanda de poetas recitadores</i>	Celina de Holanda; Silvio Romero, Urariano Mota.
Urariano Mota	<i>Para o retrato de um amigo</i>	<i>La insignia</i>	07/01/2007	Homenagem	Alberto Cunha Melo; homenagem		
Gustavo Felicíssimo	<i>A força da poesia de Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Cronópios</i>	28/10/2007	Reportagem	ampliação do cânone literário; crítica literária; retranca	<i>Oração pelo poema; Yacala; Meditação sob os lajedos; O cão de olhos amarelos.</i>	Bruno Tolentino; Manuel Bandeira; Mário Quintana; Cecília Meireles; Astier Basilio.
Isabel de Andrade Moliterno	<i>Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma abordagem estilística do texto.</i>	<i>FFLCH - USP</i>	2007	Tese	Estilística; efeitos de sentido; poesia brasileira.	<i>Todos os livros do autor.</i>	
Gustavo Felicíssimo	<i>Considerações sobre o verso de oito sílabas</i>	<i>Cronópios</i>	25/09/2008	Reportagem	Retranca; versos octossílabos	<i>Círculo Cósmico; Oração Pelo Poema.</i>	Antônio Nobre; Cecília Meireles; Manuel Bandeira;
Pedro Vicente Costa Sobrinho	<i>Assim era meu amigo e poeta maior Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Blog Cenas e coisa da vida</i>	13/10/2008	Reportagem	Alberto da Cunha Melo; Pedro Vicente da Costa Sobrinho.		Eliezer Figueirôa; Paulo José da Silva; José Soares Junior; Sebastião Ricardo; César Leal.
Cláudia Cordeiro	<i>Respeito à poesia</i>	<i>Plataforma para a poesia</i>	2009	Homenagem	Poesia; manuscritos.	<i>A noite da longa aprendizagem</i>	

AUTOR	TÍTULO	VEÍCULO	DATA	GÊNERO*	TEMAS	OBRA EM FOCO	REFERÊNCIAS
Karine Braga de Queiroz Lucena	<i>Considerações estéticas sobre a violência em Yacala de Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura</i>	2010	Artigo	poema narrativo; retranca; violência	<i>Yacala</i>	Carlos Drummond; Cecília Meireles; João Cabral.
Martins V. Cunha	<i>Alberto da Cunha Melo e as tocaias da poesia</i>	<i>Dicta e contradicta</i>	05/10/2011	Reportagem	crítica literária; estrutura semântica; recepção crítica	<i>Dois caminhos e uma oração</i>	Bruno Tolentino
Isabel de Andrade Moliterno	<i>Ordem e caos em Relógio de ponto</i>	<i>Plataforma para a poesia</i>	20/02/2012	Artigo	forma fixa; Publicação do corpo; rigor estético	<i>Publicação do corpo; Quintuplo.</i>	Jaci Bezerra; José Carlos Targino; João Ladelino Câmara; Severino Filveira; César Leal.
José Eduardo Martins de Barros Melo	<i>Os independentes no centro do Recife</i>	<i>Anais 3º Simpósio de Literatura Brasileira Contemporânea</i>	20 a 25 de maio de 2012	Menção	escritores independentes do Recife; Geração 65		Escritores independentes do Recife e da Geração 65
Cristiano Ramos	<i>Deserto Particular</i>	<i>Gazeta do Povo (Rascunho)</i>	Novembro de 2012	Reportagem	Geração 65; Yacala.	<i>Yacala</i>	Alfredo Bosi; Bruno Tolentino
Astier Basilio	<i>Devoção explícita ao mestre</i>	<i>Correio da Paraíba</i>	02/10/2012	Artigo	Gustavo Felicíssimo; <i>Procura e outros poemas; retranca.</i>	<i>Procura e outros poemas</i>	
Kátia de Abreu Chulata	<i>Orazione per il poema</i>	<i>UFPE: Separata da revista Estudos Universitários</i>	2012	Livro: Tradução		<i>Oração pelo poema</i>	
Erico Nogueira	<i>A façanha de Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Terra Magazine</i>	01/08/2013	Reportagem	<i>Yacala</i> ; poema narrativo; retranca.	<i>Yacala</i>	
Erica Roberta Dourado	<i>Épica e modernidade em Yacala, de Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Anais do Silel</i>	2013	Artigo	<i>Yacala</i> ; poema narrativo; épica e modernidade.	<i>Yacala</i>	

AUTOR	TÍTULO	VEÍCULO	DATA	GÊNERO*	TEMAS	OBRA EM FOCO	REFERÊNCIAS
Erica Roberta Dourado	<i>O épico e a modernidade em Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Anais do IV Rede CO3</i>	2013	Resumo	<i>Yacala</i> ; épica/modernidade; forma fixa- retranca.	<i>Yacala</i>	
Jornal da Cultura Nordeste	<i>Poema “Século XX”</i>	<i>Jornal da Cultura Nordeste – 1ª edição</i>	28/09/2014	Homenagem	<i>Poema Século XX</i>	<i>Século XX</i>	
Demétrio Albuquerque	<i>Memorial Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Circuito de poetas pernambucanos</i>	25/09/2014	Homenagem	Escultura		Geração 65
Instituto Histórico do Jaboatão - IHJ	<i>Geração 65 no VII Workshop de História e Geografia do IHJ</i>	<i>IHJ</i>	2/10/2014	Homenagem	Foto e poema	<i>Poema Certo sertão</i>	Geração 65; grupo de Jaboatão
Gustavo Felicíssimo	<i>Procura & outros poemas</i>	<i>Página virtual - Alberto da Cunha Melo</i>	15/11/2014	Homenagem	Retranca	<i>Procura & outros poemas</i>	
Norma Maria Godoy Faria	<i>A matriz socioexistencial na poética de Cunha Melo</i>	<i>Entrelinhas da literatura pernambucana</i>	2014	Artigo	socioexistencialismo	<i>Entrelinhas da literatura pernambucana.</i>	
Djanira Silva	<i>Na poesia de Alberto da Cunha Melo, a visão de um mundo violentado</i>	<i>Jornal da Cultura Nordeste – 1ª edição</i>	28/09/2014	Artigo	Poesia; violência.		Augusto dos Anjos; Voltaire; Guerra Junqueira.
Erica Roberta Dourado	<i>Os elementos estruturais e a constituição de Yacala enquanto poema narrativo</i>	<i>3º CIELLI</i>	2014	Resumo	Estrutura poético-narrativa; <i>Yacala</i> .	<i>Yacala</i> .	

AUTOR	TÍTULO	VEÍCULO	DATA	GÊNERO*	TEMAS	OBRA EM FOCO	REFERÊNCIAS
Erica Roberta Dourado	<i>Alberto da Cunha Melo - a repercussão da obra na internet</i>	<i>Anais do SEL "Avatares do folhetim"</i>	2014	Resumo	<i>Internet</i> ; mídia digital; recepção da obra.	<i>Yacala</i>	
Erica Roberta Dourado	<i>Yacala: os elementos narrativos na obra de Alberto da Cunha Melo.</i>	<i>Anais do II Encontro de Grupos de Pesquisa em Letras e Linguística do Centro-Oeste</i>	2014	Resumo	Poema narrativo; retransca	<i>Yacala</i>	
Izacyl Guimarães Ferreira	<i>Identidade e variantes de Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Portal UBE - SP</i>	s/d.	Reportagem	<i>Renka</i> ; retransca.	<i>O cão de olhos amarelos & outros poemas inéditos</i>	Murilo Mendes
Francisco Soares	<i>Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Interpoético</i>	s/d.	Homenagem	Colagem; homenagem; homenagem.		
Ermelinda Ferreira	<i>Meditação sob os lajedos</i>	<i>Plataforma para a poesia</i>	s/d.	Artigo	Existencialismo; arte como auto-reflexão.	<i>Meditação sobre os lajedos</i>	Augusto dos Anjos; Rodin.
Mario Helio	<i>A ordem fatal das coisas vivas – poesia filosófica de Alberto da Cunha Melo</i>	<i>Plataforma para a poesia</i>	s/d.	Reportagem	Existência humana; tragicidade da vida; questões filosóficas.	<i>Meditação sob os lajedos; Círculo Cósmico</i>	Lorca, Juan Rulfo, RigVeda, Ribeiro Couto

* A terminologia adotada segue os conceitos definidos por Rauer Ribeiro Rodrigues (2013) no texto denominado *Estudo preliminar para elaboração de fortuna crítica de autor brasileiro contemporâneo*, ver anexo 1.

APÊNDICE 3. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

ALBUQUERQUE, Demétrio. *Memorial Alberto da Cunha Melo*. Lançado em 26 de setembro de 2014. Disponível em <<http://www.albertocmelo.com/?p=149>>, acessado em 13 de janeiro de 2015.

No memorial, o poeta é homenageado por meio de uma escultura que compõe o conjunto de esculturas do circuito de poetas pernambucanos representantes da Geração 65. O poeta é representado sentado sobre uma pilha de livros e latas de filme, caracterizando sua paixão pelos livros e pelo cinema. A dimensão real da escultura feita de concreto natural impermeabilizado é de 1,60m de altura por 3,50m de largura e 2m de profundidade.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; Demétrio Albuquerque; escultura.

BARBOSA FILHO, Hidelberto *Alberto da Cunha Melo, grande pecador ou seis propostas para uma nova leitura*. In MELO, Alberto da Cunha. *O cão de olhos amarelos & Outros poema inéditos*. São Paulo: A Girafa, 2006.

As seis propostas foram publicadas no posfácio do livro *O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos*. Cada uma das propostas tem uma estratégia para facilitar a leitura: a primeira remete ao título e à importância de sua escolha; a segunda proposta se prende a narratividade; a terceira incide sobre a camada intertextual. A quarta fabrica um paradoxo e simultaneamente uma unidade. A quinta diz respeito a certos procedimentos retóricos utilizados pelo escritor e, a sexta e última proposta discute o teor do título: “Alberto da Cunha Melo, grande pecador”.

Palavras-chave: Estratégia de leitura; Importância do título; Procedimentos retóricos.

BASILIO, Astier. Alberto da Cunha Melo: 40 anos de poesia. *Jornal da Paraíba*. (Suplemento Cultural - 07/05/2006. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc6_abasilio.htm> Acessado em 18 de setembro de 2013.

A reportagem descreve os quarenta anos de poesia de Alberto da Cunha Melo, atentando para o lançamento da obra *O cão de olhos amarelos & outros poemas inéditos* (2006). Ao tratar do livro do poeta, Basílio chama atenção para a estrutura

estilística adotada em sua composição: a *renka* (forma japonesa) e a compactação dos poemas, de modo que se assemelhem aos curta-metragens, em que é impossível descartar qualquer trecho que seja, pois corre-se o risco de perder sua essência. A poética de Cunha Melo constrói-se por meio da caracterização da sociedade, mas não pela visão de quem se “escandaliza” com o que vê, mas daquele que compartilha dos mesmos anseios e angústias dos seus personagens.

Palavras-chave: Curta-metragem; *O cão de olhos amarelos*; *Renka*.

Devoção explícita ao mestre. *Correio da Paraíba*. 2012. Disponível em <www.interjornal.com.br>, acessado em 10 de janeiro de 2015.

Ao resenhar o livro *Procura e Outros Poemas*, de Gustavo Felicíssimo, Astier Basílio ressalta a importância do poeta Alberto da Cunha Melo como inspirador para a obra poética de Felicíssimo, destacando o uso das retrancas.

BOSI, Alfredo. *Uma estranha beleza. Dois caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa, 2003, p. 161-163.

No prefácio de *Yacala* (2000), livro republicado na coletânea *Dois caminhos e uma oração* (2003), Bosi enfatiza que esse poema narrativo transcendentaliza a dor de viver; seus personagens são seres comuns que se fundem com nossa realidade. Trata-se de uma narrativa de busca, “uma narrativa que atravessa o sacrifício, a violência bestial e a morte inglória, para alcançar uma alegria consciente (...) que no Todo desaparece”. O crítico discute, ainda, sobre a estrutura formal do poema que possui um efeito estético original, pois ao adotar a forma denominada retranca realiza uma verdadeira orquestração de palavras, em que o paradoxo entre sua escrita “rebelde” e o “cânon”.

Palavras-chave: Linguagem poética; Retranca versos; Octossílabos.

O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos. São Paulo: A girafa, 2006.

Ao escrever a orelha de *O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos*, Alfredo Bosi discute a magia e a melodia conquistada por Alberto da Cunha Melo ao adotar a

renka como forma estilística de sua obra *O cão de olhos amarelos & outros poemas inéditos* (2006). Para Bosi, essa obra volta-se para sua intenção semântica: “A nova poesia de Cunha Melo traz esse estímulo à inteligência: convida o leitor a deter-se no sentido de cada frase, é um *plus* de energia significante que “dá a pensar”, para dizê-lo com a fórmula incisiva de Paul Ricoeur”.

Palavras-chave: Dimensões existenciais; Essência semântica; *Renka*.

Tradição dos extremos. *Revista Continente Multicultural*. 2006. Disponível em <<http://www.revistacontinente.com.br/index.php/component/content/article/89-literatura/2178.html>> Acessado em 18 de setembro de 2013.

Na reportagem *Tradição dos extremos* (2006), publicada pela *Revista Continente Multicultural*, Alfredo Bosi republica o texto escrito para a orelha do livro *O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos* (2006).

Palavras-chave: Dimensões existenciais; Essência semântica; *Renka*.

CARPEGGIANI, Schneider. A poesia que não admite qualquer tipo de aprisionamento. *Jornal do Commercio*. 2000. < http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1911/cc1911_1.htm> Acessado em 24 de outubro de 2013.

Nessa reportagem, Schneider Carpeggiani faz menção ao poeta Alberto da Cunha Melo ao tratar do livro de Francisco Espinhara *Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco 1980/1988*. Carpeggiani ressalta que os escritores da Geração de 65, da qual Alberto da Cunha faz parte, mantiveram uma relação de apoio aos escritores independentes, encontrando nesses novos autores a mesma força que duas décadas antes eles tiveram para discutir literatura, num eixo que não fosse Rio/São Paulo.

Palavras-chave: Escritores independentes de Pernambuco; Francisco Espinhara; Geração 65.

CHULATA, Kátia de Abreu. *Orazione per il poema*. Recife: UFPE - Separata da revista Estudos Universitários. 2012.

Tradução do livro *Oração pelo poema*, de Alberto da Cunha Melo, para o italiano. Ao traduzir essa obra, a autora Kátia de Abreu Chulata, proporciona a expansão da obra do poeta pernambucano para além dos limites nacionais.

Palavras chave: Alberto da Cunha Melo; *Orazione per il poema*; tradução.

CORDEIRO, Cláudia. *Faces da resistência na poesia de Alberto da Cunha Melo*. Recife: Editora Bagaço, 2003. Disponível em <<http://plataforma.paraapoesia.nom.br/midias/?p=240>>. Acessado em 25 de setembro de 2013

Nesse ensaio, Cláudia Cordeira faz uma pesquisa bibliográfica percorrendo a trajetória literária de Alberto da Cunha Melo desde seu primeiro livro *Círculo cósmico* (1966) a *Meditação sob os lajedos* (2002). O estudo divide a obra do poeta em três fases, pelas quais suas obras são distribuídas. Dos livros publicados nesse período, apenas *Yacala* não é analisada, justificando-se, a autora, que na análise dessa obra “utilizamos como referencial teórico o conceito de “poesia-resistência” de Alfredo Bosi, já aplicado pelo renomado mestre, quando da análise desse livro”.

Palavras-chave: Pesquisa bibliográfica; Poesia-metalinguagem; Poesia-resistência.

Uma estranha beleza: entrevista com o poeta Alberto da Cunha Melo. In: *Cronos: Revista de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN*, v.5/6, n.1/2. NATAL: EDUFRN, 2000, p.317-33, jan/dez, 2004/2005. Disponível em <<http://ufrn.emnuvens.com.br/cronos/article/view/3251>> Acessado em 25 de setembro de 2013.

A entrevista organizada por Cláudia Cordeiro reuniu quinze críticos brasileiros que fizeram vinte e seis questões ao poeta Alberto da Cunha Melo. Esse trabalho realizou-se nos períodos de 2004 a 2005 e explora diversas características da obra do autor: a estruturação de seus textos; o diálogo com outros escritores; dificuldades de publicação;

comparação com autores renomados, entre outras indagações. Vale ressaltar que em muitas de suas respostas o autor descreve seu processo criativo, demonstrando que o trabalho de poeta não é apenas inspiração.

Palavras-chave: Crítica literária; Diálogo com a tradição; Poeta pernambucano.

Respeito à poesia. *Plataforma para a poesia*. 2009. Disponível em <<http://www.albertocmelo.com/?p=248>>, acessado em 14/01/2015.

Homenagem ao poeta, no sítio virtual do autor, em publicação dedicada ao Tributo a Alberto da Cunha Melo, em que a esposa e curadora de sua obra, Cláudia Cordeiro, fala da obra do autor, da tradução de seus manuscritos e da relação com outros escritores.

Palavras-chave: A noite da longa aprendizagem; tributo a Alberto da Cunha Melo.

CORDEIRO, Marcus. Luz e força sobre o mangue do nordeste. *Plataforma para a poesia*. 2000. Disponível em <http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/marcos_ensaios.htm> Acessado em 27 de setembro de 2013.

Em seu ensaio, o autor reflete sobre a poesia nordestina, exemplificando por meio da obra *Yacala*, de Alberto da Cunha Melo, como os personagens do autor fundem-se com qualquer personagem da nossa realidade. Para o autor, **Yacala** discute a evolução da miséria no nordeste e em todo o Brasil. Além da fome como causa da mortalidade, o autor retrata a violência urbana: estupros, homicídios indiscriminados e institucionalizados. “*Yacala* é o retirante de si mesmo, da sina de ser brasileiro do nordeste, da pré-determinação política da miséria e da violência nordestina brasileira, estrangeiro numa terra hostil e desumana”. Além do caráter semântico, Marcus Cordeiro trata da composição do poema, abordando suas características estilísticas e estruturais.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; miséria nordestina; violência.

COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. Assim era meu amigo e poeta maior Alberto da Cunha Melo. *Blog Cenas e coisa da vida*. 2008. Disponível em <http://cenasecoisasdavidia.blogspot.com.br/2008/10/tributo-ao-poeta-maior-alberto-da-cunha_8442.html> Acessado em 20 de setembro de 2013.

A reportagem foi escrita como forma de tributo ao poeta Alberto da Cunha Melo, um ano depois de sua morte. A homenagem ao autor deve-se ao nome do *blog Cenas e coisa da vida*, que Sobrinho dedicou a Cunha Melo. Trata-se de um texto em forma de agradecimento e reconhecimento ao poeta que marcou uma geração de escritores pernambucanos.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; *Blog*; Pedro Vicente da Costa Sobrinho.

CUNHA, Martins V. Alberto da Cunha Melo e as tocaias da poesia. *Dicta e contradicta*. 2011. Disponível em < <http://www.dicta.com.br/as-tocaias-da-poesia/> > Acessado em 23 de setembro de 2013.

Nessa reportagem discute-se a dificuldade dos autores fora do eixo Rio/São Paulo em divulgarem suas obras e, principalmente, terem elas reconhecidas pelo seu valor estético. O autor apresenta a obra **Dois caminhos e uma oração**, de Alberto da Cunha Melo, descrevendo a maestria e o talento do poeta em utilizar uma técnica própria para “recuperar a fagulha de sagrado que existe em todos nós”. Martins V. Cunha, além de analisar a obra de Cunha Melo, faz uma importante reflexão sobre os rumos que a literatura brasileira tem tomado nas últimas décadas, de modo que a arte em si mesma já não tem tanto valor mediante as necessidades mercadológicas.

Palavras-chave: Crítica literária; Estrutura semântica; Recepção crítica.

DOURADO, Erica Roberta. Épica e modernidade em *Yacala*, de Alberto da Cunha Melo. In: *Simpósio Internacional de Letras e Linguística*. Anais do Silel. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 3. p. 1-10. Disponível em < http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_905.pdf >, acessado em 12 de novembro de 2013.

Artigo em que a obra *Yacala* é estudada com o objetivo de compreender as peculiaridades formais e temáticas desta composição como poema narrativo; observando a configuração das interrelações épicas e líricas, enquanto gêneros literários no contexto contemporâneo, marcado pela ruptura de fronteiras conceituais, como elementos estruturais e temáticos para a realização do poema *Yacala*.

Palavras-chave: literatura épica clássica; poema longo moderno; poema narrativo.

Os elementos estruturais e a constituição de *Yacala* enquanto poema narrativo. In: 3º CIELLI Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Anais do CIELLI. Maringá, 2014. Disponível em <
<http://www.cielli2014.com.br/conteudo/72/programacao-dos-simposios-e-das-sessoes-de-comunicacao>>, acessado em novembro de 2014.

No resumo dessa comunicação, refletiu-se sobre a métrica adotada em *Yacala*, a estruturação rítmica do poema e o efeito produzido pelas figuras de linguagem que serviram de base para compreender a composição estrutural da obra.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; literatura épica clássica; poema longo moderno.

Alberto da Cunha Melo - a repercussão da obra na internet. In: XII Seminário Internacional de Estudos Literários 'Avatares do Folhetim'. Anais do SEL "Avatares do folhetim". UNESP: Assis, 2014. Disponível em <
<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/resumos-do-xii-selsetembro2014.pdf>>, acessado em outubro de 2014.

Nesse resumo, demonstrou-se que a rede social *facebook* é uma ferramenta importante na busca de textos do autor, contribuindo de forma significativa para a elaboração desse texto, uma vez que essa ferramenta trouxe informações relevantes para a execução do trabalho, o que em si revela novas vertentes para a exploração de estudos sobre fortuna crítica.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; *facebook*; mídia digital.

Yacala: os elementos narrativos na obra de Alberto da Cunha Melo. In: II Encontro de Grupos de Pesquisa em Letras e Linguística do Centro-Oeste. UFMS: Três Lagoas. 2014. Disponível em <

<http://cptl.ufms.br/manager/titan.php?target=openFile&fileId=537>>, acessado em janeiro de 2015.

Resumo em que se aborda a forma composicional como uma das maiores preocupações de Alberto da Cunha Melo: vocábulo preciso, combinações sonoras, ritmo que constrói a ideia. O poeta demonstra vínculo com a tradição clássica ao utilizar os versos octossílabos, além de manter o diálogo com a cultura popular.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; literatura épica clássica; poema narrativo.

O épico e a modernidade em Alberto da Cunha Melo. *In: Anais do IV Rede CO3*. Três Lagoas, 2013. Disponível em <http://www.redeco3.com.br/?Eventos___IV_Simp%C3%B3sio>, acessado em dezembro de 2013.

A realização de um estudo sobre um poema narrativo de autor contemporâneo trouxe informações, questionamentos e outras reflexões relevantes para compreensão do processo de formação/elaboração da tradição literária e cultural brasileira. A obra de Alberto Cunha Melo, exemplifica a renovação da poesia brasileira, em que a relação/problematização entre o clássico e o moderno configuram-se como elementos essenciais. O poema *Yacala*, de Alberto da Cunha Melo, nesse sentido, serviu de modelo para o conjunto da obra de seu autor.

Palavras-chave: Poema narrativo; literatura épica clássica; poema longo moderno.

FARIA, Alvaro Alves de. O cão de olhos amarelos. *Gazeta do Povo* (Rascunho). 2006. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc8_alvaro_af.htm> Acessado em 05 de outubro de 2013.

A resenha faz uma descrição sucinta da trajetória do poeta e destaca a composição da obra em estudo. Alvaro A. de Faria discorre sobre as duas partes que compõem o livro: a primeira, formada por poemas escritos em *renkas* (forma poética japonesa) e, a

segunda, poemas que já haviam sido escritos anteriormente, mas que não foram publicados.

Palavras-chave: Estrutura semântica; *Renka*; Versos octossílabos.

FARIA, Norma Maria Godoy. *Metapoesia e profecia em Alberto da Cunha Melo*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2005.

Dissertação em que a pesquisadora estuda os efeitos da metapoesia e o fazer poético de Alberto da Cunha Melo.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; Metapoesia.

Um ginasta da palavra, com engenho e arte. *Jornal do Commercio*. 2000. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/_2001/1203/cu0412_5.htm> . Acessado em 12 de janeiro de 2015.

Artigo ressaltando a qualidade estética e estrutural de Alberto da Cunha Melo, comparando-o, para isso, a nomes da poesia brasileira como Manuel Bandeira, Drummond e João Cabral de Melo Neto. A autora destaca que “Em Alberto Cunha Melo o emergente é o homem enquanto ser social inquieto, na dose certa do lírico, do épico, do dramático”.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; épico; poesia social.

A matriz socioexistencial na poética de Cunha Melo. *Entrelinhas da literatura pernambucana*. Recife: Bagaço, 2014. p. 167 – 191.

Nesse artigo, Norma Maria Godoy Faria ressaltar aspectos que se fundem na obra de Alberto da Cunha Melo: estético, existencial e social. A temática mais recorrente, como descrito pela pesquisadora, é em torno da “impossibilidade de se estar bem no mundo”.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; recursos estilístico-linguístico; socioexistencialismo.

FELICÍSSIMO, Gustavo. A força da poesia de Alberto da Cunha Melo. *Cronópios*. Disponível em < <http://cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=2822>>. Acessado em 15 de outubro de 2013.

O texto publicado logo após a morte do poeta, relata o percurso literário de Cunha Melo e descreve algumas de suas obras, entre elas *Oração pelo poema*, *Yacala*, *Meditação sob os lajedos* e *O cão de olhos amarelos*. Felicíssimo reflete que após a morte de Alberto da Cunha Melo e Bruno Tolentino paira a necessidade de “renovação ou ampliação do cânone literário das universidades e escolas brasileiras, pois estas pouco têm se mostrado capazes de empreenderem tal incursão”. O autor descreve, também, a técnica adotada por Alberto da Cunha Melo na composição de suas obras.

Palavras-chave: Ampliação do cânone literário; Crítica literária; Retranca.

Considerações sobre o verso de oito sílabas. *Cronópios*. Disponível em <<http://cronopios.com.br/site/critica.asp?id=3541>>. Acessado em 15 de outubro de 2013.

Ao tratar dos versos octossilábicos, Gustavo Felicíssimo elenca uma série de autores que utilizaram esse tipo de verso na composição de seus poemas. No entanto, ressalta que Alberto da Cunha Melo foi o único capaz de utilizar essa métrica concedendo-lhe ritmo e melodia. Na reportagem, Felicíssimo discute sobre o uso da retranca, forma criada por Cunha Melo, e cita outros autores que têm utilizado essa estrutura para compor seus poemas.

Palavras-chave: Retranca; Versos octossílabos.

Procura & outros poemas. *Página virtual - Alberto da Cunha Melo*. 2014. Disponível em <<http://www.albertocmelo.com/?p=412>>, acessado em 14 de janeiro de 2015.

Alberto da Cunha Melo foi homenageado no dia 15 de novembro de 2014, na FLIPORTO, onde Gustavo Felicíssimo lançou a segunda edição de seu livro *Procura &*

Outros Poemas. Na obra, o autor adota a forma poética retranca, criada por Alberto da Cunha Melo, como forma de homenagear o poeta.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; Fliporto; Procura & outros poemas.

FERREIRA, Ermelinda. Meditação sobre os lajedos. *Plataforma para a poesia*. Disponível em < <http://plataforma.paraapoesia.nom.br/midias/?p=1019>>. Acessado em 16 de setembro de 2013.

O artigo faz uma comparação entre a estátua esculpida por Rodin e o livro de Alberto da Cunha Melo, com mesmo nome de seu artigo. Na explanação, Ermelinda Ferreira descreve que Rodin ergue à matéria um elogio em forma humana; em seu livro, por outro lado, o poeta pernambucano ergue ao humano um elogio em forma de matéria. A poesia do autor oscila entre a consciência de sua grandeza e a certeza do fim. Os poemas, muitos com nomes femininos, mergulham na vida doméstica, na vida das ruas, revelando que através da matéria, “a vida parece sondar a capacidade do ser, de amar e de suportar a capacidade a consciência de sua própria finitude.”.

Palavras-chave: Arte como auto-reflexão; Existencialismo.

FERREIRA, Izacyl Guimarães. Identidade e variantes de Alberto da Cunha Melo. *Portal UBE* – SP. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc5_izacyl.htm >. Acessado em 22 de setembro de 2013.

A reportagem discute a obra *O cão de olhos amarelos & outros poemas inéditos* reforçando a identidade de uma poesia rigorosa e inventiva em boa parte do livro. Na primeira parte, que dá nome ao livro, os poemas são escritos em *renkas*, denunciando a condição humana. A segunda parte, composta por textos esparsos, o poeta publica poemas que se encontravam guardados por anos. Izacyl Guimarães Ferreira reflete que para além das duas formas pessoais (*renka* e retranca), o que surpreende é a versatilidade dos poemas curtos da maior seção do livro, em que além da amargura, sempre à espreita, há humor, crítica social, ternura.

Palavras-chave: Identidade poética; *Renka*; Retranca.

HELIO, Mario. A ordem fatal das coisas vivas – poesia filosófica de Alberto da Cunha Melo. *Plataforma para a poesia*.

Disponível em < http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/mario_ensaios.htm >
Acessado em 10 de outubro de 2013.

O autor associa a poesia de Cunha Melo a escritores como Lorca, Juan Rulfo, RigVeda, Ribeiro Couto, entre outros. O autor faz uma profunda reflexão sobre as questões filosóficas: “é possível pensar a consciência desvinculando-o da fatalidade que parece haver marcado para sempre a existência humana? Encontrará na morte o homem a libertação? Será possível também ser livre na vida?” Todas essas questões são respondidas por meio de exemplificações.

Palavras-chave: Existência humana; Questões filosóficas; Tragicidade da vida.

INSTITUTO HISTÓRICO DE JABOATÃO. *Geração 65 no VII Workshop de História e Geografia do IHJ*. Princípios: IHJ. 2014 . Disponível em
<<http://www.albertocmelo.com/?p=229>>, acessado em 05 de fevereiro de 2015.

O Instituto Histórico de Jaboatão (IHJ), presidido por Ivaldo Montarroios, no dia 26 de setembro de 2014, homenageou a Geração 65, que em 2015 completará cinquenta anos. No painel *Geração 65*, tem-se uma foto de componentes desse movimento poético ao lado do poema *Certo Sertão*, de Alberto da Cunha Melo.

Palavras-chave: Alberto da Cunha MELO; Geração 65; Instituto Histórico de Jaboatão.

JORNAL CULTURA NORDESTINA. *Século XX*. Poema de capa do Jornal da Cultura Nordestina – 1ª. Edição, 28 de setembro de 2014. Disponível em
<<http://www.albertocmelo.com/?p=209>> , acessado em 13 de janeiro de 2015.

Na seção Homenagem-Literatura, o Jornal da Cultura Nordestina homenageia Alberto da Cunha Melo publicando um de seus poemas na capa da primeira edição do jornal.

Palavras-chave: Homenagem; jornal da Cultura Nordestina; Alberto da Cunha Melo.

JUNQUEIRA, Ivan. Diálogo cortante com Kafka nos poços profundos da angústia. *O Estado de S. Paulo – Caderno 2*. 2006. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc11_ijunqueira_estadao.htm> Acessado em 10 de outubro de 2013.

Nessa reportagem, o autor salienta que Cunha Melo optou pelo uso de repetições na escrita de *O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos*, uma vez que essa era uma de suas falhas como escritor. Para sanar tal lacuna, o escritor faz uso das *renkas* ao escrever os poemas dessa obra. Junqueira reitera, ainda, o rigor da escrita do poeta, que não se rende aos modismos para tornar seu livro mais acessível, até porque mesmo com rigor estético, a obra de Melo não dificulta a leitura mesmo de leitores menos acostumados com a poesia.

Palavras-chave: Concisão; Emoção; *Renka*; Rigor estético; Paralelismos.

LACERDA, Ângela. Poetas e prosadores têm abrigo no Recife. *Jornal O Estado de São Paulo*. 2003.

A reportagem apresenta o Instituto Maximiano Campos, que surgiu com a intenção de divulgar a obra do poeta e escritor pernambucano Maximiano Campos, mas que expandiu explorando a obra de autores conceituados, mas desconhecidos em âmbito nacional, como é o caso de Alberto da Cunha Melo. A autora faz alusão, também, a Geração 65 e alguns de seus autores.

Palavras-chave: *Dois caminhos e uma oração*; Geração 65; Instituto Maximiano Campos.

LEAL, César. Três análises sobre o livro *Carne de terceira* de Alberto Cunha Melo. *Diário de Pernambuco*. 1998. Disponível em <<http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/tri2004julcesar.htm>> Acessado em 05 de outubro de 2013.

A resenha aponta questões inerentes a obra *Carne de terceira* que devem ser respondidas para que haja compreensão da obra. A primeira análise recai sobre os problemas da poesia e a teoria do poema, para se compreender que a forma de quartetos octossilábicos, de versos brancos, utilizada por Cunha Melo é extremamente original. A segunda questão é sobre a forma fixa adotada pelo poeta, composta por um quarteto, um dístico, um terceto e um dístico final. A última análise volta-se ao campo temático, demonstrando os temas mais recorrentes na obra de Cunha Melo.

Palavras-chave: Forma fixa; Poesia; Teoria do poema.

LUCENA, Karine Braga de Queiroz. Considerações estéticas sobre a violência em *Yacala*, de Alberto da Cunha Melo. *Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura*. 2010. Disponível <http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Karine_Braga_de_Queiroz_Lucena.pdf> Acessado em 05 de outubro de 2013.

O artigo traz um estudo sobre *Considerações estéticas sobre a violência em Yacala*, de Alberto da Cunha Melo. Nesse trabalho, discute-se sobre o lugar da poesia na atualidade. A autora utiliza-se da obra *Yacala* para exemplificar um estilo de texto que circunda entre a tradição e o novo, sem perder a originalidade da escrita.

Palavras-chave: Poema narrativo; Retranca; Violência.

MARINHO, Antonio. Ao mestre com total respeito. *Plataforma para a poesia*. 2006. Disponível em < <http://www.albertocmelo.com/marinho2.htm>> Acessado em 04 de outubro de 2013.

Antonio Marinho homenageia Alberto da Cunha Melo escrevendo-lhe um poema ressaltando os valores da poesia do poeta pernambucano.

Palavras-chave: Alberto Cunha Melo; Homenagem; Poema.

MARINHO, Ivan. *Alberto da Cunha Melo: poeta homenageado do Viva a pernambucidade* — *Viva IX*. 2006. Disponível em

<http://www.albertocmelo.com/hom_ivanmarinho.htm>, acessado em 22 de janeiro de 2015.

Homenagem a Alberto da Cunha Melo em forma de poema, ressaltando a grandiosidade da escrita do poeta pernambucano.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; Ivan Marinho; Viva IX.

Junto com o sol, se põe Alberto da Cunha Melo. *Interpoética*. 2007. Disponível em <http://www.interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1047&catid=0>, acessado em 08 de janeiro de 2015.

Homenagem póstuma ao poeta pernambucano que faleceu em 13 de outubro de 2007. Ivan Marinho descreve alguns episódios vividos ao lado do poeta e da relação que este mantinha com outros poetas contemporâneos. Ressalta, ainda, a relação de Alberto Cunha Melo e a poeta Celina de Holanda.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; *Interpoética*; poeta pernambucano.

MELO, José Eduardo Martins de Barros. Os independentes no centro do Recife. *Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira Contemporânea*. 2012. Disponível em <<http://www.gepec.unir.br/anais/htdocs/pdf/Jose%20Eduardo%20Martins%20de%20Barros%20Melo.pdf>> Acessado em 03 de outubro de 2013.

O artigo apresenta um estudo sobre o grupo de escritores independentes de Pernambuco. Para isso, traça uma trajetória da literatura pernambucana caracterizando a Geração 65 como uma precursora deste movimento. Alberto da Cunha Melo é mencionado pelo escritor como um importante poeta que prezou pela estética da escrita.

Palavras-chave: Escritores independentes do Recife; Geração 65.

MOLITERNO, Isabel de Andrade. *Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma abordagem estilística do texto*. USP. 2007. Disponível em

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-07072008-095609/pt-br.php>>

Acessado em 10 de setembro de 2013.

Tese de que aborda questões teórico-metodológicas sobre a estilística, para, posteriormente, apresentar um panorama da obra do autor. A autora estuda a obra do autor dividindo-a em quatro partes, enfocando, em cada uma delas, a imagem como elemento essencial para sua análise.

Palavras-chave: Efeitos de sentido; Estilística; Poesia brasileira.

MOLITERNO, Isabel de Andrade. Ordem e caos em “Relógio de ponto”. *Plataforma para a poesia*. 2012. Disponível em <http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/isabel_ensaios.htm> Acessado em 16 de setembro de 2013.

Isabel de Andrade Moliterno nesse artigo faz uma análise do poema “Relógio de ponto”, publicado no livro *Publicação do corpo*. Nesse estudo, a autora aponta para a visão racionalista do mundo – racional e ao mesmo tempo lírica. Alberto da Cunha Melo, nesse poema, utiliza-se da linguagem conotativa para conferir diversos sentidos ao seu texto. Partindo de uma análise estrutural, Moliterno desconstrói o poema e reconstrói, ao final, o seu sentido.

Palavras-chave: Forma fixa; *Publicação do corpo*; Rigor estético.

MOTA, Urariano. O poeta imortal que não vemos. *Comunique-se*. 2004. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc12_urariano_mota.htm> Acessado em 08 de outubro de 2013.

A homenagem de Urariano Mota à Alberto da Cunha Melo surge com a apresentação de um poema do poeta homenageado e segue com uma descrição do cotidiano de Cunha Melo, com quem Mota conviveu. Ao fazer a leitura do texto, é impossível não se encantar com descrição que Urariano Mota faz de seu amigo. Por meio de suas palavras,

o leitor consegue visualizar de onde surge a matéria prima para a poesia do autor. Ao final, a ideia que fica, é de uma amizade gratuita e da admiração que Mota nutre pelo poeta Cunha Melo.

Palavras-chave: Alberto Cunha Melo; Leitura clássica; Homenagem.

Para o retrato de um amigo. *La insígnia*. 2007. Disponível em < http://www.lainsignia.org/2007/enero/cul_011.htm> Acessado em 08 de outubro de 2013.

Urariano Mota presta homenagem ao amigo Alberto da Cunha Melo, relatando apenas a amizade que nutre por Alberto da Cunha Melo, sem tratar da sua poética, mas nem por isso deixando de revelar a essência criadora do poeta.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; Homenagem.

MOURA, Ivana. A poesia não é mercadoria. *Diário de Pernambuco* (Caderno Viver). 2006. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc10_ivana_moura.htm> Acessado em 06 de outubro de 2013.

Em entrevista concedida a Ivana Moura, Alberto da Cunha Melo é questionado sobre a produção de seu livro *O cão de olhos amarelos & outros poema inéditos*. A entrevistadora faz uma apresentação do poeta, mostrando um breve histórico de sua bibliografia. Cunha Melo é questionado, ainda, sobre as vantagens de se publicar de forma independente e por meio de uma editora, bem como sobre seu processo de criação.

Palavras-chave: Criação literária; Geração de 65; Processo editorial.

MOURA, Walter Cabral de. *O cão de olhos amarelos*. 2006. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc6_wcm.htm> Acessado em 22 de setembro de 2013.

A resenha apresenta o livro identificando as cinco partes da qual ele é composto: a primeira, que dá título à obra, possui vinte e nove poemas octossilábicos. As quatro partes seguintes agrupam-se nos *Outros poemas inéditos*. Segundo Moura, a poesia de Cunha Melo é personificadora, mesmo que de forma anônima há sempre um reconhecimento por parte do leitor.

Palavras-chave: Forma fixa; Poema octossilábico; *Renka*.

NÊUMANE, José. Cunha Melo: o outro poeta de Pernambuco para o Brasil. *Plataforma para a poesia*. 2003. Disponível em < http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/neumanne_ensaios9.htm > Acessado em 29 de setembro de 2013.

Em sua reportagem, José Nêumane faz considerações sobre a obra *Dois caminhos e uma oração*, que para o autor representa, ao mesmo tempo, uma revelação e um regate. Traçando um panorama sobre a Geração 65, Nêumane inclui Alberto da Cunha Melo como poeta que se consolidou por sua escrita rígida, mas que não foi reconhecido fora dos limites regionais do nordeste.

Palavras-chave: *Yacala*; *Meditação sobre os lajedos*; *Oração pelo poema*; *Retranca*.

Heróis brasileiros. *Jornal da Paraíba* (Coluna Direto ao assunto). 2006. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc9_neumanne.htm > Acessado em 29 de setembro de 2013.

Em nota publicada no *Jornal da Paraíba* José Nêumane ressalta a importância da publicação de *O cão de olhos amarelos & Outros poemas inéditos* num tempo em que a maior preocupação das livrarias é o quantitativo de venda e não a qualidade da arte que se é vendida.

Palavras-chave: Lançamento *O cão de olhos amarelos & Outros poemas inéditos*.

NOGUEIRA, Erico. A façanha de Alberto da Cunha Melo. *Terra Magazine*. 2013. Disponível em < <http://terramagazine.terra.com.br/erico-nogueira/blog/2013/08/01/a-facanha-de-alberto-da-cunha-melo/>> Acessado em 18 de setembro de 2013.

Reportagem que relata a trajetória literária de Alberto Cunha Melo e traz um pequeno histórico-bibliográfico do autor. Ressalta que a obra do autor é dividida em três partes, marcando fases distintas do poeta. Para Nogueira, Cunha Melo representa a classe de autores que não são estudados pois sua temática ou estilo de escrita não correspondem as necessidades de mercado editorial. O crítico salienta que *Yacala*, é um poema narrativo que merece ser estudado tanto pela estrutura inovadora, quanto pelo teor temático.

Palavras-chave: *Yacala*; Poema narrativo; Retranca.

RAMOS, Cristiano. Deserto Particular. *Gazeta do Povo* (Rascunho). 2012. Disponível em < <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/deserto-particular/>> Acessado em 18 de setembro de 2013.

Em *Deserto Particular*, Cristiano Ramos apresenta alguns autores da Geração 65 e destaca Alberto da Cunha Melo, enfatizando suas obras e descrevendo sua trajetória literária. *Yacala* é descrito como poema narrativo que foi bem recebido por críticos como Alfredo Bosi e Bruno Tolentino.

Palavras-chave: Geração 65; *Yacala*.

RODRIGUES, Henrique. A técnica da escrita simples. *Jornal do Brasil*. (Caderno Ideias & Livros - Poesia, p. 2.) Disponível em < http://www.albertocmelo.com/alberto_fc.htm> Acessado em 06 de setembro de 2013.

A técnica da escrita simples é uma resenha de Henrique Rodrigues sobre a obra *O cão de olhos amarelos & outros poemas inéditos*. Em sua análise, o autor identifica as duas partes do livro. A primeira, composta por *renkas*, onde cada estrofe é composta por cinco versos, dos quais os dois últimos irão se repetir no início da estrofe seguinte. Essa disposição dos versos evoca um paralelismo de ideias que, aliado à rima constitui o

fundamento da própria poesia. A segunda parte é formada por diversos poemas que ainda não tinham sido publicados.

Palavras-chave: *Renka*; Paralelismos.

RODRIGUES, José Mario. A tragédia de todos os dias em “Yacala”, de Alberto da Cunha Melo. *Jornal do Commercio*. 2000. Disponível em <
http://www2.uol.com.br/JC/_2001/1203/cu0412_6.htm >, acessado em 13 de janeiro de 2015.

Trata-se de um artigo explorando as características formais e temáticas da obra *Yacala*. O autor destaca que os acontecimentos trágicos são recorrentes na literatura, mas que ao utilizar-se de um tema tão explorado, Alberto da Cunha Melo soube impor ao seu trio de personagens características singulares que os transformam em representantes da “tragédia brasileira de todos os dias”, sem que para isso sejam meramente caricatos. Ressalta-se, ainda, o valor estético da obra.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; literatura pernambucana; tragicidade.

SANTOS, André Maranhão. Alberto da Cunha Melo: um ressuscitador da poética. *Blog André Maranhão Santos*. 2006. Disponível em <
<http://andremaranhao.blogspot.com.br/2006/12/alberto-da-cunha-melo-um-ressuscitador.html> > Acessado em 15 de outubro de 2013.

Nesse texto, o autor salienta o lado profissional de Alberto da Cunha Melo, que paralelo ao ofício de escritor, trabalhava no setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. André Maranhão Santos ressalta o gosto do autor pela estética apurada de suas obras, como é o caso de *O cão de olhos amarelos & Outros poemas inéditos*.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; estética literária; versos octossílabos.

SILVA, Deonísio. Gosto de ler Alberto da Cunha Melo. *O cão de olhos amarelos & Outros poema inéditos*. Prefácio. 2006. Disponível em <http://www.albertocmelo.com/alberto_fc_02.htm> Acessado em

O prefácio de *O cão de olhos amarelos & Outros poema inéditos*, escrito por Deonísio Silva e intitulado Gosto de ler Alberto da Cunha Melo é uma rica homenagem ao poeta. Deonísio Silva inicia seu texto situando diferentes escritores distribuídos pelo Brasil e, que a sua maneira, representam suas regiões. O intuito é demonstrar que muitos autores ainda são desconhecidos do grande público, sendo suas leituras restritas apenas a pequenos grupos locais. Não pela qualidade da obra, ao contrário, mas pela falta de divulgação. Para Deonísio Silva, os versos de Cunha Melo levam o leitor a pensar, a refletir sobre a existência humana.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; Estética literária.

SILVA, Djanira. Na poesia de Alberto da Cunha Melo, a visão de um mundo violentado. *Jornal da Cultura Nordestina* – 1ª edição. Recife. 2014. Disponível em <<http://www.albertocmelo.com/?p=205>>, acessado em 13 de janeiro de 2015.

Artigo em que a autora descreve o processo de escrita de Alberto da Cunha Melo, ressaltando que não é um texto de fácil compreensão, uma vez que o poeta vai do visível ao invisível, assim como do natural ao sobrenatural sem precisar, para isso, de mudanças drásticas em sua forma de escrita. A sutileza percorre suas linhas, mas a complexidade temática e escrita também fazem parte de seus textos.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; complexidade poética; violência.

SILVA, Liliane Maria Jamir e. *A metáfora do vazio na poesia de Alberto da Cunha Melo*. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc8_ensaio_ljamir.htm > Acessado em 14 de outubro de 2013.

Liliane Maria Jamir e Silva em seu artigo “*A metáfora do vazio na poesia de Alberto da Cunha Melo*” propõe uma leitura crítica de alguns poemas de Alberto da Cunha Melo, observando a composição poética, as metáforas, o aspecto ideológico e o caráter de resistência revelado em seus textos.

Palavras-chave: Metáforas; Ideologias; Poesia-resistência.

SOARES, Francisco. Alberto da Cunha Melo: Colagem feita com versos de Alberto. Plataforma para a poesia. *Plataforma para a poesia*. Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc7_fs_poe.htm > Acessado em 15 de outubro de 2013.

Francisco Soares homenageia Alberto da Cunha Melo com colagem de diversos versos do poeta, constituindo um único poema.

Palavras-chave: Alberto da Cunha Melo; Colagem; Homenagem.

TOLENTINO, Bruno. *Opus nigrum* da dor que nos liberta. *Dois caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa, 2003, p. 341 – 347.

No posfácio de *Dois caminhos e uma oração*, Bruno Tolentino compara Alberto da Cunha Melo a um cineasta, que consegue de forma harmoniosa o horror e a beleza. Por meio de inúmeras comparações, Tolentino ressalta a importância de Alberto da Cunha Melo para o cenário da literatura brasileira. A técnica de escrita adotada por Cunha Melo leva o leitor a pensar e enveredar-se pelas trilhas da literatura.

Palavras-chave: Cânone literário; Estética literária.

A tentação em Yacala. *Revista Bravo*. 1999. Disponível em <<http://plataforma.paraapoesia.nom.br/midias/?p=1051>>, acessado em 22 de novembro de 2014.

Resenha sobre *Yacala* (1999), em que o autor analisa a obra ressaltando sua estrutura e o amadurecimento de Alberto da Cunha Melo quanto ao uso de octossilábicos. Além disso, faz-se comparações do poeta a outros autores consagrados como João Cabral de Neto e Cecília Meireles.

APÊNDICE 4. LEVANTAMENTO NUMÉRICO DE TEXTOS POR CATEGORIA

Entrevistas	-	2
Homenagens	-	11
Menção	-	1
Nota	-	1
Resenha crítica	-	5
Reportagem publicada em <i>blog</i>	-	8
Reportagem publicada em periódico	-	5

Artigo	-	10
Dissertação de mestrado	-	1
Ensaio publicado em <i>blog</i>	-	1
Ensaio publicado em livro	-	1
Orelha	-	1
Prefácio	-	2
Posfácio	-	2
Livro	-	1
Tese de doutorado	-	1
Resumo	-	4

4.1 Levantamento numérico dos textos ano a ano¹⁶

¹⁶ Cronologia de acordo com o primeiro e o último texto analisado.

ANO	TEXTOS
1998	1
1999	1
2000	5
2003	4
2004	1
2005	4
2006	14
2007	4
2008	2
2009	1
2010	1
2011	1
2012	4
2013	2
2014	9
S/d.	4

APÊNDICE 5. ÍNDICES

5.1 Índice alfabético pela *internet*

Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura

Disponível em

<http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Karine_Braga_de_Queiroz_Lucena.pdf>

Anais do III SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira Contemporânea

Disponível em

<<http://www.gepec.unir.br/anais/htdocs/pdf/Jose%20Eduardo%20Martins%20de%20Barros%20Melo.pdf>>

Anais do Silel - Simpósio Internacional de Letras e Linguística

Disponível em < [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_905.pdf)

[content/uploads/2014/04/silel2013_905.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_905.pdf)>

Anais do CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários.

Disponível em < <http://www.cielli2014.com.br/conteudo/72/programacao-dos-simposios-e-das-sessoes-de-comunicacao>>

Anais do SEL - XII Seminário Internacional de Estudos Literários 'Avatares do Folhetim'

Disponível em < <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/resumos-do-xii-selsetembro2014.pdf>>

Anais do II Encontro de Grupos de Pesquisa em Letras e Linguística do Centro-Oeste.

Disponível em < <http://cptl.ufms.br/manager/titan.php?target=openFile&fileId=537>>

Anais do IV Rede CO3. Três Lagoas, 2013. Disponível em

<http://www.redeco3.com.br/?Eventos___IV_Simp%C3%B3sio>

Blog André Maranhão Santos

Disponível em <<http://andremaranhao.blogspot.com.br/2006/12/alberto-da-cunha-melo-um-ressuscitador.html>>

Blog Cenas e coisa da vida

Disponível em < http://cenasecoisasdavidia.blogspot.com.br/2008/10/tributo-ao-poeta-maior-alberto-da-cunha_8442.html>

Cadernos FAFIRE (volume 4)

Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc8_ensaio_ljamir.htm>

Comunique-se

Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc12_urariano_mota.htm>

Correio da Paraíba.

Disponível em <www.interjornal.com.br>

Cronópios

Disponível em < <http://cronopios.com.br/site>>

Cronos: Revista de Pós-graduação em Ciência Sociais da UFRN

Disponível em < <http://ufrn.emnuvens.com.br/cronos/article/view/3251>>

Diário de Pernambuco

Disponível em < <http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/tri2004julcesar.htm>>

Dicta e contradicta

Disponível em< <http://www.dicta.com.br/as-tocaias-da-poesia/>>

Gazeta do Povo (Rascunho)

Disponível em < <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/deserto-particular/>>

Interpoético

Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc7_fs_poe.htm>

Jornal do Brasil (Caderno Ideias e Livros)

Disponível em < http://www.albertocmelo.com/alberto_fc.htm>

Jornal do Commercio

Disponível em< http://www2.uol.com.br/JC/_2001/1203/cu0412_6.htm >

Jornal O Estado de São Paulo

Versão impressa

Jornal da Paraíba (Coluna Direto ao assunto)

Disponível em <http://www.albertocmelo.com/fc6_abasilio.htm>

La insígnia

Disponível em < http://www.lainsignia.org/2007/enero/cul_011.htm>

Plataforma para a poesia

Disponível em < <http://www.albertocmelo.com>>

Portal UBE – SP

Disponível em < http://www.albertocmelo.com/fc5_izacyl.htm >

Terra Magazine

Disponível em < <http://terramagazine.terra.com.br/erico-nogueira/blog/2013/08/01/a-facanha-de-alberto-da-cunha-melo/>>

5.2 Índice alfabético de autores

ALBUQUERQUE, Demetrio.....	2014
BARBOSA FILHO, Hildelberto.....	2006
BASILIO, Astier.....	07/05/2006
BOSI, Alfredo.....	2000 Abril de 2006 2006
CARPEGGIANI, Schneider.....	2000
CHULATTA, Katia Abreu.....	2012
CORDEIRO, Claudia.....	2003 2004/2005 2009
CORDEIRO, Marcus.....	s/d.
COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente.....	13/10/2008
CUNHA, Martins V.....	05/10/2012
DOURADO, Erica R.	2013 2014
FARIA, Alvaro Alves de.....	23/06/2006
FARIA, Norma Maria Godoy.....	200 2005 2014
FELICÍSSIMO, Gustavo.....	28/10/2007 25/09/2008 2014
FERREIRA, Ermelinda.....	s/d.
FERREIRA, Izacyl Guimarães.....	s/d.
HELIO, Mario.....	s/d.
INSTITUTO HISTÓRICO DE JABOATÃO.....	2014
JORNAL DA CULTURA NORDSTINA.....	2014

JUNQUEIRA, Ivan.....	26/11/2006
LACERDA, Ângela.....	28/11/2003
LEAL, César.....	1998
LUCENA, Karine Braga de Queiroz.....	2010
MARINHO, Antonio.....	09/05/2006
MARINHO, Ivan.....	2006 2007
MELO, José Eduardo Martins de Barros.....	20-25/05/2012
MOLITERNO, Isabel de Andrade.....	2007 20/02/2012
MORAES, Francisco.....	s/d.
MOTA, Urariano.....	07/03/2004 07/01/2007
MOURA, Ivana.....	07/05/2006
MOURA, Walter Cabral de.....	06/06/2006
NÊUMANE, José.....	2003 28/06/2006
NOGUEIRA, Erico.....	01/08/2013
RAMOS, Cristiano.....	Novembro de 2012
RODRIGUES, Henrique.....	19/08/2006
RODRIGUES, José Mario.....	2000
SANTOS, André Maranhão.....	05/12/2006
SILVA, Deonísio.....	2006
SILVA, Djanira.....	2014
SILVA, Liliane Maria Jamir e.....	2005

SOARES, Francisco.....	s/d.
TOLENTINO, Bruno.....	1999
	2003

APÊNDICE 6. Memorial

Muitas vezes já pensei em minha trajetória escolar, mas escrevê-la é um trabalho bastante diferente que requer voltar ao passado e relembrar momentos que foram primordiais na minha formação. Escrever esse memorial, portanto, é buscar reminiscências de um processo estudantil em que é possível datar apenas o início, pois está em fase constante de construção.

A finalização do curso de Magistério, em 2003, habilitava-me a trabalhar como professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental de séries iniciais, mas era preciso a realização de um curso superior. O mais viável era cursar Pedagogia, já que possuía conhecimentos na área e me identificava com a profissão. No entanto, nas atividades realizadas no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – CEFAM, em Araçatuba/SP, identificava-me com um público mais velho, com quem gostava de desenvolver projetos de redação e leitura. Assim, em meados de 2003, época em que têm início as inscrições para o vestibular, optei por me inscrever para o curso de Letras.

A notícia que havia passado no vestibular da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul foi gratificante, uma vez que a realização de um curso superior só seria possível em uma instituição pública. Foi assim que, no início de 2004, retornei mais uma vez ao Mato Grosso do Sul para cursar Letras, no *campus* de Três Lagoas.

Lembro-me da minha primeira aula na faculdade. A professora de Iniciação à Literatura começou com o conto *Venha ver o pôr-do-sol*, de Lygia Fagundes Telles. Ambos, autora e conto, já me eram familiares, mas a forma como aquela professora deu início à aula fez toda a diferença, pois a paixão que ela revelava pelos textos abordados contagiava toda a sala e foi com essa mesma professora que descobri autores e obras que fazem da literatura um mundo cheio de fantasia e de realizações possíveis. Tive outros professores igualmente contagiantes como a professora Sheila Maciel Dias, de Literatura e, alguns outros que me permitiram perceber que a graduação é o início de um longo caminho, quando o desejo é enveredar pelo mundo acadêmico, como o professor José Batista de Sales, do qual, hoje, sou orientanda.

Entre 2004 e 2007, período em que realizei a graduação, tive a oportunidade de estudar com ótimos professores, participar de eventos, publicar resumos. Dessa época, ficaram as lembranças das amizades construídas e o conhecimento adquirido. No primeiro ano da graduação, participei da *I Exposição e Jornada de educação: Memória*

e Identidade dos cursos de Letras, História e Pedagogia, evento cuja intenção era resgatar o processo histórico dos cursos do primeiro campus da UFMS, na cidade de Três Lagoas. Esse evento ressaltou, ainda mais, a importância de entender a história por meio da arte e de preservá-la a fim de compreender as transformações culturais. Nesse mesmo ano, participei da oficina *A história da arte no Brasil* e do congresso *Entre o campo e a cidade: história e desafios da transdisciplinaridade*.

No ano de 2005, bem como no ano anterior, conciliava a faculdade com o trabalho de professora eventual, tanto da rede municipal quanto da rede estadual de ensino, de Brasilândia/MS. Nesse período, participei do *III Seminário de estudos da linguagem: alteridades e fronteiras* e das oficinas *Sociolinguística: a fala e a escrita* e *Análise do Discurso e a contemporaneidade multissemiótica*.

Algumas mudanças aconteceram no início de 2006: minha família mudou-se para a cidade de Aparecida do Taboado/MS e eu deixei de lecionar para trabalhar como redatora de um jornal. Ainda que escrever fosse minha função, esse novo trabalho era mecânico demais, comparado à dinâmica da sala de aula. Participar dos eventos acadêmicos tornava-se mais difícil, uma vez que o trabalho não permitia horários flexíveis. Mesmo assim, nesse ano, apresentei minha primeira comunicação: *Notas sobre a fortuna crítica de O mulato*, no *I Encontro de Letras: estudos linguísticos e literários*. Esse trabalho foi fruto da disciplina Crítica Literária, ministrada pela professora Sheila Dias Maciel, no ano anterior. Ainda em 2006, assisti ao *Colóquio sobre o Cinquentenário de Grande Sertão: veredas*.

O último ano da graduação, 2007, iniciou-se com duas certezas: o meu desejo de prosseguir estudando, o que exigiria passar no mestrado e, a mais difícil, dedicar-me a uma segunda língua, para poder realizar a prova de proficiência. Sabia das minhas limitações enquanto aluna de graduação, do quanto era inexperiente como leitora de teorias e de tudo que precisava ler e apreender para poder participar desse processo de seleção.

Diante dessas conclusões, percebi que precisava participar de outros eventos, não apenas como ouvinte, mas com apresentação de trabalhos. Participei, então, do *IV Seminário da Linguagem Caminhos e reflexões sobre os estudos linguísticos e literários*, apresentando a comunicação intitulada *Estágio - uma forma de (re)pensar a escola*, fruto das discussões da disciplina Estágio Supervisionado I, ministrado em 2006, pela professora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento. Ainda em 2007,

apresentei o trabalho *De Teresa a Teodora: os perfis femininos nas novelas camilianas*, no VII Encontro Estadual de Estudantes de História de Mato Grosso do Sul. Esse trabalho surgiu na disciplina Literatura Portuguesa II, ministrada pela professora Sheila Dias Maciel, após a leitura dos romances *Amor de salvação* e *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco. Como desdobramento desse trabalho e aproveitando a oportunidade de elaborar mais uma comunicação, participei do congresso *História em movimento: caminhos, cultura e fronteiras*, no qual apresentei o resumo *Literatura e História - retrato da mulher no século XIX nas novelas de Camilo Castelo Branco*.

Além desses eventos, em 2007, participei da organização do IV Seminário da *Linguagem Caminhos e reflexões sobre os estudos linguísticos e literários* e do I seminário *Mergulhando na Literatura Infanto-juvenil*, fruto do projeto de extensão coordenado pela professora Eliana da Mota Bordin de Sales. Outro trabalho significativo, nesse ano, foi a publicação, em co-autoria, do artigo *O arsenal teórico de Bakhtin: entre o estudo da linguagem e o ser social*, no volume 5, da revista Guavira. O trabalho foi produzido por todos os alunos da disciplina Análise do Discurso, ofertada pela professora Vânia M. Lescano Guerra.

Todo esse período em que estive na faculdade só fez aumentar as indagações, as reflexões em torno da educação e o desejo de prosseguir estudando. Assim, ao término de 2007, participei do processo seletivo para o mestrado em Letras, no mesmo campus em que estudava e, para minha surpresa e decepção, fui aprovada nas provas de proficiência e dissertativa de conhecimentos específicos, mas reprovei na entrevista.

A vontade de prosseguir estudando na pós-graduação não diminuiu após a reprovação no processo seletivo de mestrado, mas teve que ser adiada por algum tempo, pois conciliar trabalho e estudo nem sempre é uma tarefa possível.

Após concluir a graduação, mesmo não estando vinculada a nenhuma instituição de ensino, continuei participando de eventos a fim de não perder totalmente o contato com o meio acadêmico. Em 2008, participei do *Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários - CIELL - Identidades: considerações sobre a experiência*, em Três Lagoas. No ano seguinte, 2009, fiz o curso de complementação em espanhol pela Fundação Educacional de Santa Fé do Sul – FUNEC e, nesse ano, participei da *I Jornada Pedagógica do Instituto Superior de Educação*.

Em 2010, quando surgiu a oportunidade de realizar o curso de especialização *latu sensu* na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, achei interessante

voltar a estudar e dar início, novamente, a minha vida acadêmica. O curso realizado no campus de Paranaíba/MS teve início em agosto de 2010 e foi concluído em outubro de 2011. Durante esta pós-graduação, participei do *VIII Seminário em Educação e IV Colóquio de Pesquisa - Educação escolar: história, práticas e representações*, apresentando o trabalho *Letramento e exclusão social: considerações sobre alunos em processos de alfabetização*, sob orientação da professora Silvane Aparecida Freitas.

A conclusão da especialização em educação trouxe novas ideias e fez ressurgir a necessidade de continuar estudando. Após a conclusão da monografia intitulada *Letramento em perspectiva histórica – um estudo da Província Brasil* (2010), com orientação da professora Estela Natalina Mantovani Bertoletti, resolvi que precisava retomar os estudos e a realização do mestrado em Letras seria a melhor opção, já que mesmo atuando nas séries iniciais do ensino fundamental, os estudos em torno da Literatura era o que mais me fascinava.

O ano de 2012 foi crucial para retomar os estudos, uma vez que era meu terceiro ano como professora efetiva e, terminado o estágio probatório, poderia afastar-me para voltar estudar. Diante disso, comecei a preparar-me para o processo seletivo do curso de Mestrado, na área de Estudos Literários, da UFMS, no campus de Três Lagoas, o mesmo em que fiz a graduação. Mais difícil que as leituras, foi a elaboração do projeto de pesquisa, afinal não sabia exatamente o que pesquisar. Diante disso, elaborei um projeto voltado para a linha de pesquisa Historiografia Literária: recepção e crítica, intitulado *Folcloreando: a leitura de Sem palmeira ou sabiá, de Bartolomeu Campos de Queirós, nas séries iniciais*. Como se tratava de um texto recorrente na sala de aula e o autor ser objeto de estudo do professor José Batista de Sales, acreditei que poderia ser uma boa opção.

Passada as três fases do processo seletivo de 2013 e tendo sido aprovada, afastei-me do trabalho em Valparaíso/SP, e passei a dedicar-me apenas às disciplinas do mestrado e a elaboração de um novo projeto de pesquisa, orientada pelo professor José Batista de Sales. Logo no início do curso, fui contemplada com a bolsa da Capes, o que facilitou os estudos e, principalmente, a estadia em Três Lagoas/MS.

No primeiro semestre de 2013, matriculei-me nas disciplinas Teoria do Conto, ministrada pela professora Clara Ávila Ornellas; Seminários de dissertação, professor Rauer Rodrigues; Teorias do gênero poético, professor José Batista de Sales e Tópicos Especiais: Leituras e leitores na literatura brasileira, com os professores João Leonel e

Marisa Lajolo. Além das leituras e trabalhos exigidos pelas disciplinas, o mais difícil nesses primeiros meses foi definir o projeto de pesquisa que iria desenvolver ao longo do curso. De imediato, meu orientador deu duas opções de autores e livros: *O menino e o travesseiro* (1994), de Horácio Costa e *Yacala* (1999), de Alberto da Cunha Melo. Optei pelo segundo.

Descobrir um novo autor e toda a temática que o cerca foi instigante. Gostava dos poemas como leitora, de deliciar-me com as palavras e enveredar por suas entrelinhas. *Yacala* exigiu mais que isso: foi preciso adentrar pela teoria poética e narrativa para compreender o universo particular de um autor ainda pouco conhecido fora dos limites regionais de Recife. E, para essa tarefa, as disciplinas Teorias do gênero poético e Teorias da narrativa foram essenciais.

A partir do segundo semestre de 2013, iniciaram-se as apresentações de trabalhos em eventos, em paralelo às disciplinas que foram cursadas: Teorias da narrativa, ministrada pela professora Kelcilene Grácia Rodrigues; Fortuna crítica, pela professora Clara Ávila Ornellas; Tópicos especiais: crítica e ficção, por Rauer Rodrigues e Estágio Supervisionado. Para cada disciplina cursada, realizou-se um artigo final como proposta de avaliação. Consegui, dessa forma, desenvolver estudos em torno de alguns aspectos da obra em estudo, reunindo material para a dissertação. Exemplo dessas contribuições foi a elaboração da Fortuna crítica de Alberto da Cunha Melo (1998 – 2013) e o artigo refletindo sobre a degradação do espaço e do ser, em *Yacala*, respectivamente orientados pela professora Clara A. Ornellas e pelo professor Rauer Rodrigues.

No mês de outubro de 2013, participei do XIV Seminário de Estudos Literários, promovido pela Unesp, no campus de São José do Rio Preto, apresentando a comunicação *Figuras femininas e a tragicidade em “Balada das duas mocinhas de Botafogo”*; a publicação do artigo completo ainda está em fase de análise. Em novembro do mesmo ano, apresentei o resumo *Épica e modernidade em Yacala, de Alberto Cunha Melo*, no IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística, realizado pela Universidade Federal de Uberlândia, sendo que o artigo encontra-se publicado nos anais do evento. Em novembro, também participei do IV Simpósio da Rede Centro-Oeste de Pesquisa e Ensino em Arte, Cultura e Tecnologias Contemporâneas (Rede CO3), que ocorreu na UFMS, no campus de Três Lagoas. Nesse evento, apresentei meu projeto de pesquisa.

Após a conclusão dos créditos necessários, em 2014, matriculei-me apenas na disciplina Elaboração de dissertação. Todas as atividades realizadas nesse ano voltaram-se para a elaboração da dissertação. Em março, após entrar em contato com a esposa e curadora da obra de Alberto da Cunha Melo, tive a oportunidade de viajar à Recife/PE e conhecer a biblioteca do autor, os manuscritos de algumas de suas obras, a primeira versão do livro que estudo e uma série de elementos que contribui para a obra do poeta.

Para o segundo semestre, participarei de dois eventos com apresentação de trabalho, nos quais submeterei artigos para publicação. Prestes a realizar a qualificação, espero obter contribuições para que o trabalho em torno de *Yacala* possa, de alguma forma, trazer novas reflexões sobre a obra de um poeta ainda pouco estudado e que a conclusão do mestrado, com a defesa pública no início de 2015, seja apenas o começo de uma jornada acadêmica que se principia.